Telegram @clubederevistas



FEVEREIRO

Roxo



Laranja

Conscientização do Lúpus, Fibromialgia e Mal de Alzheimer

Combate à leucemia e incentivo a doação de sangue ou medula óssea

Para participar do nosso grupo no TELEGRAM, clique no ícone ao lado





CLUBE DE

REVISTAS



DOMINE O FATO. CONFIE NA FONTE.

Do carro ao voto, da lei ao conto, da notícia à crítica.

Entenda tudo que é preciso saber.

*Acesso ilimitado ao site e edições digitais de todos os títulos Abril, ao acervo completo de Veja e Quatro Rodas e todas as edições dos últimos 7 anos de Claudia, Superinteressante, VC S/A, Você RH e Veja Saúde, incluindo edições especiais e históricas. Acervos disponíveis a partir de dezembro de 2023. Pagamento único anual de R$104, equivalente a R$2 por semana.

veja
veja São Paulo
veja Rio
veja SAÚDE
veja Negócios
DIGITAL COMPLETO
QUATRO RODAS
CLAUDIA
VOCÊ RH
SUPER INTERESSANTE
VC S/A

Acesse **assine.abril.com.br**
ou aponte a câmera do celular para o código ao lado.



Telegram @clubederevistas



ÀS SUAS ORDENS

ASSINATURAS
www.assineabril.com.br

VENDAS CORPORATIVAS E VENDAS EM LOTE:
assinaturacorporativa@abril.com.br

ATENDIMENTO EXCLUSIVO PARA ASSINANTES:
minhaabril.com.br

WHATSAPP: (11) 3584-9200

TELEFONES: SAC (11) 3584-9200
Renovação 0800 7752112
De segunda a sexta-feira,
das 9h às 17h30



bril.com.br

EDIÇÕES ANTERIORES
Todo acervo publicado de Veja está no App Veja. Baixe aqui





LICENCIAMENTO DE CONTEÚDO
Para adquirir os direitos de reprodução de textos e imagens, envie um e-mail para:
licenciamentodeconteudo@abril.com.br

LICENCIAMENTO DE MARCA
Para inserir as marcas do Grupo Abril em produtos e negócios, envie um e-mail para:
licenciamento@abril.com.br

PARA ANUNCIAR NO ESPAÇO DIGITAL E IMPRESSO
e-mail: publicidade@abril.com.br

TRABALHE CONOSCO
https://talentosabril.vagas.solides.com.br



Fundada em 1950

Publisher: Fabio Carvalho

CEO e diretor de redação: Mauricio Lima



Diretor-adjunto: Sérgio Ruiz Luz

Redatores-chefes: Fábio Altman, José Roberto Caetano e Policarpo Junior
Editores-executivos: Amauri Barnabé Segalla, Monica Weinberg, Tiago Bruno de Faria **Editor-sênior:** Marcelo Marthe **Editores:** Alessandro Giannini, André Afetian Sollitto, Diogo Massaine Sponchiato, José Benedito da Silva, Juliana Machado, Marcela Maciel Rahal, Márcio Juliboni, Raquel Angelo Carneiro, Ricardo Vasques Helcias **Editores-assistentes:** Larissa Vicente Quintino **Repórteres:** Allaf Barros da Silva, Amanda Capuano Gama, Bruno Caniato Tavares, Camila Cordeiro Alves Barros, Camila Koester Pati, Diego Gimenes Bispo dos Santos, Felipe Barbosa da Silva, Felipe Branco Cruz, Gustavo Carvalho de Figueiredo Maia, Isabella Alonso Panho, Juliana Soares Guimarães Elias, Kelly Ayumi Miyashiro, Laísa de Mattos Dall'Agnol, Luana Meneghetti Zanobia, Lucas Henrique Pinto Mathias, Luiz Paulo Chaves de Souza, Maria Eduarda Gouveia Martins Monteiro de Barros, Meire Akemi Kusumoto, Natalia Hinoue Guimarães, Nicholas Buck Shores, Paula Vieira Felix Rodrigues, Pedro do Val de Carvalho Gil, Pedro Henrique Lenzi Pupulim, Ramiro Brites Pereira da Silva, Simone Sabino Blanes, Valéria França, Valmar Fontes Hupsel Filho, Valmir Moratelli Cassaro **Sucursais:** ***Brasília*** **— Chefe:** Policarpo Junior **Editor-executivo:** Daniel Pereira **Editor-sênior:** Robson Bonin da Silva **Editoras-assistentes:** Laryssa Borges, Marcela Moura Mattos **Repórteres:** Hugo Cesar Marques, Ricardo Antonio Casadei Chapola ***Rio de Janeiro*** **— Chefe:** Monica Weinberg **Editores:** Ricardo Ferraz de Almeida, Sofia de Cerqueira **Repórteres:** Amanda Péchy, Caio Franco Merhige Saad, Ludmilla de Lima, **Estagiários:** Gisele Correia Ruggero, Julia Sofia Silva, Leticia Viana Gabriel de Souza Yamakami, Ligia Greco Leal de Moraes, Maria Fernanda Firpo Henningsen, Mariana Carneiro de Souza, Paula de Barros Lima Freitas, Sara Louise França Salbert, Thiago Gelli Carrascoza **Arte — Editor:** Daniel Marucci **Designers:** Ana Cristina Chimabuco, Arthur Galha Pirino, Luciana Rivera, Ricardo Horvat Leite **Fotografia — Editor:** Rodrigo Guedes Sampaio **Pesquisadora:** Iara Silvia Brezeguello Rodrigues **Produção Editorial — Secretárias de produção:** Andrea Caitano, Patrícia Villas Bôas Cueva, Vera Fedschenko **Revisora:** Rosana Tanus **Colaboradores:** Alexandre Schwartsman, Cristovam Buarque, Fernando Schüler, José Casado, Lucilia Diniz, Maílson da Nóbrega, Murillo de Aragão, Ricardo Rangel, Vilma Gryzinski, Walcyr Carrasco **Serviços internacionais:** Associated Press/Agence France Presse/Reuters

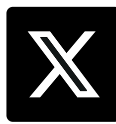
www.veja.abril.com.br



www.youtube.com/vejapontocom



Instagram: @vejanoinsta



X: @VEJA

CO-CEO Francisco Coimbra, **VP DE PUBLISHING (CPO)** Andrea Abelleira, **DIRETOR DE TECNOLOGIA** Filipe Gomes, **DIRETOR DE DISTRIBUIÇÃO E NOVOS NEGÓCIOS** Erik Carvalho, **DIRETOR DE PUBLICIDADE** Ciro Hashimoto, **GERENTE-EXECUTIVA DE PROJETOS ESPECIAIS** Juliana Caldas

Redação e Correspondência: Rua Cerro Corá, 2175, lojas 101 a 105, 1º andar, Vila Romana, São Paulo, SP, CEP 05061-450

VEJA 2 930 (ISSN 0100-7122), ano 58, nº 6. VEJA é uma publicação semanal da Editora Abril. **VEJA** não admite publicidade redacional.

IMPRESSA NA PLURAL INDÚSTRIA GRÁFICA LTDA.
Av. Marcos Penteado de Ulhôa Rodrigues, 700, Tamboré, Santana de Parnaíba, SP, CEP 06543-001

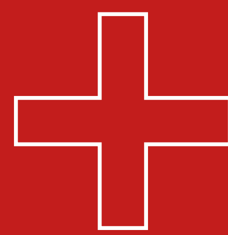






www.grupoabril.com.br







Superinteressante agora tem cadernos!

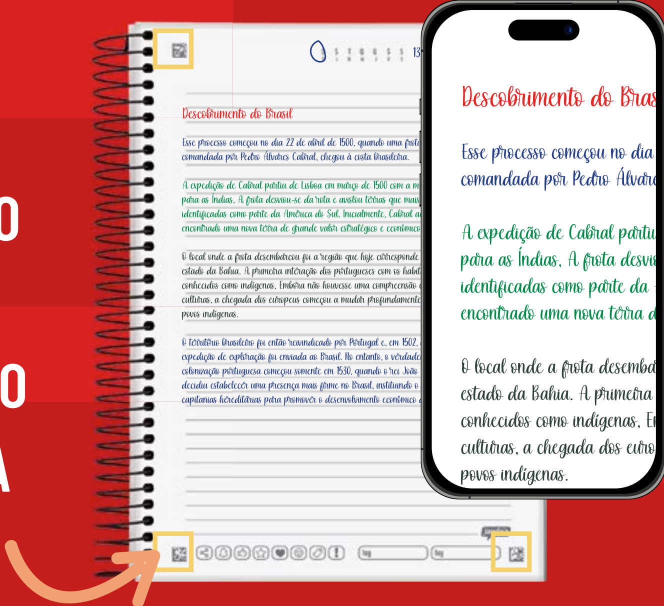


ESCANEIE E FIQUE POR DENTRO
DE TODAS AS NOVIDADES,
CANAIS E REDES SOCIAIS
DA JANDAIA.

O CONHECIMENTO É UMA AVENTURA

EQUIPADO COM JandaIA

ESCANEIE A PÁGINA
DO CADERNO COM O APP
E LEVE O CONTEÚDO DIRETO
PARA O SEU CELULAR.
INTERAJA COM O CONTEÚDO
ATRAVÉS DA INTELIGÊNCIA
ARTIFICIAL!



ACESSE!



Acesse aqui e
compre agora o seu.
Veja aqui também conteúdo exclusivo!

Telegram @clubederevistas

BRENNO CARVALHO/AGÊNCIA O GLOBO



INSTITUCIONAL O PGR, Paulo Gonet *(à esq.)*, e os presidentes dos poderes da República: harmonia total apenas na foto

O EQUILÍBRIO NECESSÁRIO

REGISTRADA NA SEGUNDA 3, a foto acima mostra as maiores autoridades do país em clima de harmonia. Ao lado do PGR, Paulo Gonet, estão os presidentes Davi Alcolumbre (Senado), Luís Roberto Barroso (Judiciário), Luiz Inácio Lula da Silva (Executivo) e Hugo Motta (Câmara). O clima do retrato é diametralmente oposto ao do retrato do dia a dia. Os conflitos entre os poderes da República vêm se agravando nos últimos anos. Adiamento de discussões prioritárias, acusações de usurpação de atribuições e contaminação da polarização política nos debates técnicos estão entre as consequências nefastas desse tipo de disputa. É alto o custo

Telegram @clubederevistas

gerado pela constante medição de forças entre os poderes da República — e, infelizmente, os sinais no horizonte não inspiram otimismo.

A despeito dos acenos de pacificação feitos nos discursos dos novos líderes do Senado e da Câmara, que conquistaram vitórias expressivas na eleição do sábado 1º, assuntos ainda não resolvidos devem se transformar em novos capítulos de fricção entre os poderes, a começar pela polêmica das emendas. Dentro desse jogo de poder no qual o Palácio do Planalto está em desvantagem por não ter uma base política sólida *(veja a reportagem "Estabilidade movediça"),* muitos parlamentares acusam o STF de agir de forma alinhada ao governo, via inquéritos que seriam direcionados contra membros da oposição, na tentativa de o Executivo reassumir o controle do Orçamento.

O Supremo, por sua vez, diz agir apenas motivado pelo necessário aumento da transparência na destinação dos recursos. Não há como negar a importância de jogar mais luzes sobre a distribuição dessa dinheirama. Na maior parte das vezes, essas verbas têm como único objetivo manter irrigados os currais políticos dos "donos" das emendas. O problema não são apenas as obras desnecessárias. Investigações em curso já revelaram suspeitas cabeludas de corrupção. Ocorre que o mesmo Congresso que reclama da intervenção do STF nas emendas deveria ter feito a depuração do processo, aperfeiçoando mecanismos para evitar práticas pouco republicanas. Há também uma clara omis-

Telegram @clubederevistas

são do Congresso em discussões fundamentais, como a necessária regulação das big techs — apesar disso, não faltam queixas de parlamentares em relação ao STF, que tomou a dianteira na análise do tema.

Quando os poderes atuam de maneira harmônica, os ganhos são enormes e evidentes. No caso das relações entre Executivo e Legislativo, a aprovação da reforma tributária é um dos melhores exemplos de como um debate de alto nível pode gerar consensos e permitir que a nação avance em temas fundamentais. É preciso replicar essa prática em outras áreas importantes, como segurança pública e meio ambiente. A multiplicação de crimes virou uma das maiores preocupações dos brasileiros, enquanto as deficiências de fiscalização e a impunidade aos infratores estão entre as causas da destruição de nossos biomas — não bastasse a perda das riquezas, há o constrangimento para o país diante do resto do mundo, sobretudo no ano em que será o anfitrião da COP30. A busca de harmonia e equilíbrio entre Executivo, Judiciário e Legislativo é uma questão urgente para o Brasil. O clima de paz não pode ficar apenas na foto institucional. ■

Encontrar o melhor da gastronomia ficou ainda mais fácil

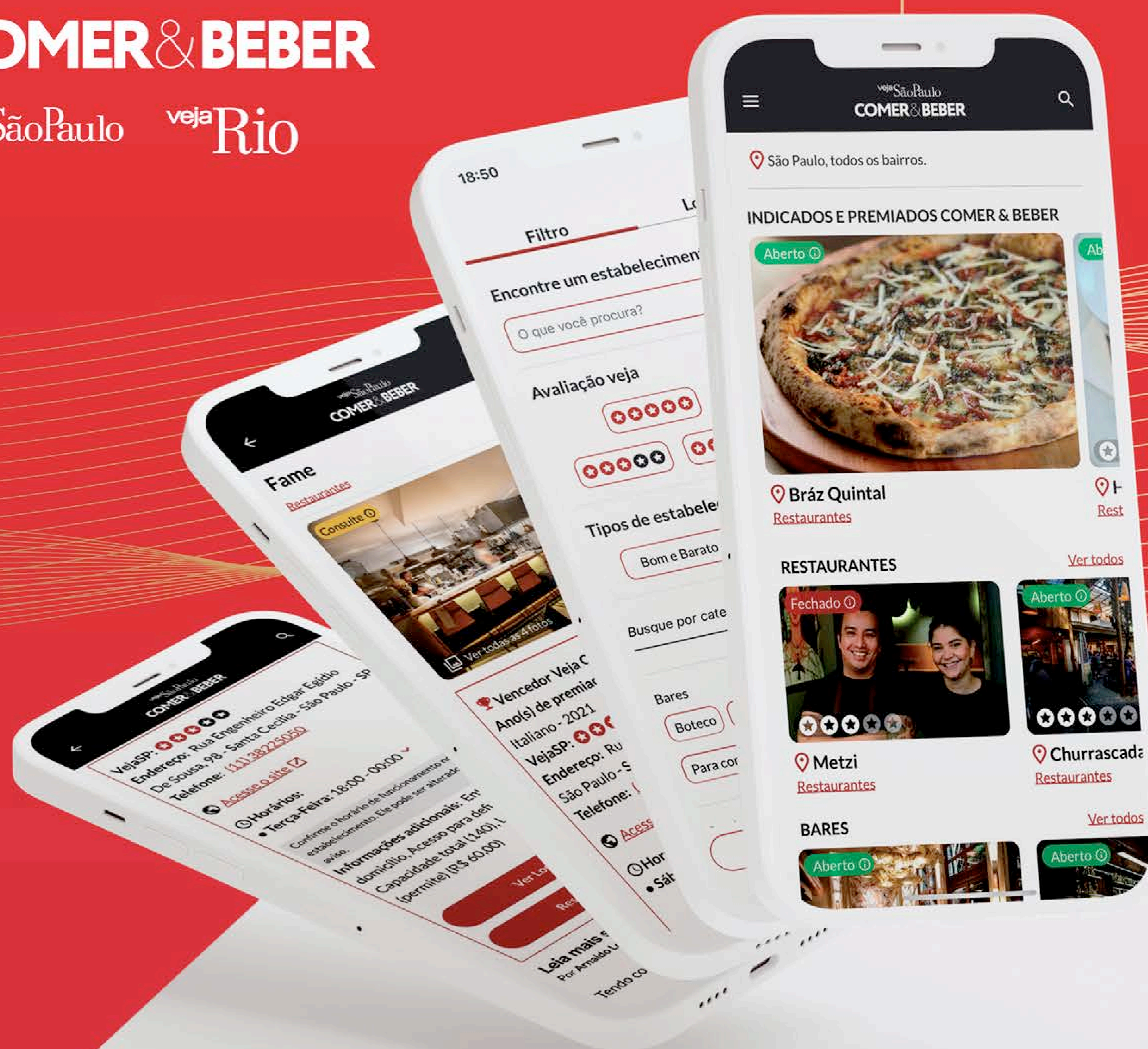
Os melhores endereços gastronômicos de São Paulo e Rio de Janeiro agora reunidos no aplicativo COMER & BEBER. Encontre rapidamente a experiência gastronômica que procura dentro do app:

- **PESQUISE POR REGIÃO**
- **ESTABELECIMENTOS SEPARADOS POR CATEGORIAS**
- **RESENHAS COMPLETAS COM AVALIAÇÃO DE ESPECIALISTAS**
- **RESERVA DE MESA ANTECIPADA**

APLICATIVO

COMER & BEBER

veja São Paulo veja Rio



BAIXE AGORA NO SEU CELULAR



DISPONÍVEL NO Google Play



Baixar na App Store

DM9

JHSF
SURPREENDENTE

O EMPREENDIMENTO ÚNICO COM AMENITIES INÉDITOS E A EXCELÊNCIA JHSF AGORA

É REALIDADE



SPA INTERNACIONAL



PISCINA DE SURF AMERICAN WAVE MACHINES



CENTRO DE TÊNIS E PICKLEBALL



HOTEL BOA VISTA SURF LODGE



CAMPO DE GOLF COM 18 BURACOS



TOWN CENTER INSPIRADO EM CARMEL



JÁ É REALIDADE TAMBÉM VIVER NO MEIO DE TUDO ISSO COM O SURF LODGE RESIDENCES, O GOLF RESIDENCES E OS LOTES RESIDENCIAIS.

CONHEÇA TAMBÉM O GRAND LODGE RESIDENCES, O SURFSIDE RESIDENCES E O VILLAGE HOUSES.

BOA VISTA
VILLAGE
GOLF · SURF · TÊNIS · EQUESTRE · TOWN CENTER

VEJA ESSA NOVA REALIDADE



VISITE O SHOWROOM • VENDAS: 11 3702.2121 • 11 97202.3702 • atendimento@centraldevendasfbv.com.br

Aviso Legal: O presente se refere aos loteamentos e às incorporações do Boa Vista Surf Lodge, do Boa Vista Golf Residences, do Grand Lodge Hotel & Residences, do Surfside Residences e do Village Family Offices registradas no RGI de Porto Feliz/SP e a futuros lançamentos da JHSF. Os projetos e memoriais de incorporação ou de loteamento dos futuros empreendimentos estão sujeitos à respectiva aprovação pela Prefeitura de Porto Feliz/SP e demais órgãos competentes e ao registro nas matrículas dos imóveis. As amenities referentes à piscina para prática de surf, ao spa, ao equestre e aos clubes de tênis, esportivo e de golfe não integrarão os futuros lançamentos e/ou as incorporações já registradas. O uso de tais amenities será feito de acordo com as regras previstas na Convenção de Condomínio de cada incorporação imobiliária, no Estatuto Social da Associação Boa Vista Village já constituído e nos regulamentos específicos. A JHSF poderá desistir do lançamento dos futuros empreendimentos. As ilustrações, fotografias, perspectivas e plantas deste material são meramente ilustrativas e poderão sofrer modificações a critério da JHSF e/ou por exigência do Poder Público. O memorial de incorporação ou do loteamento e o instrumento de compra e venda prevalecerão sobre quaisquer informações e dados constantes deste material. Intermediação comercial pela Conceito Gestão e Comercialização Imobiliária Ltda. CRECI 029841-J. Telefones (11) 3702-2121 e (11) 97202-3702.

Telegram @clubederevistas


CLAUDIO REIS

CHEGA DE SEGREDOS

Ministro garante que investigações da Controladoria-Geral da União seguem critérios puramente técnicos e defende a prática da transparência como a vacina mais eficiente contra a corrupção

MARCELA MATTOS

Telegram @clubederevistas

QUANDO SE REUNIU com o presidente Lula para sacramentar sua nomeação como ministro-chefe da Controladoria-Geral da União (CGU), o advogado Vinicius Marques de Carvalho recebeu a tarefa de trabalhar duro para evitar que casos de corrupção eclodissem no terceiro mandato do petista. Desde então, foi deflagrada quase uma centena de operações do órgão em conjunto com a PF. A mais barulhenta delas, batizada de Overclean, espalhou tensão por envolver empresários e políticos num esquema que movimentou mais de 1 bilhão de reais em contratos suspeitos — dinheiro oriundo das controversas emendas parlamentares. As investigações têm acertado alguns alvos da oposição, o que alimenta rumores de que o governo federal, além de estar sob blindagem, direcionaria as ações de fiscalização. Carvalho nega e diz que um dos desafios de sua gestão é dar o máximo de transparência a dados públicos sem expor a intimidade das autoridades — assunto que esquentou na quarta-feira 5, com a revelação feita pela coluna Radar, de VEJA, de que o MPF investiga o Planalto por omitir informações sobre filhos de Lula e da primeira-dama Janja. Confira a seguir os principais trechos da entrevista com o ministro.

Qual sua principal missão na CGU? Ao me convidar para o cargo, o presidente Lula foi explícito em dizer que eu tinha de trabalhar para que a gente não tivesse de conviver com escândalos de corrupção. Esse foi o principal pedido

Telegram @clubederevistas

que ele fez. Desde o começo do governo enfrentamos o desafio de rever a Lei de Acesso à Informação (LAI) e os sigilos indevidos colocados pelo governo de Jair Bolsonaro. Essa agenda se mostrou decisiva. Por causa dela, descobrimos a fraude na carteira de vacinação do ex-presidente, que levou à prisão do *(ex-ajudante de ordens)* Mauro Cid. Depois, a Polícia Federal aprofundou as investigações e chegamos ao detalhamento da tentativa de golpe de Estado e ao plano de assassinato do presidente — toda essa loucura. É um trabalho histórico que começou aqui.

Apesar desse caso bem-sucedido, a CGU é criticada por manter sigilo sobre determinadas questões relativas ao atual governo, principalmente em relação à Pre-

“Desdobramentos políticos no sentido de atingir pessoas que tenham ou não mandato são uma consequência do trabalho técnico. Politizar o combate à corrupção não é um caminho saudável”

Telegram @clubederevistas

sidência da República. É importante dizer que este governo restabeleceu que a transparência é a regra e o sigilo é exceção. Existem previsões legais de situações de sigilo e de restrição de acesso à informação. O que acontecia no governo Bolsonaro era uma deturpação dos sigilos impostos pela lei. Não se dava acesso, por exemplo, à entrada de visitas no Palácio Planalto ou nos ministérios, usando o argumento de que eram dados pessoais. Isso não existe mais.

As críticas de falta de transparência feitas ao governo atual não são justas? Não concordo com as críticas. Posso assegurar que não existem mais abusos, o que não significa que não haja situações de restrição de acesso que sejam legítimas. A gente sabe que, onde não tem transparência, tem privilégio. Onde tem privilégio, tem corrupção. Onde tem corrupção, tem falta de confiança e perda de legitimidade. E, assim, há um risco democrático. É esse ciclo que a transparência permite interromper. Ela é um meio para garantir que a população possa ter instrumentos para confiar no Estado e no governo.

O que deve continuar com restrições de acesso em relação à Presidência da República? Considero que questões claramente relacionadas à segurança e, por exemplo, à alimentação do presidente e de seus familiares precisam ter acesso restrito. E não é assim apenas no Brasil.

Questões de segurança, porém, podem ser invocadas para impedir acesso a muitas informações. Os gastos com o cartão corporativo do presidente por exemplo. Qual seria o ponto de equilíbrio? As pessoas falam: "Abriu o do Bolsonaro, mas não abriu o do Lula". Sim, porque a regra da lei é que esses gastos são liberados ao final do mandato. Não cabe à CGU definir as questões sobre o que é ou não segurança do presidente.

Não é abusivo manter em segredo informações sobre os gastos ou a agenda da primeira-dama? É importante ressaltar que alguns gastos são sigilosos pelo simples motivo de ela ser a primeira-dama. Isso é uma determinação do Gabinete de Segurança Institucional, vale para qualquer mandatário, e esses gastos são divulgados no final do governo. Sobre a agenda, é importante deixar claro que a primeira-dama exerce uma série de atividades relevantes para o país na defesa dos interesses das mulheres, na aliança global contra a fome e em outros temas. Essas agendas são públicas e, em muitas das situações, ela mesma as divulga.

O histórico médico do presidente não é de interesse público? É importante deixar claro que, quando se trata da saúde do mandatário, há um espaço de privacidade e outro que a população pode ter acesso. Eu não conheço nenhum presidente da República tão transparente quanto o

Telegram @clubederevistas

presidente Lula em relação à própria saúde. As informações que ele e o gabinete da Presidência concedem deixam muito claro o estado de saúde e as condições que ele tem para exercer sua função, trabalhando intensamente do jeito que ele trabalha.

O senhor compartilha da opinião de que as emendas parlamentares alimentam as maiores estruturas de corrupção que operam hoje no país? Na medida em que as emendas parlamentares ocupam um espaço cada vez maior no Orçamento é natural que os órgãos de controle aumentem a atenção sobre a execução desses recursos. Nós esbarramos em problemas, cada um com uma dimensão. Em alguns casos, eles se transformam em operações em conjunto com a Polícia Federal. A chamada Operação Overclean, por exemplo, é produto de uma auditoria da CGU que identificou suspeitas de superfaturamento em obras. E essa foi só uma das 47 operações que nós fizemos com a PF no ano passado. Se acharmos novas suspeitas de superfaturamento em obras pagas por emendas parlamentares, não tenham dúvidas de que elas vão ser investigadas e apuradas com o devido rigor.

Algumas autoridades dizem que essas operações são dirigidas politicamente contra os adversários do governo. Como responde a esse tipo de crítica? Isso não tem nenhum fundamento. Nós fazemos auditorias com base

Telegram @clubederevistas

em critérios técnicos e totalmente objetivos. Também há situações em que a CGU recebe denúncia ou que os auditores identificam possíveis superfaturamentos. Temos um robô que faz esse trabalho por meio de inteligência artificial e vasculha editais de licitação e outros tipos de informações, identifica possíveis desvios e aponta os problemas. Quando se trata de combater a corrupção, nós aplicamos a lei. Desdobramentos políticos no sentido de atingir pessoas que tenham ou não mandato são uma consequência do trabalho técnico que se faz. Politizar o combate à corrupção não é um caminho saudável. Tudo o que a gente não pode ter numa democracia é uma polícia políti-

“Se acharmos novas suspeitas de superfaturamento em obras pagas por emendas parlamentares, não tenham dúvidas de que elas vão ser investigadas e apuradas com o devido rigor”

ca. Não tenham expectativa de que a CGU, na minha gestão, vai se desviar do foco de fazer investigações técnicas e bem organizadas.

Como explicar o fato de muitos casos de corrupção apontados pela CGU até este momento se referirem a fatos ocorridos no governo anterior? Existem investigações em curso de situações que podem lá na frente se transformar, ou não, em casos de corrupção. Nós estamos monitorando e investigando o tempo inteiro, mas não posso adiantar as nossas apurações. O que eu posso dizer é que é compromisso do presidente Lula que se tenha um governo ético, que combata a corrupção. É, como eu já disse, uma orientação expressa que recebi do presidente quando ele me convidou para a CGU.

Não é constrangedor ter no governo um ministro – Juscelino Filho, das Comunicações – indiciado por corrupção? A auditoria desse caso, inclusive, teve início na CGU. É importante ressaltar: nós não temos nenhum ministro indiciado por corrupção em função da sua atividade como ministro do governo Lula. Quer dizer, não existe nenhuma situação envolvendo algum ministro do governo relacionada à corrupção na sua atuação como ministro. Indiciamento, aliás, não é condenação. Nós temos que ter esse cuidado.

O governo teve dois ministros acusados de assédio – Silvio Almeida, demitido dos Direitos Humanos, e a ministra Cida Gonçalves, das Mulheres. A CGU defende que se apresentem provas em situações do tipo. Isso não pode coibir as denúncias? Nós viemos de um período em que praticamente não se tratava assédio moral e sexual como um problema público. Era quase como se fosse um problema da vida privada das pessoas. É importante ressaltar que é, sim, um problema público. Enfrentar o assédio é uma prioridade. É natural que um governo que se abre a isso viabilize que as denúncias sejam feitas. Mas também é necessário separar o joio do trigo. Eu já recebi denúncia de assédio moral porque o chefe não dava bom dia. É muito relevante dar valor à palavra da pessoa que está fazendo a denúncia. Isso não significa inverter o ônus da prova e dizer que quem tem de provar a inocência é o denunciado.

Como diferenciar então uma situação de falta de educação do assédio moral ou um galanteio do assédio sexual? Nesse contexto, dar espaço às pessoas que são alvo desse tipo de situação é muito relevante. Pode existir alguma subjetividade, mas nos casos concretos é possível separar, sim. Até porque tem coisas que não devem nem podem ser feitas no local de trabalho. No caso do assédio moral, por exemplo, a reiteração da conduta é uma variável relevante, mas não é uma condição necessária. Você

pode ter um ato isolado que possa ser caracterizado como um assédio moral. A repetição ajuda a qualificar o crime.

O senhor já condenou as ações consideradas abusivas da Lava-Jato, particularmente as prisões preventivas alongadas, as delações premiadas e a concentração de investigações nas mãos de um único juiz. Como avalia as investigações do Supremo Tribunal em relação aos chamados atos golpistas? Eu não vou comentar uma investigação em curso no Supremo. O que eu posso dizer é que a Corte tem cumprido um papel decisivo na defesa do estado democrático de direito. Todas as medidas que o STF tem tomado estão acontecendo com respaldo na legislação e são discutidas pelos ministros. O Supremo teve um papel essencial na defesa da Constituição e da democracia nos últimos anos. A sociedade brasileira reconhece e a história certamente vai fazer jus a esse papel. ■

Telegram @clubederevistas

"FALTAM CINCO MINUTOS PARA 1933"



NA ANTESSALA das eleições parlamentares do dia 23, a Alemanha vive dias conturbados. Na quarta-feira 29, o Bundestag aprovou em votação simbólica um texto antimigração com o apoio do AfD, o partido de extrema direita. O acordo foi costurado pelo atual líder da oposição, Friedrich Merz, do CDU, partido democrata-

MASSIMO DI NONNO/GETTY IMAGES

Telegram @clubederevistas

cristão, favorito para o pleito do fim do mês. É muito possível que ele suceda ao premiê social-democrata Olaf Scholz. O acerto, com 348 votos a favor, 345 contra e 10 abstenções, acendeu o rastilho de pólvora dos protestos, por representar virada inaceitável. Há um consenso no país, chamado de *brandmauer,* o equivalente a porta corta-fogo, que barra qualquer aliança com os extremistas. Merz rompeu a barreira, como se ultrapassasse o cordão sanitário. Resultado: apenas em **Berlim, no domingo 2, mais de 160 000 pessoas foram às ruas.** Alguns levavam cartazes com uma frase incômoda: “Faltam cinco minutos para 1933”, referência ao ano em que Adolf Hitler foi eleito chanceler, com imenso apoio popular, e o resto é história. Merz ensaiou recuo, ao dizer que no poder jamais se associaria ao AfD, mas o estrago está feito. Angela Merkel, ex-chanceler, predecessora no comando do CDU, criticou severamente o companheiro de sigla. Não demorou para que um lema se espalhasse pelas ruas, atrelado aos apelidos dos personagens: “Fritz, ouça a *Mutti*”. Merkel, durante seu governo, era chamada de *Mutti,* a “mãezinha”. É conselho de bom senso, no avesso da estupidez radical. ■

Fábio Altman

Telegram @clubederevistas

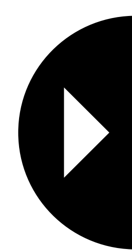
“TODOS MERECEMOS UMA CHANCE”

Aos 62 anos, a atriz vencedora do Oscar fala do retorno ao universo de *Star Trek* com o filme *Seção 31*, do Paramount+, e de seu papel na luta por representatividade asiática em Hollywood



JEFF SPICER/GETTY IMAGES

MANTRA A artista: “Tudo é trabalho, dedicação, perseverança, mas vale a pena”



Telegram @clubederevistas

O que a atrai em papéis ambientados em universos ficcionais que mesclam realidades paralelas e fantasia, como a Evelyn de *Tudo em Todo Lugar ao Mesmo Tempo* (2022) — que lhe rendeu um Oscar — e Philippa Georgiou, que a senhora reprisa agora em *Star Trek: Seção 31?* Bom, a Georgiou é muito durona, ela faz o que quer e o que diz que vai fazer. O que acontece em *Seção 31* é que você consegue ver o lado vulnerável dela e ter um pouco de compreensão de sua origem, de como ela se tornou o que se tornou. Esse tipo de coisa é sempre um desafio para um ator: ser capaz de interpretar um personagem que todo mundo olha e só pensa: "Essa é uma megera deslavada".

Como assim? O lado interessante de personagens assim é que elas permitem mostrar uma nuance diferente capaz de fazer o público refletir. Esse lado contraditório da Georgiou é uma coisa intrigante que leva as pessoas a pensar: bom, talvez você não deva fazer certas coisas, mesmo que fique tentado a tomar decisões erradas. Acho que esses são os tipos de personagens mais divertidos e desafiadores de interpretar.

O que acha mais fascinante no universo de Star Trek? O universo *Star Trek* existe há muito tempo e há uma boa razão para isso. Ele nos dá uma sensação de otimismo, de esperança, de que talvez no futuro estejamos

Telegram @clubederevistas

todos unidos, com uma diversidade total, igualdade e tudo o mais. E que juntos faremos não apenas da Terra um lugar melhor, mas de toda a galáxia, onde podemos viver em harmonia. Essa tem sido a essência da série desde que ela foi lançada pela primeira vez, muitos e muitos anos atrás, em 1966. Acho que é isso que nos atrai em *Star Trek*, porque é o que queremos para nós.

Sua carreira é bem diversa, com direito a uma histórica vitória no Oscar, como a primeira asiática a ganhar o troféu de melhor atriz. Sente que seu trabalho contribui para a representatividade das mulheres asiáticas em Hollywood? Sinto que sim, é muito importante, porque é nisso que venho trabalhando por toda a minha carreira. Todos nós merecemos uma chance, apenas uma oportunidade de poder dizer: "Ei, olhe para nós! Ouça as nossas histórias. Veja o que temos a oferecer. Deixe-nos ter essa chance de poder trabalhar".

Acha que esse movimento tem surtido efeito? Lentamente, mas com certeza dá para ver que a maré está mudando. Ainda precisamos trabalhar muito, muito duro nisso. Não podemos simplesmente nos acomodar e dizer que está tudo bem e fácil. Nunca é fácil. Tudo é trabalho, dedicação, perseverança, mas vale a pena. ■

Kelly Miyashiro

Telegram @clubederevistas

UM PEIXE PARA QUALQUER ÁGUA

INSTAGRAM @PELE



Telegram @clubederevistas

Ele era conhecido como o "Curinga da Vila", dada a capacidade de atuar em diversas posições, da defesa ao ataque — ia bem como zagueiro, a posição original; na lateral, em qualquer lado; e lá na frente. **Lima** jogou pelo Santos de 1961 a 1971, com 692 jogos e 63 gols. Era um grande amigo de Pelé, dentro e fora do gramado, a ponto de ser chamado com frequência para as festas de Natal e Ano Novo. A amizade, que seria fortalecida nos vestiários da Vila Belmiro, começou a rigor em um episódio histórico — com Lima do outro lado de campo.

Ele estava no time grená do Juventus, em 1959, na partida em que o rei fez seu mais belo gol, ao driblar quatro defensores com sucessivos chapéus, até estufar a rede. O lance não foi acompanhado pelas câmeras de TV, daí a mítica em torno dele. No filme *Pelé Eterno,* de 2004, a jogada foi reconstituída por computador, a partir de depoimentos do camisa 10 e de Lima, que não foi um dos driblados. Depois de pendurar as chuteiras, o jogador trabalhou como treinador das equipes de base do Peixe. Foi, aliás, um dos responsáveis pela descoberta de Neymar. Morreu em 3 de fevereiro, aos 82 anos, em decorrência de problemas renais.



FUNDAMENTAL Lima *(à esq.):* coadjuvante de luxo do Santos de Pelé nos anos 1960

Telegram @clubederevistas



EDUARDO KNAPP/FOLHAPRESS

FORÇA E DIPLOMACIA Newton Cardoso, ex-governador de Minas: um dos avalizadores da posse de Sarney

O TRATOR MINEIRO

Formado na política miúda e cotidiana do movimento estudantil no tempo da ditadura militar, em que o silêncio valia ouro, o mineiro **Newton Cardoso** logo credenciou-se à carreira executiva e parlamentar. Prefeito da cidade industrial de Contagem por três mandatos, foi também deputado federal e governador de Minas Gerais pelo PMDB, partido nascido da costela do MDB original, que ajudou a fundar, em 1966. Apelidado de "trator", esbravejava com contundência, mas sem nunca abandonar o pendor diplomático. "Newtão" foi um dos avalizadores da posse de José Sarney depois da internação do presidente eleito pelo colégio eleitoral em 1985, Tancredo Neves. Ao longo de cinco anos, apesar do permanente ruído de um possível golpe, que nunca ocorreu, ele dizia: "Eu garanto as eleições de 1989". Cardoso morreu em 2 de fevereiro, aos 86 anos, de falência de múltiplos órgãos.

Telegram @clubederevistas



ZURI SWIMMER/ALAMY/FOTOARENA

MUDANÇA DE VIDA Iris Critchell: depois dos Jogos de 1936, em Berlim, ela se dedicou aos aviões de guerra

AVIADORA OLÍMPICA

A nadadora dos Estados Unidos **Iris Critchell** era a derradeira sobrevivente da Olimpíada de 1936, em Berlim, que Hitler quis transformar em ferramenta de celebração da raça ariana, mas que seria marcada pela vitória do negro Jesse Owens no atletismo. Especialista nos 200 metros nado de peito, ela tinha apenas 15 anos e não conseguiu medalha. Depois de se afastar do esporte, com o início da Segunda Guerra Mundial, ela tirou brevê de aviadora e virou instrutora de muitos americanos que partiram para os combates aéreos na Europa. Iris morreu em 24 de janeiro, aos 104 anos. ■

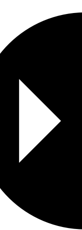
Telegram @clubederevistas



INSTAGRAM @ CAIAPITANGA/FOTO @GABRIELA_SCHMDT

"O novo pode vir de qualquer lugar, no formato que for."

CAMILA PITANGA, atriz, a Lola da novela *Beleza Fatal,* do canal de streaming Max. Ela critica a própria personagem, que a certa altura exclama: "Estou no futuro! Eu sou o streaming, seu pai é a TV aberta! A TV aberta está morrendo, eu estou aqui vivíssima!"



Telegram @clubederevistas

“Ficou evidente que não se trata de uma maçã com um verme dentro, o que temos é simplesmente um ninho de vermes.”

ELON MUSK, ao anunciar o fechamento da Agência dos Estados Unidos para o Desenvolvimento Internacional (Usaid, na sigla em inglês), órgão público que responde por cerca de 40% da ajuda humanitária no mundo. Musk é o responsável no governo de Donald Trump pelo enxugamento dos gastos do Estado

“O Brasil tem muita criatividade para criar problemas.”

MARCOS LISBOA, economista, em entrevista ao programa VEJA *Mercado*

“Por favor, gente, não chamem de rombo.”

ESTHER DWECK, ministra da Gestão e da Inovação, a respeito do rombo fiscal de 8,07 bilhões de reais das empresas estatais

“Bora, moleque, teu pai cuidou de mim e eu cuidarei de você.”

NEYMAR, em mensagem nas redes sociais para Robson Junior, de 17 anos, filho do ex-jogador Robinho, que está preso no Brasil depois de ser condenado por estupro coletivo na Itália

“Não é frescura.”

PADRE MARCELO ROSSI, ao comentar o período em que atravessou profunda depressão, e da qual parece recuperado

Telegram @clubederevistas

"Era o trabalho que me ofereceram e, como sou despudorada e corajosa, aceitei. (...) passados os anos, comecei a enxergar como um movimento para driblar aquela censura horrorosa. Sinto muito orgulho."

VERA FISCHER, atriz, lembrando dos tempos de pornochanchada no cinema

"Não tenho a menor saudade dos anos 1980."

HUMBERTO GESSINGER, vocalista, baixista e compositor da banda gaúcha Engenheiros do Hawaii

"É claro que você não pode mais jogar uma boa pelada, mas eu estou bem, os exames do pós-operatório foram todos positivos, isso aí não tem problema."

PAULINHO DA VIOLA, cantor e compositor, que há quase dois anos retirou um pedaço do intestino

"O Spotify foi a pior coisa que aconteceu para os músicos. A cultura do streaming mudou toda uma sociedade e toda uma geração de artistas."

BJÖRK, cantora e compositora islandesa

Telegram @clubederevistas

“Envelhecer é muito bom. Tem coisas que, com o passar do tempo, podem parecer cansativas – o corpo muda muito. Mas, nos meus quinze anos de carreira, a vida só melhorou.”

BRUNA LINZMEYER, atriz, 32 anos



INSTAGRAM @BRUNALINZMEYER



Telegram @clubederevistas

FERNANDO SCHÜLER

DANO COLATERAL

O TEMA DA ANISTIA aos condenados do 8 de Janeiro pairou sobre as eleições no Congresso na semana passada. O Brasil anistiou, informalmente, ou nem sequer importunou, milhares de invasores de prédios públicos nos últimos anos. Ainda por outro dia li sobre as depredações na Esplanada em maio de 2017. Fui ver as imagens. A turma mascarada, ateando fogo nos ministérios, o quebra-quebra generalizado. No outro dia, "passado é passado", disse o então presidente Temer. E ninguém basicamente se lembra daquilo. Desta vez não vai rolar. A lógica da guerra e do "risco democrático" ainda rende, para o governo, e será assim até 2026. O país segue dominado pela raiva, e por aí devemos seguir. Ainda nesta semana lia sobre a condenação do Marcelo Lima. Um sujeito de Minas que ficava fazendo selfies nas redes, enrolado na bandeira do Brasil. No dia do "golpe" ele pegou uma réplica da Constituição e a ergueu "como um prêmio", como se lê na decisão do Supremo. Curioso, pensei. Em vez de tomar o poder, como se faz em um golpe, foi lá tirar mais uma selfie. Três dias depois devolveu o livro, constrangido. Agora é condenado a dezessete anos, nosso estranho golpista.

Telegram @clubederevistas

Na história universal dos golpes, acho que esse será o mais esquisito. O marechal Castello Branco daquele domingo talvez seja a "Fátima de Tubarão", uma senhora idosa e expansiva. Ela aparentemente não sabia bem como tomar o poder, mas aparece gritando sobre "quebrar tudo!", em imagens que um dia rivalizarão com aquelas dos tanques adentrando o Rio de Janeiro em 1964. Nossa vovó golpista também pegou dezessete anos. Para "dar o exemplo", como escutei.

De todos os casos, o que mais me intriga é o de Débora dos Santos. A cabeleireira de Paulínia que escreveu aquela frase, "perdeu, mané", na estátua de pedra na frente do STF. Ela não invadiu, quebrou ou gritou. Apenas sacou seu batom da bolsa e terminou a frase, com letra de professora. O batom saiu, no dia seguinte, com um pouco de sabão, mas ela continua lá, em um presídio de São Paulo, há coisa de dois anos. Semanas atrás, mandou uma carta para um ministro do STF. Diz que "não sabia da importância da estátua", que depois foi estudar e viu que ela era de um artista mineiro, o Alfredo Ceschiatti. Anda virando costume, por aqui, cidadãos mandando cartas de arrependimento, pedindo piedade a quem manda. Essas coisas eram comuns na França do antigo regime, mas foram desaparecendo, na república. E jamais deveriam acontecer, por aqui. O caso da Débora me toca, confesso, por causa de seus dois guris, o Rafa e o Caio. Eles estão numa idade em que a mãe faz toda a diferença. E vão crescer sem isso. Até fizeram um vídeo, pedindo sua li-

Telegram @clubederevistas

DIVULGAÇÃO



SÓ INDÍCIOS Árabe preso em Guantánamo, no filme *O Mauritano:* sem direitos

berdade, que é duro de ver. Não deu em nada. Desconfio que crescerão com uma tremenda raiva do Brasil. Não torço para que aconteça. Mas, se acontecer, entenderei.

Daria para ir longe com essas histórias, mas a verdade é que faltariam páginas em qualquer revista. De minha parte, acho que essas pessoas deveriam ser julgadas na forma da lei, pelos crimes que de fato cometeram, na instância adequada da Justiça, com amplo direito ao contraditório. Como qualquer brasileiro. E como as coisas devem funcionar em uma democracia liberal. Esse tema voltou com força à minha cabeça assistindo ao filme *O Mauritano*, dias atrás.

Telegram @clubederevistas

“É da defesa do elo mais frágil que se mostra a força da democracia”

O filme é de 2021, mas é atualíssimo. Ele conta a história de Mohamedou Slahi, um jovem árabe que permaneceu preso em Guantánamo por catorze anos, na onda do combate ao terrorismo, depois do 11 de Setembro. A história é longa, havia indícios contra ele, incluindo uma ligação feita de um telefone de Bin Laden, e isso poderia sugerir muita coisa. Havia uma guerra, os americanos criaram uma lógica de exceção e de “procedimentos especiais” (leia-se: tortura) para lidar com os suspeitos. E era preciso dar respostas à opinião pública. A partir daí, Slahi era o alvo quase perfeito. Só havia um problema: uma advogada chamada Nancy Hollander. Mulher obstinada, ligada aos direitos civis. Ela decide defender o sujeito, percebe que o que existe contra ele é um conjunto de suposições e descobre como ele foi torturado, até assinar uma confissão fantasiosa. Uma década e meia depois, ela ganha o jogo. O próprio promotor do caso,

Telegram @clubederevistas

o coronel Stuart Couch, a um certo momento recua. É chamado de "traidor" por um colega de farda, mas não tergiversa: "Não há provas. E todos fizemos um juramento de defender a Constituição dos Estados Unidos".

A pergunta crucial do filme: por que cargas-d'água aquela advogada bacana foi gastar seu tempo com um árabe irrelevante, perdido entre centenas de supostos terroristas naquela base fim-de-mundo de Guantánamo? Resposta: por um conjunto de valores. Porque, se ninguém se preocupar, simplesmente afundamos como uma sociedade de direitos. Pois é da defesa do elo mais frágil, do cidadão mais irrelevante, por vezes o mais odiado, que se mostra a força de uma democracia liberal. Em algumas críticas, li que o filme é um tanto "frio". Não acho. É exatamente aí que está sua sutil mensagem. A ideia de que não é dos nossos afetos que deve surgir o cuidado com o direito, pois nossos afetos são volúveis. Mas da fidelidade a princípios, cuja guarda no longo prazo é nossa melhor garantia. E nisso o filme pode nos ensinar algumas coisas. Ensinar sobre os riscos da *tunnel vision*, isto é, da fixação dos julgadores em uma só "narrativa", deixando de considerar qualquer alternativa (a inocência, por exemplo). Ensinar sobre o absurdo das prisões provisórias sem-fim, usadas para dobrar as pessoas, fazer com que confessem, escrevam ou assinem qualquer coisa. E se arrependam mesmo do erro que não cometeram. Ensinar que todos, mesmo um "terrorista" de Guantánamo, "tem direito a um advogado", como

Telegram @clubederevistas

diz Nancy Hollander em certo momento. E mais: que eventualmente não basta uma estrutura formal de direitos. Mas que é preciso pessoas com um tipo de virtude republicana para fazer valer a regra do jogo. Chama a atenção, no filme, a ideia do "dano colateral". A causa é boa. Há uma guerra e então é aceitável que alguns acidentes aconteçam. Não faz muito, conversei com uma alta autoridade da República sobre os abusos cometidos no país nos últimos anos. Citei alguns exemplos e ela não discordou. Apenas ponderou que as instituições eram assim. Cumpriam seu papel, mas provocavam lá seus acidentes. Achei aquilo perturbador. Acidentes, nesse caso, são pessoas de carne e osso. A Débora e seus brasileirinhos, o Rafa e o Caio, talvez sejam apenas mais um deles. Há muitos. Nos tornamos, como país, um imenso canteiro de danos colaterais.

O que nos falta são tipos como Hollander e Stuart Couch. Tipos que dizem "não" à lógica sem freios do poder e decidem, com a singeleza devida, respeitar uma Constituição. No fundo, pessoas que se recusem a aceitar a lógica confortável do "dano colateral". Não acho que seja algo simples, em uma época pautada pela raiva, na qual a política se aproxima da lógica da guerra. E parece invadir todos os aspectos da vida republicana. Mesmo aqueles em que isso jamais deveria acontecer. Como a Justiça. ■

Fernando Schüler é cientista político e professor do Insper

■ Os textos dos colunistas não refletem necessariamente as opiniões de VEJA

Telegram @clubederevistas

SOBE

CLÁUDIO CASTRO

O governador do Rio de Janeiro e seu vice, Thiago Pampolha, tiveram mais uma vez os pedidos de cassação negados pelo TRE-RJ em processo sobre supostos gastos ilícitos de campanha.

BEYONCÉ

Mais premiada na história do Grammy, a cantora chegou a 35 troféus na mais recente edição, incluindo um inédito, o de álbum do ano por *Cowboy Carter.*

CREATINA

Um artigo da revista *European Neuropsychopharmacology* mostrou que o suplemento pode ajudar a reduzir sintomas de depressão.

Telegram @clubederevistas

DESCE

MARCELO BRETAS

O juiz federal é alvo de nova reclamação disciplinar no CNJ por explorar sua condição para vender serviços de coaching. Ele nega a acusação.

ULTRAPROCESSADOS

Para garantir alimentação mais saudável nas escolas públicas, o governo federal reduziu de 20% para 15% a quantidade desse tipo de produto nas merendas.

BANDNEWS FM

A rádio ocupa merecidamente uma das últimas colocações na audiência em São Paulo. Informações precisas e responsabilidade jornalística não são o forte da emissora.

Telegram @clubederevistas

ROBSON BONIN

Com reportagem de Gustavo Maia,
Nicholas Shores e Pedro Pupulim



O fim do golpe

Demorou, mas, para a Polícia Federal de **Andrei Rodrigues,** Jair Bolsonaro e a novela do plano de golpe de Estado são páginas viradas. A investigação terminou. O foco da PF agora é o crime organizado e os casos de corrupção política envolvendo dinheiro público.

Alívio em Brasília

Apesar do rápido avanço dos inquéritos da PF, a devassa nas emendas parla-



SEM PARAR Andrei: PF considera Bolsonaro página virada e já mira outros alvos

FABIO RODRIGUES-POZZEBOM/AGÊNCIA BRASIL

Telegram @clubederevistas

mentares pode ter vida curta. A cúpula do Congresso propôs e o STF avalia aceitar um acordo sobre o tema.

Vai terminar em pizza?

A ideia levada ao Supremo pelos políticos é adotar critérios de transparência nas emendas e "zerar o jogo". Por essa proposta, o que foi feito no passado seria esquecido e a fiscalização mais dura sobre emendas ocorreria daqui para a frente. Uma anistia absurda, diga-se.

Nem todos vão escapar

Apesar dessas tentativas de acordo, se depender de alguns ministros do STF, as investigações envolvendo emendas de deputados e senadores vão continuar e, detalhe, correrão sem sigilo. "A transparência, nesses casos, deve ser uma regra", diz um ministro.

Mesa farta

Durante a sessão de abertura do ano judiciário, Lula e Luís Roberto Barroso combinaram um jantar com todos os ministros da Corte e auxiliares do petista para o fim do mês. O PGR, Paulo Gonet, também foi chamado.

Não esqueço

Lula até hoje não engoliu o fato de o STJ ter deixado de fora da lista para novos ministros do tribunal o desembargador Rogério Favreto. "É essa mágoa que tem feito ele atrasar as escolhas", diz um aliado de Lula.

Sem defesa

Mais de dois anos depois, a Defensoria Pública ainda

Telegram @clubederevistas

busca presos pelo 8 de Janeiro sem advogados. O chefe do órgão pediu a Alexandre de Moraes uma lista atualizada de réus nessa situação.

Situação surreal

Por falar em Moraes, a diplomacia de Lula identificou riscos para o ministro, em caso de viagem aos EUA. "Qualquer juiz federal pode mandar prendê-lo, se pisar lá. Eles querem se vingar do Alexandre", diz um auxiliar de Lula.

Clima pesado

Ministros de Lula perceberam que o presidente anda tenso nas agendas do dia. Não faz mais as piadas de costume nem busca descontrair as reuniões. "O clima tá estranho", diz um auxiliar.

O caminho das pedras

Se o MPF quiser encontrar a caixa-preta dos sigilos de Janja e dos filhos de Lula, basta mirar no gabinete pessoal do presidente. "Está tudo lá", diz uma fonte do Planalto.

Bode expiatório

No mar de intrigas que virou a reforma ministerial, a bola da vez é Paulo Teixeira. Petistas dizem que Lula culpa o chefe do Desenvolvimento Agrário pela crise dos alimentos na faixa mais popular do eleitorado.

Sem paciência

Numa conversa recente com alguns auxiliares, Lula, segundo um deles, descascou Wellington Dias, do Desenvolvimento Social, por falhas na gestão da pasta. "Eu, sinceramente, não sei como

Telegram @clubederevistas

o Wellington foi um bom governador", disse Lula.

Sem acordo

Lula, segundo um auxiliar, não deve tirar Ricardo Lewandowski do Ministério da Justiça para nomear Rodrigo Pacheco. "Lula não abre mão da PF e do Andrei", diz um aliado do petista.

Que perda de tempo

O MPF transferiu ao MP do Rio uma investigação que apura se o PCO seria "uma organização terrorista islâmica voltada à prática de atos antissemitas".

Saiu barato

Desembargador aposentado no Distrito Federal, Sebastião Coelho acaba de escapar de um inquérito por ameaça a Moraes no dia 9 de janeiro de 2023.

VINICIUS LOURES/CÂMARA DOS DEPUTADOS



CPX Nikolas: investigação sobre críticas do deputado a Lula foi arquivada pelo MPF

Caso encerrado

O MPF arquivou recentemente uma investigação sobre o deputado **Nikolas Ferreira** por críticas feitas a Lula durante a campanha eleitoral de 2022 e o uso do boné "CPX" no Complexo do Alemão. O órgão entendeu que as acusações contra Ferreira eram "apenas nar-

Telegram @clubederevistas

rativas de fatos genéricos, vagos e imprecisos".

Leituras no cárcere

Na próxima semana, o general Mario Fernandes completará três meses preso por envolvimento no plano de golpe de Estado. Tem passado o tempo lendo livros e, claro, o seu próprio processo.

Redes de oposição

Depois de ignorar um chamado do governo Lula para debater moderação de conteúdo nas redes, a Meta, o TikTok e o Google serão parceiras do PL num seminário de comunicação. O evento terá palestras de Michelle, Jair Bolsonaro e Valdemar Costa Neto.

Novos mercados

Com viagem marcada para o Vietnã, em março, Lula será convidado para a Cúpula das Nações do Sudeste Asiático, na Malásia, no segundo semestre. Em 2024, o Brasil exportou 26,3 bilhões de dólares ao bloco.

Dinheiro gringo

Dados do governo mostram que o setor de turismo no Brasil recebeu 360 milhões de dólares em investimentos estrangeiros no ano passado, um aumento de 40% em relação a 2023.

Sinais de paz

Fernando Haddad já recebeu a sinalização de que, com Renan Calheiros, a Comissão de Assuntos Econômicos será "colaborativa, mas também propositiva" em relação à sua agenda.

Banco blindado

Senadores aliados pres-

Telegram @clubederevistas

INSTAGRAM @APMINERATO



GUERRA Ana: ela processou o ex, após o vazamento de falas racistas

sionam Lula para que demita Tarciana Medeiros do BB. Lula gosta dela e não deve mexer no banco. Nesta semana, teve reunião com Tarciana e definiu metas para o ano. Não falou em demissão.

Modelo parlamentar

Davi Alcolumbre ficou três horas de pé tirando fotos com os 500 convidados que foram até a sua festa da vitória. A comemoração foi até o dia clarear.

Sede de vingança

Em guerra com o ex-namorado que divulgou falas racistas dela, **Ana Paula Minerato** pediu à Justiça que adote "medidas coercitivas" para localizar o ex-amado e intimá-lo num processo. Ela quer 52 000 reais de indenização. ■

Telegram @clubederevistas

ESTABILIDADE MOVEDIÇA

A supremacia do Centrão no Congresso vai obrigar Lula a conviver com um paradoxo: ao ceder mais espaços no governo aos aliados de hoje, ele pode estar fortalecendo os adversários de amanhã

DANIEL PEREIRA E **MARCELA MATTOS**



GESTO PROTOCOLAR Lula, com Motta e Alcolumbre: "Eu estou muito feliz. Sou amigo dos dois"

BRENNO CARVALHO/AGÊNCIA O GLOBO

É inegável a capacidade do presidente Lula de se reerguer. Em 2005, a oposição considerou o primeiro governo dele acabado após o estouro do mensalão — tão acabado que o PSDB, em vez de patrocinar um pedido de impeachment, preferiu deixá-lo sangrando e derrotá-lo nas urnas. A estratégia deu errado, e o petista, sobrevivente do escândalo, conquistou em 2006 a reeleição. Em 2018, Lula nem sequer disputou a corrida ao Palácio do Planalto. Estava preso, inelegível e era considerado carta fora do baralho. Uma reviravolta jurídica, no entanto, permitiu que recuperasse a liberdade, os direitos políticos e, finalmente, o cargo de presidente na eleição de 2022. Hoje, a situação do mandatário não é tão crítica como foi no passado, mas também está longe de ser tranquila. Após dois anos de mandato, Lula enfrenta uma popularidade declinante, uma crise de credibilidade e a pressão do grupo político que controla o Congresso. Nas cordas, ele tem o favoritismo para 2026 contestado até por aliados no plano federal, mas conta com um plano para voltar ao centro do tablado. Um plano de alto risco, que, se falhar, pode fortalecer futuros adversários.

Depois de trocar o comando da comunicação do governo, numa tentativa de melhorar a própria imagem, Lula quer estreitar laços com os novos presidentes da Câmara, Hugo Motta (Republicanos-PB), e do Senado, Davi Alcolumbre (União Brasil-AP), e fortalecer a frágil aliança que mantém com o Centrão. Para facilitar a renovação do acor-

Telegram @clubederevistas



MARCOS OLIVEIRA/AGÊNCIA SENADO

TODOS JUNTOS E MISTURADOS Senado: governistas e oposicionistas comemoram o resultado da eleição

do entre as partes, o governo já capitulou em pontos importantes no imbróglio sobre as emendas parlamentares. Desistiu, por exemplo, de reduzir o montante dos recursos destinados pelos congressistas a suas bases eleitorais, que chegou a 50 bilhões de reais no ano passado. Durante a campanha, Lula se dizia indignado com esse valor, mas, sem força para confrontar o Congresso, concordou em transformá-lo em piso das emendas. Tudo em nome da governabilidade. O próximo passo é redesenhar a Esplanada dos Ministérios a fim de aumentar os espaços dos partidos que fazem parte da aliança. Com essas iniciativas, o presidente

Telegram @clubederevistas

espera que o Centrão ajude o governo a entregar resultados neste ano e, em 2026, entre na campanha à sua reeleição.

A estratégia embute um risco: as siglas receberão as contrapartidas oficiais e desfrutarão das benesses da máquina pública, mas no próximo ano podem optar por uma candidatura rival. A decisão dependerá do desempenho da economia e da popularidade de Lula. Se o presidente estiver fraco, a debandada será certa. É por isso que uma ala petista resiste a novas concessões ao Centrão. Ao analisar a derrota sofrida na eleição municipal, a direção do PT reclamou de "excesso de republicanismo" por parte do presidente e do fato de PSD, PL e União Brasil terem conquistado mais prefeituras do que a esquerda porque se beneficiaram do apelo eleitoral das emendas parlamentares e usaram melhor o poder da máquina estatal. Apesar da chiadeira interna, Lula quer pagar para ver. A nova etapa de sua estratégia de reação começou com os gestos de mesura de praxe. Ele divulgou uma nota para parabenizar as eleições de Motta e Alcolumbre e, depois, recebeu os dois parlamentares no Palácio do Planalto. Como bom anfitrião, elogiou os convidados: "Eu estou muito feliz porque, primeiro, sou amigo dos dois. Tenho conhecimento do compromisso democrático que os dois têm", declarou o presidente. Diante dos holofotes, Motta e Alcolumbre prometeram trabalhar em parceria com o governo e ajudar o país.

As juras de harmonia na relação entre os poderes fazem parte do script, mas dependem de uma série de fatores. E,

Telegram @clubederevistas


ANDRE BORGES/EFE

ALEGRIA Câmara: unidade mantida à base de verbas e cargos no governo

às vezes, de certas moedas de troca. Na audiência reservada, Alcolumbre reclamou com Lula da demora do Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis (Ibama) para emitir a licença ambiental que pode abrir caminho para a exploração de petróleo na foz do Amazonas, considerada estratégica para o desenvolvimento econômico do Amapá, estado do senador. Dias depois, numa entrevista a uma rádio, o presidente defendeu o projeto citado por Alcolumbre, alegando que a exploração de petróleo na chamada margem equatorial pode ser realizada sem prejudicar o meio ambiente. Outras demandas são tra-

Telegram @clubederevistas



JEFFERSON RUDY/AGÊNCIA SENADO

LACRAÇÃO A guerra dos bonés: a diferença é apenas a cor do acessório

tadas nos bastidores. Um dos responsáveis por levar, em 2023, o Republicanos para o ministério, Hugo Motta tem participado das negociações sobre a nova reforma. Ele endossa a ofensiva destinada a garantir ao Centrão algumas pastas, como a Secretaria de Relações Institucionais, responsável pela articulação política, e a Agricultura, pensada como destino para Arthur Lira (PP-AL), ex-presidente da Câmara e principal patrocinador da sua ascensão ao comando da Casa.

Mesmo que emplaque suas demandas, Motta não garante apoio a Lula em 2026. “O presidente não chegará for-

Telegram @clubederevistas

te para disputar a reeleição se a economia não tiver estabilidade", afirmou o deputado à CNN Brasil. "Os presidentes de partido, especialmente de partidos de centro, estão olhando o cenário, para onde o Brasil está indo, qual projeto político que a população vai querer em 2026", acrescentou. A declaração externa o entendimento das agremiações de centro. Hoje, cinco delas — MDB, PP, Republicanos, União Brasil e PSD — controlam onze ministérios e têm juntas 241 deputados e 43 senadores. Essas legendas não assumirão agora compromisso com a reeleição de Lula mesmo que se tornem mais fortes no governo. A ordem é esperar até o ano que vem para ver o rumo dos ventos. "Uma coisa é uma coisa, outra coisa é outra coisa. Em 2025, a pauta é governabilidade. Em 2026, será a eleição", disse a VEJA Antonio Rueda, presidente do União Brasil, que chefia três ministérios. O partido já tem pré-candidato a presidente da República, o governador de Goiás, Ronaldo Caiado, o que, por enquanto, não preocupa a equipe de Lula. Segundo os aliados do presidente, Caiado e outros postulantes não entrarão na disputa caso a administração federal se recupere nos próximos dois anos.

Enquanto não consegue fechar alianças formais, o governo aposta as fichas para fortalecer núcleos de apoio a Lula nos partidos de centro, especialmente naqueles que trabalharam por Jair Bolsonaro em 2022 e ainda têm alas expressivas simpáticas ao ex-presidente. Esse é um dos objetivos da reforma ministerial. A ideia é simples, mas de difícil execu-

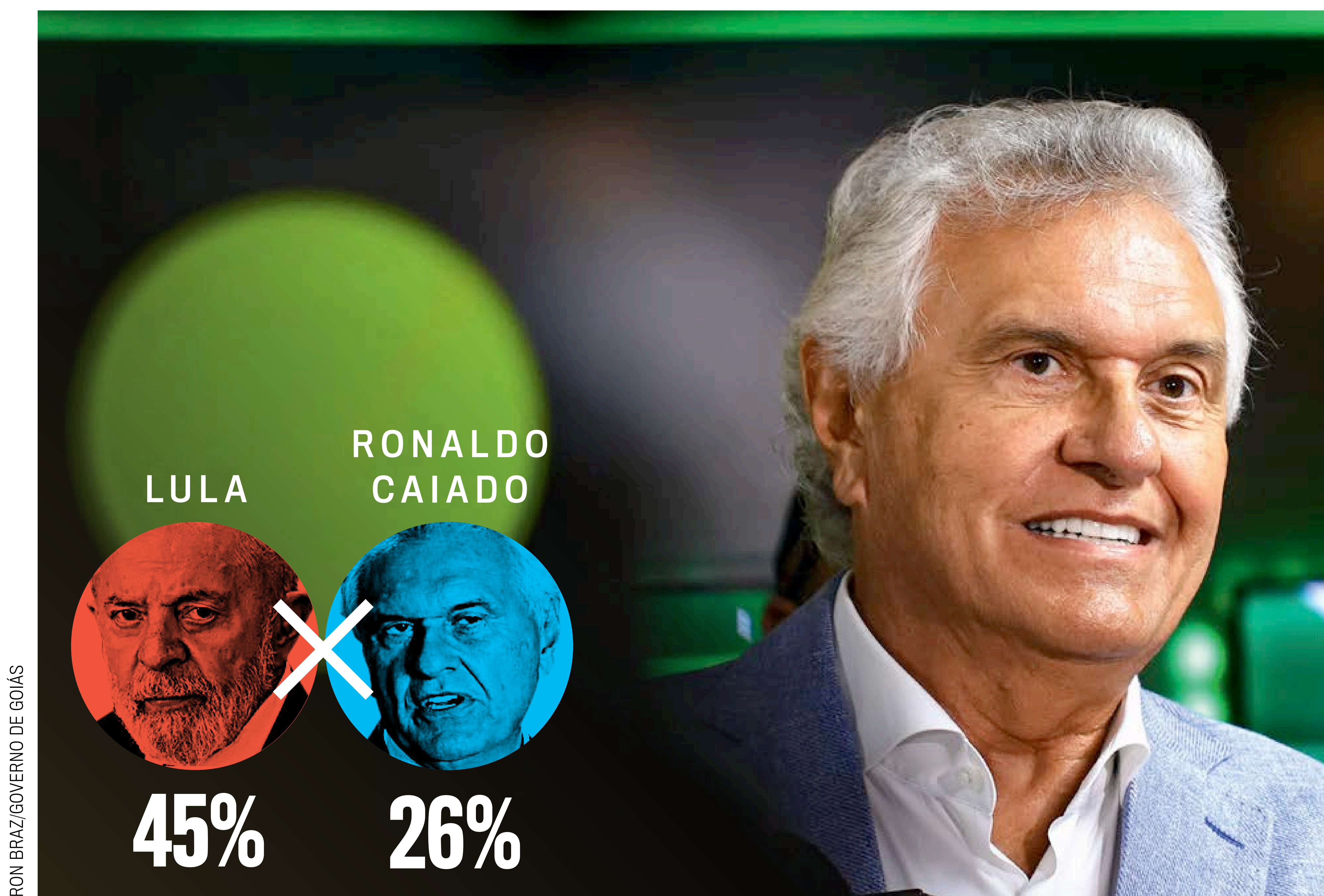
Telegram @clubederevistas



REPUBLICANOS Tarcísio: cortejado para concorrer contra Lula em 2026

ção, já que há muita gente interessada em virar ministro e pouca vaga disponível. Na última terça-feira, 4, a bancada do PSD na Câmara recebeu o ministro da Agricultura, Carlos Fávaro, para deixar claro que conta com a permanência dele no cargo, apontado como possível destino de Arthur Lira. Os deputados do PSD ainda querem trocar o desprestigiado Ministério da Pesca por uma pasta de maior peso e expertise com emendas, como o Turismo, hoje sob o comando de Celso Sabino, do União Brasil. Partido que mais conquistou prefeituras em 2024, o PSD é considerado uma prioridade por Lula. O presidente disse que não pretende substituir outro quadro da legenda, Alexandre Silveira, ministro

Telegram @clubederevistas



UNIÃO BRASIL Caiado: uma coisa é uma coisa, outra coisa é outra coisa

de Minas e Energia, e declarou que seu candidato ao governo de Minas é o senador Rodrigo Pacheco, ex-presidente do Senado, também cotado para uma vaga na Esplanada.

Os sucessivos acenos de Lula ao PSD ocorrem após o mandachuva da sigla, Gilberto Kassab, afirmar que o petista não seria reeleito se a disputa fosse hoje e chamar de "fraco" o ministro da Fazenda, Fernando Haddad. A fala de Kassab repercutiu por dois motivos. Primeiro: ele é dirigente de um partido que já tem pré-candidato ao Planalto, o governador do Paraná, Ratinho Jr. Segundo: ele é secretário do governador de São Paulo, Tarcísio de Freitas (Republicanos), cortejado por políticos e empresários para concorrer

contra Lula em 2026. Como outros caciques do Centrão, Kassab valoriza o próprio passe e não tem pressa de decidir sobre o futuro. Essa lógica vale para o Republicanos, que tem um ministério e pode assumir outro de maior envergadura, mas não cogita aderir desde já ao projeto de reeleição de Lula. "O governo tem que ser mais pragmático, principalmente na pauta econômica", disse a VEJA o presidente do Republicanos, deputado Marcos Pereira. "E precisa também se preocupar com o aumento do preço dos alimentos e, ao mesmo tempo, empoderar o Haddad na pauta do controle de gastos."

Economia e inflação dos alimentos têm peso decisivo na avaliação de Lula e nas chances eleitorais do presidente, ou de um candidato escolhido por ele. Preocupado com a dificuldade de obter apoio na classe média, o governo definiu como prioridade este ano a aprovação da proposta que amplia a faixa de isenção do imposto de renda para quem ganha até 5 000 reais por mês. A regra, se votada, começará a valer a partir de 2026, ano da corrida presidencial. No caso da carestia dos alimentos, Lula e equipe contam com a queda do dólar e a supersafra agrícola brasileira como motores da redução dos preços. O valor da moeda americana caiu durante doze dias seguidos, até fechar em alta de 0,4% na quarta-feira, cotada a 5,79 reais. O fantasma da inflação acima da meta — e da picanha salgada — continua a assombrar o presidente, assim como a percepção de que sua gestão não tem rumo. Em declarações recentes, Lula admi-

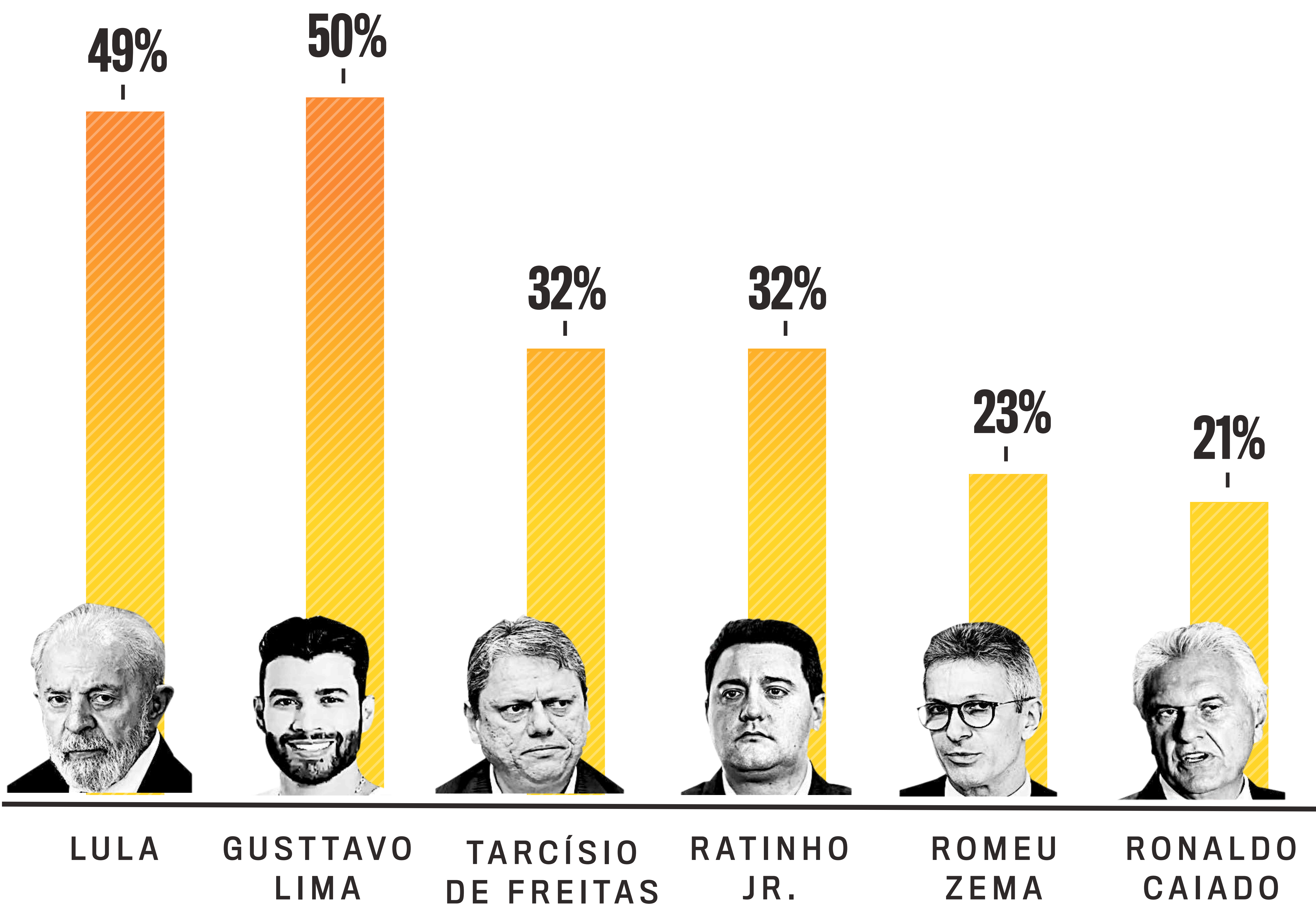
Telegram @clubederevistas

tiu que o governo ainda não entregou o que prometeu durante a campanha, mas desdenhou da avaliação de Gilberto Kassab de que seria derrotado.

Os números, por enquanto, dão força à versão do petista. Segundo pesquisa Genial/Quaest divulgada na segunda-feira 3, Lula lidera nos quatro cenários de primeiro turno, com intenções de voto que variam de 28% a 33%. Nas projeções de segundo turno, ele também venceria todos os pos-

REPROVAÇÃO NAS ALTURAS

A rejeição ao presidente é muito superior à de seus potenciais adversários. Quase metade dos entrevistados diz que não votaria em Lula em 2026



Fonte: *Genial/Quaest*

Telegram @clubederevistas

síveis adversários. Entre eles, o cantor Gusttavo Lima (41% a 35%) e os governadores Tarcísio de Freitas (43% a 34%), Romeu Zema (45% a 28%) e Ronaldo Caiado (45% a 26%). O problema é que também há dados negativos para o presidente. Do total de entrevistados, 49% dizem que não votariam em Lula. Os percentuais de rejeição de Tarcísio, Zema e Caiado são de, respectivamente, 32%, 23% e 21%. Além disso, pela primeira vez desde o início do atual mandato, a aprovação ao trabalho do presidente foi superada pela reprovação, num processo de desgaste de imagem que corroeu três dos principais pilares de sustentação do petista: eleitores do Nordeste, do sexo feminino e com renda de até dois salários mínimos. Com a esperada reforma ministerial, Lula quer dar um freio de arrumação na equipe, apresentar resultados ao eleitorado e impedir uma debandada de expoentes do Centrão.

O presidente conhece como poucos o grupo político que controla o Congresso. Quando tentava salvar o mandato de Dilma Rousseff, ele prometeu concessões diversas às legendas que agora corteja, que responderam com juras de fidelidade e continuaram no ministério da presidente até que, ao detectar a iminente derrocada da petista, debandaram para o lado do vice Michel Temer. Kassab foi um dos que fizeram esse movimento. Experiente, Lula sabe que anda em terreno movediço e que pode fortalecer futuros adversários, mas, diante da necessidade, não tem alternativa, senão dobrar a aposta. ■

Telegram @clubederevistas

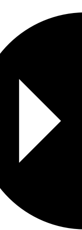
ESTRELA EM ASCENSÃO

A presidente do PT deve assumir um Ministério, restando a dúvida sobre qual versão de Gleisi chegará ao governo: a incendiária dirigente ou a conselheira pragmática de Lula **RAMIRO BRITES**



RAFAEL VIEIRA/AGIF/AFP

SUBSTITUIÇÃO Gleisi Hoffmann: um dos postos possíveis para ela é a estratégica Secretaria-Geral da Presidência



Telegram @clubederevistas

COM 2026 no horizonte, o presidente Luiz Inácio Lula da Silva prepara para as próximas semanas uma reforma ministerial decisiva para os rumos da segunda metade do seu governo. O desafio de recuperar uma popularidade em queda, a necessidade de rearrumar as forças após a eleição para as presidências da Câmara e Senado, além da demanda pela consolidação de políticas robustas que sejam efetivamente assimiladas pela população, pressionam o presidente a fazer escolhas certeiras na Esplanada. Em Brasília, não faltam especulações sobre essa iminente dança das cadeiras. Uma das mudanças, no entanto, já é dada como praticamente certa: a presidente nacional do PT, a deputada federal Gleisi Hoffmann, vai comandar uma pasta. Lula e ela já conversaram sobre o assunto em janeiro e o presidente, em entrevista coletiva na semana passada, apesar de se esquivar sobre possíveis mexidas no alto escalão, fez questão de elogiar a companheira, dizendo que Gleisi "tem condição de



CLAUDIO GATTI

SUCESSÃO Edinho Silva: perfil moderado e experiência o colocam como favorito para comandar a sigla

Telegram @clubederevistas

FOGO AMIGO

Exemplos de críticas da dirigente a membros do governo Lula

FERNANDO HADDAD

“Fernando Haddad está fazendo o papel dele como ministro da Fazenda, ele tem a visão dele e nós temos uma visão um tanto quanto divergente.”

(Em 9 de dezembro de 2023, durante a Conferência Eleitoral do PT)

ALEXANDRE PADILHA

“Padilha devia focar nas articulações políticas do governo, de sua responsabilidade, que ajudaram a chegar a esses resultados.”

(Em 28 outubro de 2024, no X, após o ministro criticar o desempenho do PT nas eleições municipais)

DARIO DURIGAN

“Não há que falar em arroubo político nessa decisão, muito menos fantasiar que a gestão do BC ‘independente’ foi ‘técnica’.”

(Em 8 de agosto de 2024, nas redes sociais, após o número 2 do Ministério da Fazenda, na condição de ministro, dizer que a transição para o novo presidente do Banco Central deveria ser feita “com responsabilidade e sem arroubo político”)

Telegram @clubederevistas

ser ministra de muitos cargos". Se a especulação for confirmada, o presidente terá ao seu lado daqui em diante uma das mais estridentes vozes na defesa das bandeiras do PT. Em algumas declarações recentes, aliás, a deputada comportou-se quase como se fosse de oposição, criticando os ministros Alexandre Padilha (Relações Institucionais) e Fernando Haddad (Fazenda).

Não é de hoje que Gleisi sonha em liderar um ministério com projeção política, como a Casa Civil ou o Desenvolvimento Social. As articulações e conversas de bastidores, no entanto, indicam que ela irá substituir Márcio Macêdo na Secretaria-Geral da Presidência. A interlocutores, o ministro nega que esteja de saída e chegou a apresentar um plano de diretrizes para a pasta até 2026. Macêdo caiu nas graças do presidente após atuar como tesoureiro do PT durante a campanha de 2022, ocasião em que as contas foram aprovadas sem ressalvas, um feito inédito no partido. No governo, porém, a avaliação é que deixou a desejar no comando de uma pasta estratégica.

Na gestão petista, a Secretaria-Geral tem duas atribuições principais: dialogar com os movimentos sociais e servir como os ouvidos do governo às demandas de setores variados da sociedade, reunindo elementos para aconselhar o presidente sobre riscos e oportunidades. Segundo boa parte dos petistas, Macêdo falhou em ambas as funções. Já Gleisi, que está na presidência do PT desde 2017, tem trânsito com entidades representativas de classe e con-

Telegram @clubederevistas


BRENNO CARVALHO/AGÊNCIA O GLOBO

ALVO O ministro da Fazenda: atacado pelo esforço para chegar ao déficit zero

seguiu reunir a militância digital — uma das áreas em que o governo mais tem sofrido na disputa com a oposição. Além disso, teria mais experiência e estofo para alertar Lula sobre a conjuntura nacional. Contra ela, no entanto, pesam a imagem de radical e o problema da falta de diálogo com parcelas da sociedade fora da bolha petista.

O perfil incendiário da retórica da presidente do PT na defesa das bandeiras do partido não combina com a demanda de um governo que congrega ministros de oito outras legendas e depende de uma sensível articulação com o

Telegram @clubederevistas

Congresso para conquistar alguma governabilidade. Como dirigente partidária, Gleisi fez ressoar as críticas de alas internas do partido, inclusive contra o governo. Os ataques atingiram ministros petistas, em especial Fernando Haddad. Em um dos episódios mais rumorosos, a deputada saiu em defesa de uma resolução do partido que chamava a meta de déficit zero estipulada por Haddad de "austericídio". Esse tipo de comportamento chegou a ser mencionado por Lula na coletiva da semana passada. "O pessoal diz que ela é muito radical para ser presidente do PT. Oras, para ser presidente do PT tem que falar a linguagem do PT", afirmou. Nos bastidores, petistas consideram que as críticas públicas tiveram a anuência de Lula, conhecido por instigar disputas internas a fim de tomar as decisões por meio da mediação dos conflitos.

Há riscos evidentes na aposta, mas Lula parece convencido de que vale a pena bancar a mudança. Pessoas próximas a ele dizem que desde a saída de Flávio Dino do Ministério da Justiça o governo sente falta de um ministro "combativo", que consiga rebater prontamente as críticas e causar desconforto na oposição. Essa seria uma das características procuradas pelo presidente ao chamar Gleisi para perto. Além disso, o discurso da deputada é afinado ao do namorado, Lindbergh Farias, novo líder do PT na Câmara.

Além de trazer o PT para dentro do Planalto, a chegada de Gleisi acomoda os interesses de Lula na sucessão do

Telegram @clubederevistas

VALTER CAMPANATO/AGÊNCIA BRASIL



PROBLEMA Márcio Macêdo: necessidade de melhor interlocução com movimentos sociais coloca ministro na berlinda

partido. Ao assumir um ministério, Gleisi anteciparia a saída dela do comando da sigla, marcada para julho. Nesse caso, seria substituída por "mandato tampão" de um dos vice-presidentes, que teria como prioridade organizar a disputa eleitoral interna. A função deve ser designada ao líder do governo na Câmara, José Guimarães, ou ao senador Humberto Costa. Lula quer entregar a presidência do PT ao ex-prefeito de Araraquara Edinho Silva. Uma visita recente de Edinho ao prefeito do Recife, João Campos, foi

Telegram @clubederevistas

entendida como uma reunião entre os futuros presidentes nacionais do PT e do PSB *(veja a reportagem "Revisão ideológica")*. Aliado de Haddad, Edinho à frente do partido daria um tom de esquerda moderada ao PT para um momento simbólico, em que a sigla completa 45 anos.

A eventual transformação em ministra atende também aos interesses eleitorais de Gleisi, que tem planos para concorrer ao senado em 2026. A única vez em que o PT conseguiu uma cadeira no Senado pelo Paraná foi com a eleição dela, em 2010. No ano seguinte, no entanto, Gleisi se licenciou do mandato para assumir um ministério pela primeira vez. Comandou a Casa Civil do governo de Dilma Rousseff, substituindo Antonio Palocci — petista histórico que caiu em desgraça após suspeitas de enriquecimento ilícito. Na pasta, Gleisi foi figura forte na articulação política e na gestão, comandando as ações do Programa de Aceleração do Crescimento (PAC), o que lhe rendeu o apelido de "Dilma da Dilma".

Agora, caso confirme a ida à Secretaria-Geral da Presidência, Gleisi estará em um ministério com menos poderes do que a Casa Civil e com o desafio de ajudar o governo a virar o jogo da popularidade em queda. Segundo pesquisa recente da Quaest, pela primeira vez, a avaliação negativa de Lula é superior à positiva. As tentativas de levar multidões às ruas no mais recente governo petista, como no ato organizado no 1º de Maio do ano passado, foram vexatórias. Independentemente da pasta que ocupe, Gleisi será

Telegram @clubederevistas


ZECA RIBEIRO/CÂMARA DOS DEPUTADOS

TAMPÃO José Guimarães: líder pode comandar partido durante eleição interna

uma ministra forte porque tem interlocução direta com Lula — no governo há ministros que se queixam de, até hoje, não terem despachado diretamente com o presidente, à exceção de reuniões conjuntas. Gleisi traz o PT para dentro do Planalto no momento em que o governo tenta colocar em prática um esforço de propaganda para melhorar sua imagem. Resta saber qual Gleisi chegará à Esplanada: a incendiária dirigente petista ou a versão conselheira sábia e pragmática de Lula. ■



Telegram @clubederevistas

MURILLO DE ARAGÃO

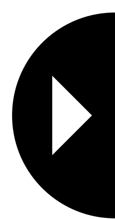
DESAFIOS DA NOVA PENTARQUIA

O Brasil funciona sob um regime em que há cinco forças

A PENTARQUIA é um termo utilizado para se referir a um sistema de governo ou regime em que o poder está concentrado em cinco autoridades ou líderes distintos. O conceito é baseado no princípio de partilha de poder entre cinco pessoas, grupos ou entidades que, juntos, formam um órgão colegiado ou uma estrutura de poder governamental. É o caso brasileiro.

No contexto político brasileiro contemporâneo, a ideia de uma "pentarquia" busca explicar a dinâmica do poder através da interação entre cinco forças institucionais e políticas que, embora distintas, compartilham o protagonismo na condução do Estado e da sociedade. Não se trata de uma estrutura formalizada, mas de uma configuração fática do poder, onde o equilíbrio entre essas forças define os rumos do país.

Com a posse de Gabriel Galípolo no Banco Central, no início do ano, e as eleições de Davi Alcolumbre e Hugo Motta para o comando do Senado e da Câmara, temos a



Telegram @clubederevistas

formação da nova pentarquia que comanda o país, tanto pelos aspectos executivos quanto legislativos e judiciários. É um quadro complexo de distribuição de poder. Todos os pentarcas detêm muito poder e, muitas vezes, uns atropelam os outros. A pentarquia é completada pelo presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, e pelo presidente do Supremo Tribunal Federal, Luís Roberto Barroso. Tendo, ainda, a influência decisiva do mercado financeiro e do agronegócio, pelo setor privado, e do poderoso Ministério Público.

O momento de recomposição da pentarquia brasileira ocorre em meio a sérias tensões institucionais e conflitos entre os poderes. O Executivo disputa com o Legislativo utilizando o Judiciário, enquanto o Legislativo ameaça re-

"O planeta vive tempos de imensa turbulência e de construção de uma ordem mundial diferente. Isso exigirá muita perícia"

Telegram @clubederevistas

taliar ambos os poderes, enviando uma mensagem de independência através de seus novos presidentes. Porém, caso a situação de descredibilidade fiscal e econômica prossiga, os pentarcas terão que buscar uma agenda emergencial para o país. Considerando o histórico de desunião institucional, disputas, a precária leitura da realidade por parte do governo e a prevalência de interesses corporativistas públicos e privados, o caminho adiante não será tranquilo para os líderes mencionados nem para o país.

A troca de amabilidades na semana da posse dos novos presidentes do Congresso não elimina a existência de agendas muito complexas e delicadas, importantes divergências e que refletem a disputa de 2026. Além das questões internas, o planeta está vivendo tempos de imensa turbulência e de construção de uma nova ordem mundial. O que exigirá muita perícia, diálogo e, sobretudo, leitura adequada dos novos tempos e senso de urgência para enfrentar os problemas. ■

Telegram @clubederevistas

PEDIDO IMPROCEDENTE

A Polícia Federal tentou mudar a relatoria de uma investigação sobre desvios de emendas parlamentares, movimento acertadamente barrado pelo STF **LARYSSA BORGES**



DECISÃO Barroso: o presidente do Supremo rejeitou pela segunda vez o pedido da PF para mudar o inquérito de mãos

TON MOLINA/FOTOARENA

Telegram @clubederevistas

NUNCA HOUVE consenso entre os ministros do Supremo Tribunal Federal (STF) sobre a decisão de concentrar no gabinete de Alexandre Moraes as múltiplas investigações que envolvem Jair Bolsonaro. Em 2019, ele foi escolhido como relator do inquérito que apurava a disseminação de notícias falsas. Depois disso, acumulou também as investigações sobre a falsificação do cartão de vacinas, o caso das joias, os ataques do 8 de Janeiro e, finalmente, a suposta tentativa de golpe de Estado. A justificativa para agrupar todos esses casos com o ministro é de que eles seriam correlatos. O ex-presidente teria estimulado a difusão de fake news, adulterado seu histórico de vacinação, vendido presentes que recebeu quando estava no cargo e incentivado a invasão e depredação de prédios públicos com o objetivo de desmoralizar as instituições, subverter a democracia e se manter no poder. Segundo um dos mais experientes integrantes da Corte, a concentração dos inquéritos nas mãos de um único juiz foi uma medida excepcional. Sem ela, justifica, a trama golpista provavelmente jamais teria sido desvendada.

Na segunda-feira 3, o presidente do STF, Luís Roberto Barroso, impediu que essa exceção desse um passo adiante para se converter em regra. Há duas semanas, a Polícia Federal havia pedido ao Supremo que enviasse ao ministro Flávio Dino o inquérito da chamada Operação Overclean, uma investigação que identificou uma organização criminosa que teria desviado milhões de reais de obras não realizadas ou superfaturadas em vários estados. Até agora,

Telegram @clubederevistas


GUSTAVO MORENO/STF

PARECER Gonet: o procurador-geral não viu fundamento na solicitação

quinze pessoas foram presas e um jato particular foi interceptado no aeroporto de Brasília com 1,4 milhão de reais em seu interior — dinheiro que, suspeita-se, seria usado para pagamento de propina a agentes públicos. Por envolver uma autoridade com prerrogativa de foro, o inquérito foi enviado ao STF. Por sorteio, o ministro Nunes Marques foi escolhido como relator do caso. A PF, porém, se empenhou em tentar convencer o Supremo a rever a decisão, argumentando que, assim como ocorreu com Alexandre de Moraes nos processos de Jair Bolsonaro, a investigação, por ser correlata, deveria ser conduzida por Flávio Dino.

Telegram @clubederevistas



JOÉDSON ALVES/AGÊNCIA BRASIL

SEM PRESSÃO Rodrigues: “O que nos importa é a higidez do processo”

No fim do ano passado, Dino determinou que fosse realizada uma auditoria para apurar irregularidades no uso das emendas parlamentares. Havia fortes indícios de que recursos enviados por parlamentares estariam sendo desviados. A Operação Overclean confirmou as suspeitas. Para a Polícia Federal, portanto, a correlação entre os casos era evidente. Ao remeter o inquérito ao Supremo, a PF pediu que ele fosse distribuído a Flávio Dino, o que não é um procedimento comum. O pedido foi negado pelo ministro Edson Fachin, que ocupava interinamente a presidência do STF durante o plantão de férias. Como Nunes Marques

Telegram @clubederevistas


ROSINEI COUTINHO/SCO/STF

PREFERIDO Flávio Dino: o ministro acumularia as apurações sobre o caso

já havia sido designado relator, a PF então ingressou com um segundo pedido ao presidente da Corte, o que é mais incomum ainda. O delegado Andrei Rodrigues, diretor do órgão, chegou a ir pessoalmente ao gabinete de Barroso expor seus argumentos.

Ao negar o pedido, o presidente do STF evitou a reedição de um precedente perigoso. Há dezenas de inquéritos em andamento apurando suspeitas de desvio de recursos de emendas parlamentares em vários estados. Caso eles esbarrem em alguma autoridade com foro, todos, se prevalecesse a tese da Polícia Federal, seriam automaticamente encami-

nhados a Flávio Dino. A Lava-Jato é um exemplo do que essa concentração de poder nas mãos de um único magistrado é capaz de produzir. “Se a polícia realmente tiver dirigido o caso ao ministro Flávio Dino, sem base jurídica para isso, estaremos diante do mesmo modus operandi do passado, em que se tentou fixar um juízo universal com base nos interesses de uma agenda específica de persecução”, ressalta o presidente do Instituto Brasileiro de Ciências Criminais, Antonio Pedro Melchior. “Isso ofende os princípios do juiz natural e do devido processo legal e atenta contra a própria dignidade da Justiça”, completa.

Instado a se manifestar, o procurador-geral da República, Paulo Gonet, afirmou que, ao contrário do caso de emendas sob responsabilidade de Dino, que discute critérios objetivos para rastrear o envio de dinheiro público para obras, a Operação Overclean trata de uma suspeita concreta de corrupção, não havendo semelhança entre os dois temas a ponto de unificá-los sob a mesma relatoria. “Os elementos disponíveis nos autos não caracterizam esse pressuposto”, escreveu. Barroso concordou com o parecer do Ministério Público e concluiu que “não há, no atual estágio das apurações, identidade de partes ou de origens que justifique a vinculação deste procedimento criminal com as investigações determinadas pelo ministro Flávio Dino”.

O empenho em enviar o inquérito da Operação Overclean ao gabinete do ministro Flávio Dino transcende a

Telegram @clubederevistas


GUSTAVO MORENO/STF

SUPERPODER Moraes: concentração de investigações nunca foi consenso

questão jurídica. Há uma miríade de interesses cercando o caso. A alegação formal da Polícia Federal é de que a centralização das investigações no gabinete do ex-chefe da Justiça do governo Lula poderia facilitar o trabalho de "desarticular não apenas os esquemas regionais, mas também ampliar a responsabilização de agentes políticos e administrativos que utilizam as emendas parlamentares como instrumento de desvio de recursos públicos". Uma autoridade ligada à investigação, no entanto, disse a VEJA que, na verdade, o que impera é um receio de que Nunes Marques seja pouco rigoroso com as provas levantadas ou

Telegram @clubederevistas


TON MOLINA/FOTOARENA

SORTEADO Nunes Marques: o relator do caso que assombra a classe política

que simplesmente não dê continuidade às apurações. A insinuação, grave, chegou ao conhecimento do ministro através de seus próprios colegas. “Não se pode colocar em suspeição os ministros e o Supremo Tribunal Federal com base nesse tipo de intriga”, destaca Melchior. Há receio de outras partes de que o caso também esteja sendo conduzido com objetivos políticos.

O estado de atenção sobre a Overclean é plenamente justificado. Tudo indica que a operação puxou o fio de um novelo que pode levar a um gigantesco escândalo de corrupção. Parlamentares destinaram recursos do Orçamento pa-

Telegram @clubederevistas

REPRODUÇÃO



RESULTADO Golpismo: elucidação da trama que levou militares à prisão só teria sido possível graças à excepcionalidade

ra obras em vários estados, parte desse dinheiro foi desviada e retornou para alguns em forma de propina. Um dos citados no inquérito é o deputado federal Elmar Nascimento (BA). O esquema envolveria dirigentes e empresários ligados ao partido dele, o União Brasil. A legenda integra a base de apoio do governo Lula, comanda três ministérios — incluindo o do Desenvolvimento Regional, pasta à qual está subordinado o Departamento Nacional de Obras Contra as Secas (Dnocs), de onde saíram os recursos desviados —, tem como um de seus maiores expoentes o recém-empossado presidente do Congresso, senador Davi Alcolumbre

Telegram @clubederevistas


PEDRO LADEIRA/FOLHAPRESS

OPOSIÇÃO ACM Neto: referências ao ex-prefeito aparecem no relatório

(AP), e já lançou um pré-candidato à Presidência da República, o governador de Goiás, Ronaldo Caiado. Para alimentar ainda mais algumas teorias, o União Brasil também tem uma ala que faz oposição ao governo, sendo que um dos líderes é o ex-prefeito de Salvador ACM Neto.

No relatório enviado ao Supremo, a Polícia Federal informa que Elmar, uma assessora de Alcolumbre e ACM Neto são citados em mensagens trocadas pelos criminosos. No mesmo documento, os investigadores destacaram que a quadrilha possui ramificações na Bahia, de Elmar Nascimento e ACM Neto, no Amapá, de Davi Alcolumbre, e em

Telegram @clubederevistas

FACEBOOK @FERNANDOFILHOPE



SUSPEITAS Elmar *(de preto, à esq.):* citação do deputado levou o inquérito ao STF

Goiás, de Ronaldo Caiado. De novo, até onde se sabe, não há nenhuma evidência minimamente concreta de participação direta desses políticos no esquema de corrupção. "Para nós independe se é o ministro A ou o ministro B. O que nos importa é a higidez do processo, que esteja no foro competente, que seja instruído adequadamente e que leve às consequências jurídico-legais", disse o delegado Andrei Rodrigues em uma entrevista ao programa *Roda Viva*. Sob a batuta de Nunes Marques, os próximos passos da investigação vão mostrar se procedem as preocupações do governo, da oposição, da polícia e da classe política em geral. ■

Telegram @clubederevistas

REVISÃO IDEOLÓGICA

Prestes a ser comandado por João Campos, o PSB quer ser a esquerda moderna — o movimento pode incluir até a retirada da palavra "socialismo" do programa e do nome do partido **RICARDO CHAPOLA**



ESTRELA EM ALTA O bem avaliado prefeito de Recife, de 31 anos: a legenda pretende lançá-lo presidenciável em 2030

HÉLIA SCHEPPA/PCR

Telegram @clubederevistas

NAS ÚLTIMAS décadas, o PSB vislumbrou em duas oportunidades a possibilidade real de conquistar a Presidência da República. Primeiro, com o então governador de Pernambuco, Eduardo Campos. Em 2014, ele era apontado como o principal adversário de Dilma Rousseff, que concorria à reeleição. O governador, porém, morreu num acidente aéreo a dois meses da eleição. Depois disso, em 2018, o partido apostou na popularidade alcançada pelo ex-ministro do Supremo Tribunal Federal Joaquim Barbosa como relator do processo do mensalão, um dos raros casos em que corruptos e corruptores foram condenados à prisão e cumpriram suas penas. Na pré-campanha, o ex-juiz aparecia bem situado nas pesquisas de intenção de voto, mas desistiu de concorrer sem dar maiores explicações. O fato é que havia divergências entre ele e os dirigentes do partido, particularmente em relação ao programa de governo. Barbosa era favorável à privatização de setores considerados não estratégicos. O PSB, por sua vez, pregava — como prega até hoje — a "gradual e progressiva socialização dos meios de produção".



DIVULGAÇÃO

VISUAL Logotipo do partido: proposta de abolir cores associadas à esquerda, principalmente o vermelho

Quase oitenta anos depois de sua fundação e vislumbrando uma terceira oportunidade

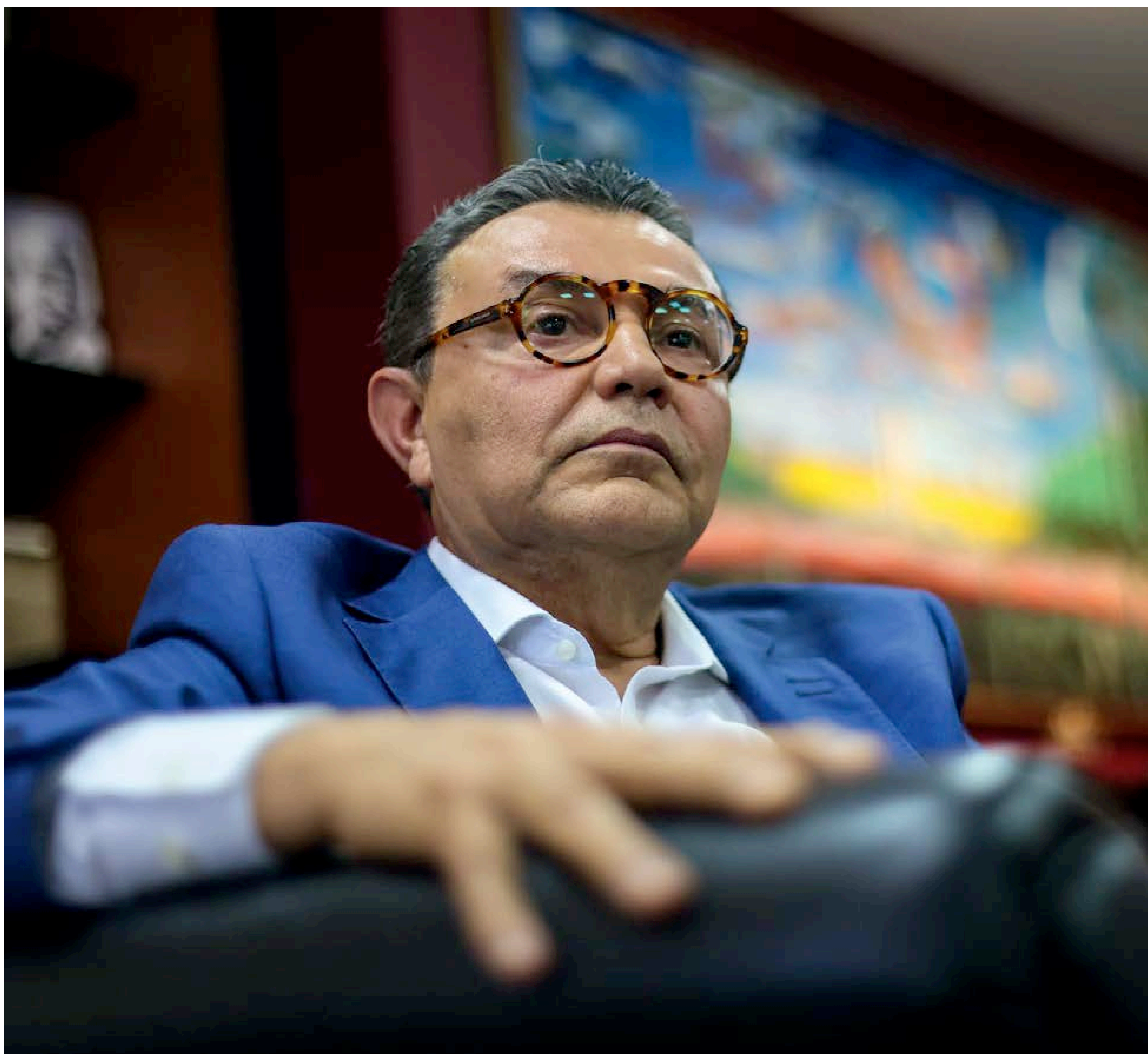


INSTAGRAM @CAIOFRANCA_

FUTURO Tabata e França: o deputado é o principal entusiasta das mudanças

de conquistar o poder, o PSB está se preparando para debater a conveniência de promover uma mudança histórica. Em maio, o partido vai eleger uma nova diretoria. Se nenhuma reviravolta acontecer, a legenda passará a ser presidida pelo prefeito João Campos, de Recife, filho de Eduardo Campos. Aos 31 anos, ele é considerado uma estrela em ascensão, ao ponto de seus aliados já traçarem ambiciosos planos políticos para o futuro. O prefeito foi

Telegram @clubederevistas


GABRIELA BILÓ/FOLHAPRESS

VELHA GUARDA Siqueira: “Não vejo sentido nisso, não vai nos levar a lugar algum, não vai vingar”

reeleito no ano passado em primeiro turno. Em 2026, deve disputar o governo de Pernambuco e, dependendo das circunstâncias, o partido quer tê-lo como presidenciável em 2030. Para viabilizar esse projeto, uma ala do PSB está propondo que se faça uma revisão do programa da legenda, eliminando algumas barreiras que estariam impedindo novas filiações, afastando potenciais eleitores e dificultando a consolidação de lideranças em alguns esta-

Telegram @clubederevistas

dos. A ideia é remover as referências programáticas ao socialismo, inclusive trocando o nome do partido. O "S" de socialista passaria a ser "S" de sociedade. O PSB seria o Partido da Sociedade Brasileira.

A proposta ainda não foi formalizada. O principal entusiasta dela é o deputado estadual Caio França (SP). Filho do ex-governador Márcio França, atual ministro do governo Lula, ele é amigo de João Campos e da namorada dele, a deputada federal Tabata Amaral. O parlamentar vai apresentar o pacote de sugestões ao futuro presidente do partido na próxima semana. Além de mudar o nome e de abolir o so-



SEM SUCESSO

Nos últimos 78 anos, o PSB exibiu um cardápio de nomes importantes e conhecidos que se apresentaram para disputar a Presidência da República

Telegram @clubederevistas

cialismo, essa ala mais jovem do PSB também vai propor mudar a identidade visual da legenda, deixando de lado o vermelho, uma cor tradicionalmente associada às legendas de esquerda. “Esse movimento encabeçado por algumas lideranças do nosso partido tem o objetivo de criar condições para que a gente consiga uma penetração maior no eleitorado de centro”, explica o deputado federal Jonas Donizette (PSB-SP), outro entusiasta da ideia. Segundo ele, a manutenção de bandeiras históricas, embora importante, tem sido prejudicial do ponto de vista eleitoral. “Isso tem servido apenas para dar munição a ataques da direita”, afirma.



EDUARDO CAMPOS

Pai do prefeito João Campos, o então governador de Pernambuco decidiu desafiar a reeleição da presidente Dilma Rousseff em 2014, rompendo a aliança do PSB com o PT. Ele morreu em um acidente aéreo dois meses antes da eleição

Telegram @clubederevistas

Não é a primeira vez que lideranças do PSB tentam suavizar o programa do partido. Vale lembrar também que a inspiração socialista do PSB é apenas retórica. Em 2020, já articulando uma aliança com o PT para derrotar Jair Bolsonaro, o partido passou a defender institucionalmente o respeito a várias formas de propriedade e meios de produção. Mesmo assim, o programa oficial do PSB ainda cita 54 vezes a palavra "socialismo". A ideia agora é reduzir a zero.

Com o novo ganho de roupa na legenda, os entusiastas do projeto acham que finalmente o partido pode conquistar algo maior, firmando-se como uma referência de es-



MARINA SILVA

Com a morte de Eduardo Campos, a hoje ministra do Meio Ambiente assumiu a candidatura do partido à Presidência. Ela chegou a ocupar a vice-liderança na disputa, mas acabou nem chegando ao segundo turno, abatida por uma campanha de desinformação

Telegram @clubederevistas

querda moderna ou uma sigla de centro-esquerda. Desde a redemocratização, o PSB disputou e perdeu duas eleições presidenciais com candidaturas próprias. Em ambas, nem sequer avançou ao segundo turno. Em 2002, quando Lula foi eleito pela primeira vez, o ex-governador Anthony Garotinho amargou o terceiro lugar. Em 2014, Marina Silva, atual ministra do Meio Ambiente, substituiu Eduardo Campos e chegou a ver no horizonte a possibilidade de desbancar Dilma Rousseff. Ela, porém, foi fulminada por uma bem-sucedida campanha de desinformação patrocinada pela petista.

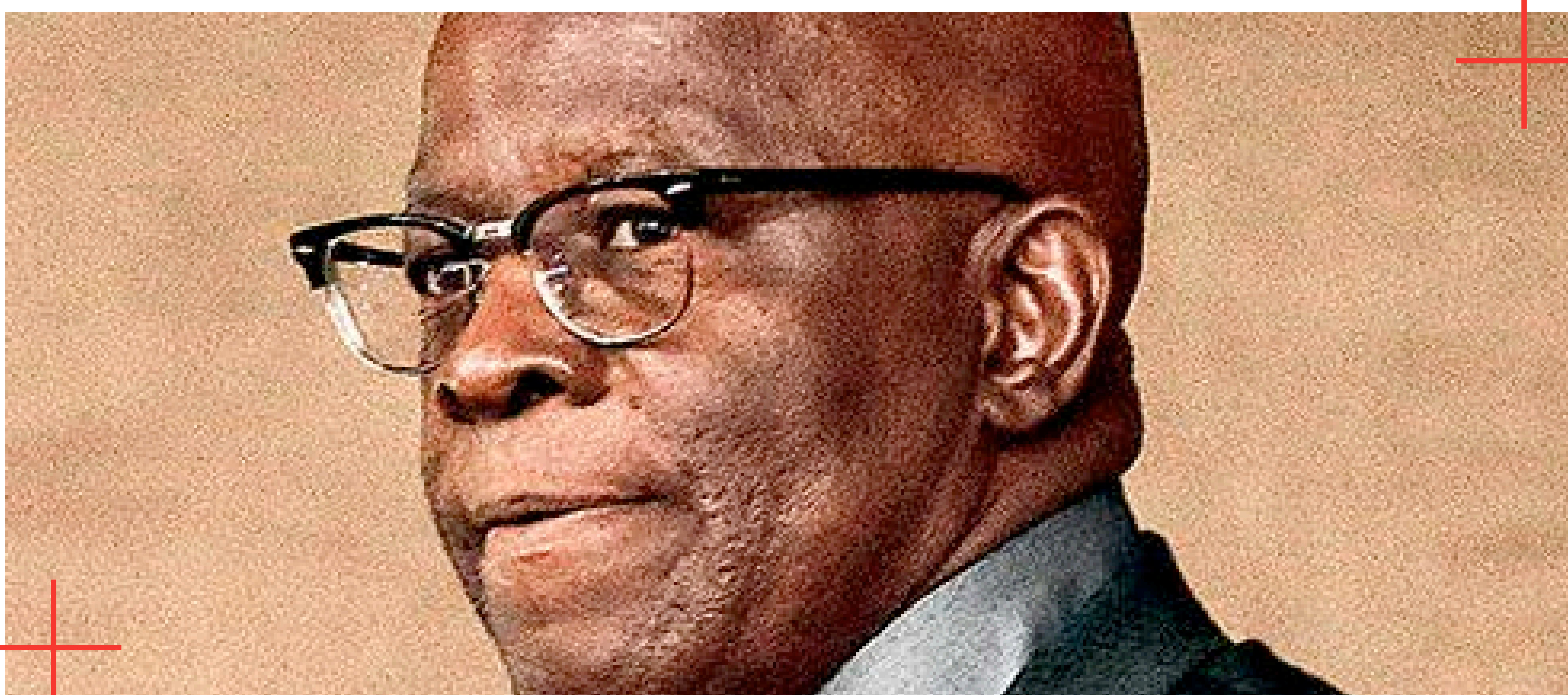


ANTHONY GAROTINHO

O ex-governador do Rio de Janeiro é dono de uma carreira controversa. Em 2002, ele disputou a Presidência da República pelo PSB, mas não avançou ao segundo turno. Catorze anos depois, foi preso, acusado de compra de votos

Telegram @clubederevistas

A nova estratégia para tentar fazer o PSB chegar ao Palácio do Planalto já divide os dirigentes. Para alguns, é um erro abandonar ou negar as raízes socialistas. Para outros, a legenda deve mesmo priorizar o pragmatismo. “Em certos lugares do Brasil, como em São Paulo, o partido perde voto por isso. Em algumas regiões, o ambiente está contaminado por uma discussão ideológica rasa, que chega até a comparar os ideais do PSB com o que existe na Venezuela ou em Cuba. E isso não é verdade”, ressalta Jonas Donizette. O deputado não esconde que há um interesse muito particular da bancada paulista nessas mudanças diante da possibili-



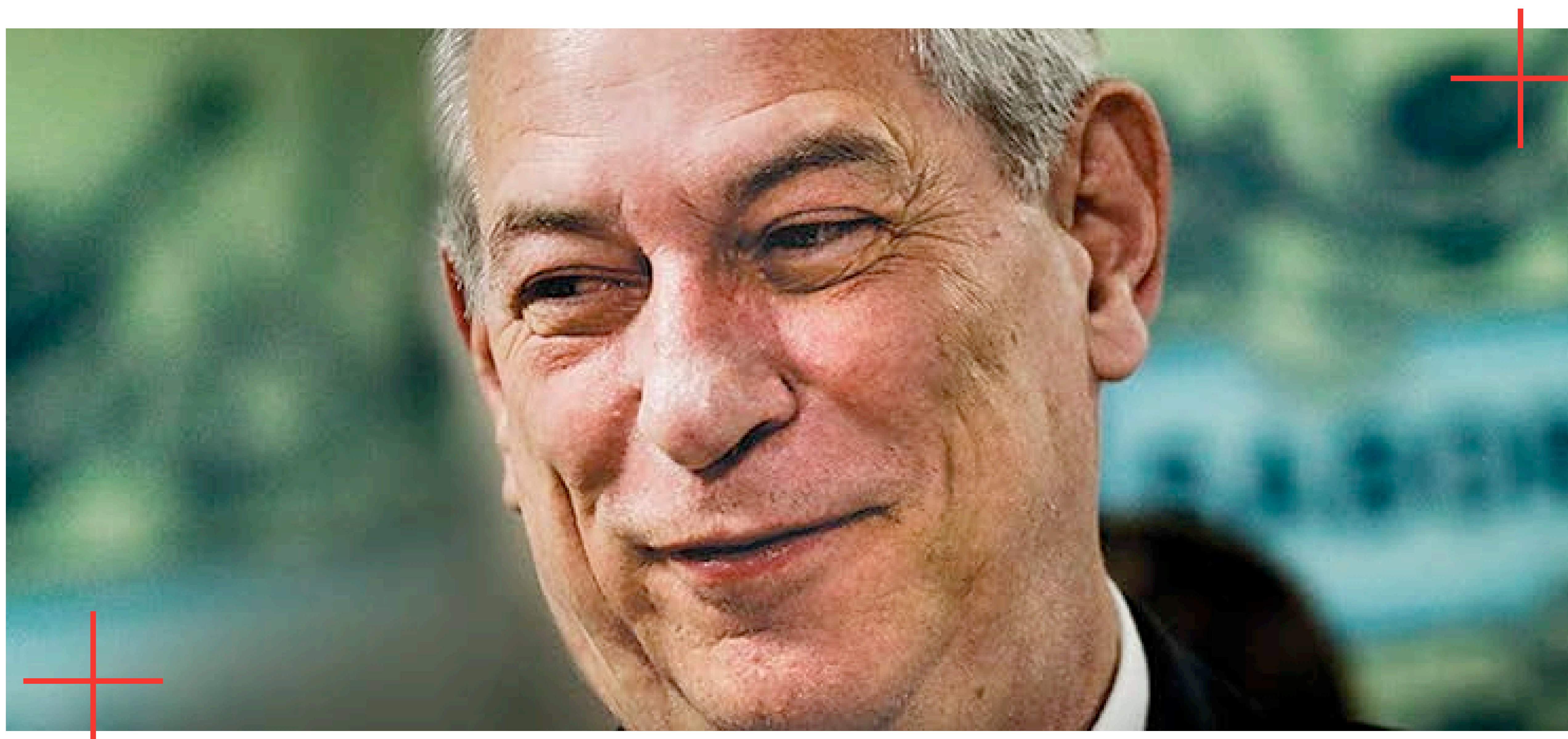
JOAQUIM BARBOSA

O ex-ministro do STF ficou conhecido nacionalmente pela atuação destacada no processo do mensalão. Em 2018, aposentado, ele se filiou ao PSB e anunciou sua candidatura, mas desistiu antes mesmo de a campanha começar

Telegram @clubederevistas

dade de ter o vice-presidente da República, Geraldo Alckmin, como candidato ao governo de São Paulo em 2026. O estado tem o maior colégio eleitoral do Brasil e é um lugar onde a esquerda historicamente sofre grande resistência. Apesar disso, a "modernização" vai enfrentar resistências. O atual presidente do PSB, Carlos Siqueira, por exemplo, não gostou do que ouviu: "Não vejo sentido nisso, não vai nos levar a lugar algum, não vai vingar".

Assessores do próprio vice-presidente têm restrições à ideia. Ex-governador do Distrito Federal e atual secretário de Alckmin no Ministério do Desenvolvimento, Rodrigo



CIRO GOMES

O ex-governador do Ceará disputou quatro eleições presidenciais. Em 2010, filiado ao PSB, ele se apresentou para disputar a sucessão de Lula. O partido, porém, preferiu se coligar com o PT e apoiar a candidatura de Dilma Rousseff

FOTOS EVARISTO SA/AFP; MARCELO CAMARGO/AGÊNCIA BRASIL; INSTAGRAM @OFICIALGAROTINHO; CRISTIANO MARIZ; ALOISIO MAURICIO/FOTOARENA

Telegram @clubederevistas

LEANDRO AMARAL



TRAGÉDIA A queda do avião: Eduardo Campos morreu em um acidente a dois meses das eleições

Rollemberg prega mudanças, mas ressalta que elas devem apontar em outra direção. "Precisamos renovar a forma de implementar as políticas públicas, manifestar empatia e oferecer alternativas para resolver os problemas das pessoas. O nome do partido é o que menos importa", afirma. Procurado por VEJA, João Campos não quis comentar a polêmica. O irmão dele, o deputado federal Pedro Campos, atual líder do PSB na Câmara dos Deputados, disse que o assunto não está em discussão. "O que constitui a imagem de um partido são as ideias que ele defende, o que

Telegram @clubederevistas


TON MOLINA/FOTOARENA

SÃO PAULO Geraldo Alckmin: dificuldades com o eleitorado conservador

o partido faz e quem faz parte desse partido. Não a sua identidade visual ou seu nome”, afirma. Nas últimas décadas, o PSB teve uma trajetória política errante. Se comportou como uma força auxiliar do governo Lula desde o primeiro mandato, votou pelo impeachment de Dilma Rousseff e participou do governo de Michel Temer. Para a ala mais jovem, é hora de pensar em voar por conta própria, mas, antes disso, seriam necessários certos ajustes na bússola do tempo. Sai socialismo, entra sociedade. Só falta agora combinar com os “russos”. ■

Telegram @clubederevistas

A VOZ DA DIREITA

Como uma pequena emissora de rádio do interior paulista se transformou nos últimos três anos na principal porta-voz das grandes plataformas do bolsonarismo **LAÍSA DALL'AGNOL**



FACEBOOK @RADIOAURIVERDEBAURU

PROGRAMAÇÃO Alexandre Pittoli com o ex-presidente: amizade e quase vinte entrevistas apenas em 2024

Telegram @clubederevistas

ATÉ ABRIL DE 2022, os ouvintes que sintonizavam na Rádio AuriVerde eram informados na maior parte do tempo sobre os assuntos de Bauru, no interior de São Paulo, e região. Um comentário feito pelo apresentador Alexandre Pittoli sobre o indulto ao então deputado federal bolsonarista Daniel Silveira, condenado naquele mês pelo Supremo Tribunal Federal à pena de prisão e perda do mandato parlamentar pelos crimes de ameaça ao estado democrático de direito e de coação no curso do processo, no entanto, elevou a audiência a níveis até então inéditos. O episódio marcou de vez o acerto de uma aposta da AuriVerde, que já vinha investindo nos comentários políticos nacionais voltados para o público mais conservador. A fórmula foi ficando mais radical, até a rádio assumir atualmente, com orgulho, o slogan de "a voz da direita no Brasil". "A aproximação com as pautas conservadoras é uma decisão de vida, esse sempre fui eu. Não há personagem nenhum", diz Pittoli.

Prestes a completar sete décadas de atividade, a empresa tem mais de 2 milhões de inscritos em seu canal no YouTube e, dentro da linha política adotada, virou naturalmente uma espécie de plataforma de Jair Bolsonaro. As participações frequentes — e eloquentes — do capitão são um dos principais chamarizes da rádio, que agora tem seu maior público na internet, assim como a abordagem de temas espinhosos e caros aos ouvintes e internautas alinhados à extrema direita: contagem pública de votos, anistia aos presos que invadiram e depredaram as sedes dos Três

Telegram @clubederevistas


FACEBOOK @RADIOAURIVERDEBAURU

NO AR Conversa com o capitão: "portas abertas" na casa e clima descontraído

Poderes, em Brasília, no dia 8 de janeiro de 2023, e denúncias de uma suposta "ditadura do Judiciário" no país.

Responsável pela guinada da emissora nos últimos tempos, Pittoli acumula os papéis de diretor-executivo, rosto e voz da rádio que pertence a uma família tradicional de Bauru, a Daré, dona também da Bauruense (empresa que atua nos ramos de transporte, logística e engenharia). Na trajetória recente de ascensão da AuriVerde, a presença de Bolsonaro ficou tão frequente que Pittoli se tornou habitué dos círculos da família. "Aqui já virou a sua casa, presidente", costuma dizer o apresentador nas entrevistas ao vivo que o

Telegram @clubederevistas

ex-presidente vem fazendo com frequência por lá. Nas transmissões, que geralmente duram não menos do que uma hora, Bolsonaro percorre um leque amplo de assuntos ao longo da conversa, sempre conduzida num tom amigável.

Apenas em 2024, foram quase vinte lives com Pittoli na rádio, com destaque para o período das eleições municipais, quando ele aparecia mais de uma vez na mesma semana. O responsável por abrir as portas da rádio para Bolsonaro foi ninguém menos que o senador Marcos Pontes (PL-SP). O astronauta é natural de Bauru e amigo dos radialistas da AuriVerde. Em dezembro de 2023, levou Bolsonaro para uma live na rádio e, desde então, o capitão não parou mais. Na eleição para a presidência do Senado, ele lançou candidatura à revelia de Bolsonaro, e agora há dúvidas se continuará assíduo na AuriVerde. Por ora, o clima é amistoso: mesmo depois do episódio, Pittoli recebeu o senador Eduardo Girão (Novo-CE) no programa e, na ocasião, o parlamentar se solidarizou com o astronauta. Pittoli e outros jornalistas também dedicaram um dos programas a analisar o porquê do movimento de Pontes, mas sem rusgas. Outros políticos que já bateram cartão por lá são os deputados federais Ricardo Salles (Novo-SP) e Mario Frias (PL-SP), e o governador de Santa Catarina, Jorginho Mello (PL).

O tom mais político da AuriVerde se consolidou a partir de uma parceria dela com a Jovem Pan. Em 2017, a rádio de Bauru entrou para o grupo de filiadas da tradicional emissora paulistana. À época, o então presidente era Mi-

Telegram @clubederevistas



INSTAGRAM @BIAKICIS

VIAGEM Pittoli *(à dir.)* com a ex-primeira-dama Michelle e políticos bolsonaristas: na posse de Trump

chel Temer (MDB) e, no pós-impeachment de Dilma Rousseff, a Jovem Pan fazia críticas contundentes ao PT e abria espaço largo aos desdobramentos da Lava-Jato. A parceria durou seis anos, percorrendo todo o governo Bolsonaro, chegando até meados do primeiro ano do atual governo Lula. Em outubro de 2023, no entanto, a Jovem Pan decidiu excluir a AuriVerde da rede de afiliadas. Meses antes da ruptura, a emissora havia sido alvo do Ministério Público Federal (MPF), que pediu a cassação de concessões públicas da Jovem Pan, sob a acusação de o grupo ter disseminado desinformação nas eleições de 2022 e incentivado

os ataques do 8 de Janeiro. A empresa não comenta publicamente o fim do casamento com a AuriVerde, mas claramente amenizou o discurso a partir do cerco da Justiça. Em Bauru, o recuo é tido como o motivo da separação. "A Jovem Pan mudou sua linha editorial e, a partir desse momento, não deu pra caminhar junto", diz Eduardo Borgo, vereador de Bauru (Novo) e comentarista da rádio.

O divórcio acabou se tornando litigioso em 2024. Naquele ano, Pittoli participou de uma audiência no Senado — articulada pelo senador Girão — que tinha como objetivo esclarecer a queda nos números de audiência de canais de comunicação da direita e "possíveis violações à liberdade de expressão". Na ocasião, afirmou que a Jovem Pan decidira fazer um "acordo" com autoridades para demitir jornalistas na esteira do retorno de Lula ao Planalto. A afirmação rendeu um processo por danos morais movido pela rádio paulistana contra ele.

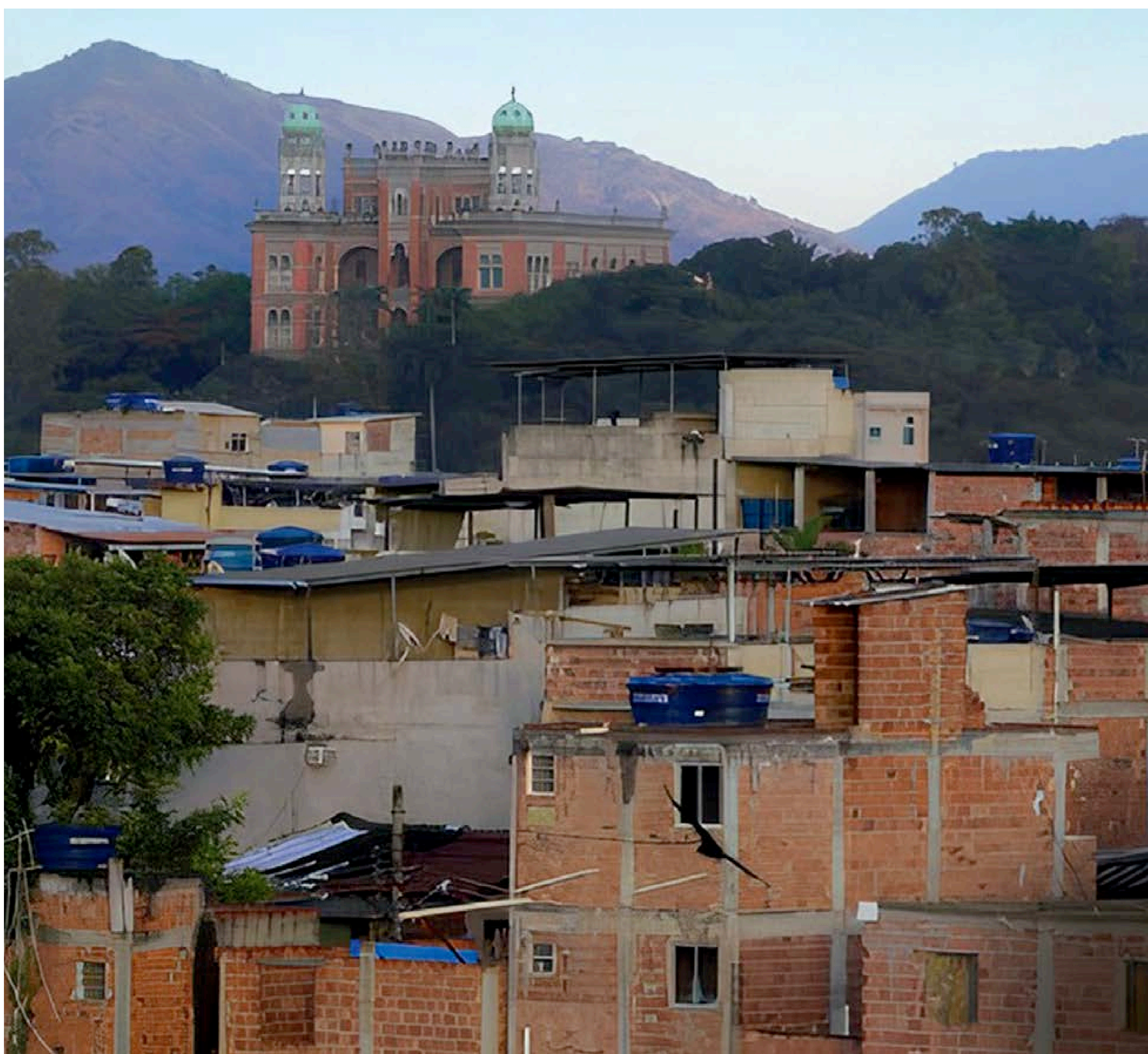
O caso ainda tramita na Justiça, mas está longe de tirar o sono de Pittoli. Ele ampliou a relação com a família do ex-presidente, sobretudo com Eduardo Bolsonaro. Esteve na posse de Javier Milei, na Argentina, e acompanhou a comitiva bolsonarista em Washington, na semana do retorno de Donald Trump à Casa Branca. Apesar do crescimento da audiência, Pittoli queixa-se de restrições impostas pelo YouTube ao canal e da dificuldade em conseguir anunciantes. Uma alternativa foi tentar gerar renda com a venda de camisetas e bonés com mensagens bolsonaristas. Não é fácil ser a voz da direta. ■

Telegram @clubederevistas

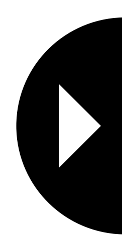
VACINA CONTRA O HORROR

A Fiocruz, centro mundial de excelência na produção de imunizantes, pede socorro em meio à guerra entre bandidos e polícia que cerca suas instalações

LUDMILLA DE LIMA E **LUCAS MATHIAS**


BRUNA PRADO/AP/IMAGEPLUS

CERCO O Castelo Mourisco, prédio histórico da fundação, rodeado pela miséria: avanço científico ameaçado



Telegram @clubederevistas

NA ENTRADA do Rio de Janeiro, para quem vem de São Paulo, sobre uma colina à beira da Avenida Brasil, o Castelo Mourisco emoldura a paisagem, como joia do vasto terreno da Fundação Oswaldo Cruz (Fiocruz), referência mundial em pesquisas científicas e desenvolvimento de vacinas, instalada em uma área de 900 000 metros quadrados por onde circulam 10 000 pessoas diariamente. Nas últimas semanas, contudo, a instituição passou por momentos de tensão, inimagináveis para um centro de sua relevância: traficantes trocaram tiros com policiais civis, alguns à paisana, dentro dos limites da fundação. Foi a primeira ocorrência do gênero dentro do campus, mas o bangue-bangue ao redor é frequente e incômodo, com balas a colidir contra os prédios. Uma vergonha. A Fiocruz paga o preço da falta de segurança na cidade: ela é vizinha de dois complexos de favelas, Manguinhos e Maré, palcos de seguidos confrontos entre agentes oficiais e integrantes de facções criminosas que dominam o vasto território.

Somados todos os dias do ano passado em que a violência levou à paralisação das atividades — entre elas a crucial produção de imunizantes —, a conta chega a trinta, ou um mês de trabalhos interrompidos. “Que país do mundo tem uma instituição como a Fiocruz, patrimônio da sociedade brasileira, sujeita a uma situação como essa?”, disse a VEJA o diretor-executivo da entidade, Juliano de Carvalho Lima, postado em sua mesa de trabalho cercada de temor. “Vivemos em estado de violência permanente, com uma alta carga de risco.” Na manhã de 8 de janeiro, o pânico tomou conta de parte da co-

Telegram @clubederevistas



QUADRO INSÓLITO Projéteis recolhidos por funcionários: medo permanente

munidade científica ao ver policiais e bandidos correndo por uma das áreas mais movimentadas do complexo, onde ficam o museu, restaurantes e uma agência do Banco do Brasil, e estilhaços feriram uma funcionária. Três criminosos morreram e dois sumiram ao mergulhar no estreito Rio Faria-Timbó, na divisa do terreno.

Os conflitos no entorno, especialmente na Favela da Varginha, explodiram porque, na roda dos crimes praticados pelas quadrilhas do narcotráfico, o QG do braço do Comando Vermelho especializado em roubo de caminhões, a maior parte abordada na Avenida Brasil, se transferiu da Maré para Manguinhos, onde agora são estacionados os veículos e as cargas. Nos tiroteios com a polícia, nem mesmo o castelo ocre,

Telegram @clubederevistas

encomendado por Oswaldo Cruz em 1905, e em processo de se tornar Patrimônio da Humanidade, está a salvo: no dia 17, uma bala atravessou uma janela do segundo andar.

A situação agora é de uma pequena cidade praticamente sitiada, sem exageros. Com 9 000 funcionários, entre professores e pesquisadores, e outros 1 500 terceirizados, a Fiocruz tem uma centena de edificações, sendo que 90% delas já foram atingidas por estilhaços dos disparos. Circulam ainda pelo espaço alunos, pacientes atendidos por um centro de saúde e por um hospital com 120 leitos, e visitantes do Museu da Vida.

A situação também é crítica do outro lado da Avenida Brasil, onde fica o Laboratório de Biossegurança Nível 3, que manipula agentes biológicos como o vírus da covid-19. Prédios novos, como um edifício-garagem em fase de planejamento, já sairão do papel com blindagem. Planos de contingência para situações de violência foram traçados e incluem locais seguros para abrigo e rotas de fuga. É como numa guerra. Na creche, que atende 200 filhos de funcionários, o protocolo determina que as crianças se deitem no chão, em caso de confronto. Nada por ali é fácil. O diretor Carvalho Lima se queixa da falta de cooperação do governo estadual e de não receberem aviso prévio sobre as ações nas comunidades.

Essas informações são cada vez mais vitais para a rotina de lá. Segundo o Instituto Fogo Cruzado, em um raio de 1 quilômetro do campus que fica parte em Manguinhos, parte na Maré, só nos primeiros quinze dias do ano houve cinco trocas de tiros, e 39 no ano passado, a maioria envolvendo operações

Telegram @clubederevistas



JOSÉ LUCENA/THENEWS2/AGÊNCIA O GLOBO

TENSÃO Operação no dia da invasão do campus: situação recorrente

da polícia. "Mais da metade dos tiroteios na região envolve essas ocorrências", diz a diretora de dados e transparência do Fogo Cruzado, Maria Isabel Couto. "A Fiocruz é central para o desenvolvimento socioeconômico do Brasil, mas isso não tem sido levado em consideração no planejamento das ações policiais." O risco de vida, real, foi insolitamente resumido em um quadro que expõe as balas perdidas encontradas nas dependências da fundação. Os projéteis são acompanhados de relatos das circunstâncias dos confrontos armados. Os mais antigos datam de 2009. Diante do aumento no número de ocorrências, a ministra da Saúde, Nísia Trindade, que já presidiu a Fiocruz e em 2017 participou de protestos por mais segurança, solicitou ajuda à Polícia Federal para rever e melhorar os procedimentos internos. A direção também pediu audiência com Cláudio Castro. Segundo apurou VEJA, o gover-

Telegram @clubederevistas

nador fluminense se comprometeu a receber representantes da instituição, mas, até quinta-feira 6, o encontro não tinha sido agendado.

O pedido de socorro da Fiocruz é cada vez mais urgente. A extensa área verde da instituição virou esconderijo de bandidos. Há, hoje, mais ações policiais do que havia em passado recente, mas soam inúteis. "Os criminosos atravessam com facilidade o Faria-Timbó. Os que dominam a região têm seus caminhos para fugir, e a segurança privada não consegue impedir", diz Victor Santos, secretário estadual de Segurança. O aumento da criminalidade levou também à intensificação de operações nas comunidades que se concentram às margens da Avenida Brasil, mas parece ser insuficiente. Os roubos de carros dispararam no início do mês e alcançaram a impressionante média de 200 ocorrências por dia. No fim de janeiro, seis pessoas morreram em uma operação voltada para coibir quadrilhas de sumiço de cargas no Complexo do Alemão, entre elas, um jardineiro, que tomava café em um bar, e um idoso, atingido na rua. Uma moradora que dormia ao lado do filho ficou ferida.

A discussão sobre os limites das forças de segurança chegou ao Supremo Tribunal Federal. O governo do estado questiona uma liminar, concedida durante a pandemia, que busca restringir a violência policial nas operações. O argumento é que a medida "limita a ostensividade da polícia". A Fiocruz é contra a revisão da norma e se alinha às organizações de moradores das favelas. O ministro Edson Fachin, relator do pro-



PETER ILICCIEV/CCS FIOCRUZ

“BASTA!” Nísia Trindade lidera protesto na época em que comandava a Fiocruz: agora, a atual ministra acionou a PF

cesso, determinou que o Rio de Janeiro apresente um plano de atuação nas comunidades. Originalmente, o texto proíbe o uso indiscriminado de helicópteros e obriga a utilização de câmeras corporais. O julgamento teve início na quarta-feira 5, mas foi suspenso por determinação do presidente do STF, Luís Roberto Barroso.

Em sua história, a Fiocruz registrou grandes momentos de tensão na década de 70, no auge da ditadura militar, quando dez cientistas foram cassados e impedidos de trabalhar. É uma lembrança tenebrosa do passado, recordação que amplia a tragédia do presente, de insegurança e riscos generalizados no dia a dia. A casa merecia existência mais tranquila. Ela pede alguma vacina contra o horror que encurrala. ■

Telegram @clubederevistas



CRISTOVAM BUARQUE

PAÍS ÓRFÃO

As prioridades mais urgentes dependem da educação de base

A EDUCAÇÃO é órfã da República, tanto quanto foi do Império. Independentemente do partido e da ideologia dos dirigentes em cada momento, o ensino de qualidade para todos nunca foi tratado como vetor de nosso progresso. Não tivemos presidente educacionista que implantasse um sistema com qualidade e equidade para cada criança brasileira desde seu nascimento. Nestes quarenta anos de democracia, tivemos nove eleições presidenciais, mas o número de adultos analfabetos plenos continua praticamente o mesmo, acima de 10 milhões. O número de escolas, de vagas e o dinheiro aplicado cresceram, mas não melhoramos nossa posição como um dos países com pior qualidade na educação e provavelmente aquele com maior desigualdade conforme a renda da família.

Sem reforma ambiciosa de nosso atual sistema educacional, dos 2,5 milhões de brasileiros que nasceram em 2024, no máximo 500 000 concluirão a educação de base, em 2042, medianamente alfabetizados para o mundo contemporâneo, com o mapa para buscar sua felicidade pessoal e as ferramentas necessárias para construir o país que desejamos. Portanto, 2 milhões ficarão para trás.

Telegram @clubederevistas

Os políticos de direita consideram que educação deve ser tarefa das famílias conforme a renda de que dispõem; os de esquerda consideram que não há necessidade de reformas, bastariam mais investimentos e atender às reivindicações dos sindicatos de professores, sem preocupação direta com os alunos, com a qualidade e, ainda menos, com a equidade. Com essas lógicas, a direita reduz gastos e a esquerda investe sem compromisso com os resultados, chegando a apoiar greves em escolas estatais, o que reduz a pouca qualidade e amplia a desigualdade em relação às escolas privadas, imunes a paralisações.

A orfandade da educação está também na submissão da lógica assistencial, ao transformar o Bolsa-Escola em Bolsa Família, a Poupança Escola em Pé-de-Meia, o programa de Certificação Federal dos Professores Municipais no programa Pé-de-Meia do Professor. O apoio à promoção automática mesmo sem aprendizado em escolas que atendem alunos de famílias pobres também é prova da or-

“Em quarenta anos de democracia, o número de analfabetos continua o mesmo”

Telegram @clubederevistas

fandade da educação em nome do assistencialismo social, aceitando que a educação de base deve ser desigual conforme a renda da criança.

As pesquisas mostram que a educação é, ainda, órfã da opinião pública, razão pela qual a busca de qualidade é relegada entre as prioridades dos eleitores, e a ideia de equidade nem ao menos é considerada como propósito nacional. Os líderes não mostram que as prioridades mais urgentes — segurança, emprego, pobreza, sustentabilidade, distribuição de renda — dependem da educação de base com qualidade para todos.

O ensino superior trata a educação de base como mero degrau para a universidade, como se fosse um mal necessário, daí a promessa de "universidade para todos" sem um programa "todos os brasileiros alfabetizados", ainda menos "todos alfabetizados para a contemporaneidade".

Por ser a principal causa de quase todos os nossos problemas, atalho para a pobreza, a orfandade da educação condena o país ao declínio: ao deixar nossas crianças com a educação sem pai nem mãe no presente, o Brasil pavimenta um triste futuro, porque se deve enxergar o amanhã pela cara da escola de hoje. ■

Telegram @clubederevistas

PEDRO GIL





CELSO DONI/DIVULGAÇÃO

RECUO João Adibe, da Cimed: conversas com fundos estrangeiros esfriaram

Venda na geladeira

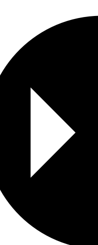
Nos últimos dias, esfriaram as conversas entre **João Adibe,** dono da Cimed, e fundos estrangeiros interessados em comprar uma fatia minoritária da farmacêutica. Recentemente, a empresa foi avaliada em cerca de 14 bilhões de reais pelo mercado, mas Adibe acha que o negócio vale um pouco mais. Ele está com o caixa cheio. Em 2024, a Cimed emitiu duas debêntures e captou 1 bilhão de reais.

Partiu, Austrália

Enquanto a entrada de um parceiro estrangeiro segue indefinida, a Cimed reorganiza a estrutura societária. Mariana Marques, irmã mais nova da família Adibe, está vendendo sua participação de 6% na companhia. Ela mora na Austrália e se dedica à criação de ostras — e nunca se envolveu de fato com o negócio.

Férias frustrantes

O empresário Nelson Tanure está incomodado com



Telegram @clubederevistas

a demora do varejista francês Casino para vender o controle do Grupo Pão de Açúcar no Brasil. As tratativas estão emperradas por um motivo prosaico: alguns executivos do Casino permanecem de férias. Enquanto isso, Tanure não consegue realizar o sonho de incluir o Pão de Açúcar em seu plano de conquista do varejo.

Superfaturado

Os irmãos Joesley e Wesley Batista, da J&F, saíram enfurecidos da disputa pelos ativos onshore — em terra firme — da brasileira Brava Energia. A companhia de petróleo e gás Fluxus, que pertence ao conglomerado da dupla, ofereceu 1,8 bilhão de dólares pelo negócio, mas a Brava fez chegar ao mercado que o valor era de 2,6 bilhões de dólares.

Sem negócio

Os vazamentos irritaram os irmãos Batista, que se sentiram usados. Eles não quiseram nem assinar o contrato de confidencialidade para acessar o data room — espaço para compartilhar e armazenar documentos confidenciais — da Brava Energia, condição obrigatória para iniciar as negociações.

De volta ao Rio

A incorporadora Tegra voltou a comprar terrenos no Rio de Janeiro após anos investindo em São Paulo. A empresa arrematou os últimos três lotes do Península, concorrido condomínio de alto padrão na Barra da Tijuca. A expectativa é faturar 700 mi-

Telegram @clubederevistas

lhões de reais com os futuros lançamentos no local.

Faltam oportunidades

A Tegra também negocia a compra de outros terrenos na Barra da Tijuca, na Zona Oeste do Rio. "Adoraríamos operar na Zona Sul da cidade, mas é difícil achar boas oportunidades por lá", diz Thiago Castro, diretor-executivo de negócios da empresa.

Ganhando tração

A Usiquímica, dona da marca de lubrificantes Valvoline, finalizou nos últimos dias a compra da operação brasileira da estatal argentina YPF. O acordo vai dobrar o tamanho da companhia.

Novas aquisições

A YPF vai manter um pé no Brasil. A estatal deverá receber royalties pelo licenciamento da marca e continuar apoiando a Usiquímica no desenvolvimento de produtos. Enquanto isso, a Usiquímica está definindo novos alvos para aquisições no mercado.

Stiglitz no Brasil

Vencedor do Prêmio Nobel em 2001, o economista americano Joseph Stiglitz está de viagem marcada para o Brasil. Ele desembarca no país em agosto para o lançamento do livro *A Estrada da Liberdade*. Na era das redes sociais, Stiglitz defende limites para a liberdade de expressão. ■

OFERECIMENTO
kovr seguradora

Jornalismo influente e conectado



Assine **VEJA** e valorize o jornalismo feito com qualidade



Com o plano **DIGITAL COMPLETO** tenha acesso ilimitado ao site, edições digitais e acervo das Vejas e de todas as outras marcas Abril.*

Assine agora por apenas R$ 5,99 /mês

Acesse **assine.abril.com.br** ou aponte a câmera do seu celular para o QR Code ao lado



veja · veja Negócios · veja Saúde · veja São Paulo · veja Rio · SUPER INTERESSANTE · CLAUDIA · QUATRO RODAS · VOCÊ RH · VC S/A

Telegram @clubederevistas

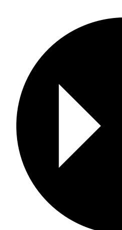
SONHO MAIS DISTANTE

Juros em alta, inflação acima da meta e baixo crescimento econômico devem inibir os lançamentos residenciais neste ano e dificultar a compra da casa própria pela classe média

MÁRCIO JULIBONI E **LUANA ZANOBIA**



RETRAÇÃO Estande de vendas em São Paulo: com piora da conjuntura, crédito vai ficar mais caro



DIVULGAÇÃO

Um estudo recente realizado pela Federação Brasileira de Bancos (Febraban) constatou que comprar a casa própria continua sendo o principal sonho de consumo dos brasileiros. Em 2025, porém, esse objetivo ficará mais distante. A combinação de juros em alta, inflação fora da meta e menor crescimento do PIB deve inibir os lançamentos residenciais, encarecer os custos de construção e dificultar o acesso dos potenciais compradores ao financiamento. A Abecip, entidade que reúne os bancos que oferecem crédito imobiliário com recursos da poupança, projeta uma queda de 15% a 20% no volume financiado — se o número for confirmado, significará o terceiro maior tombo da história, atrás apenas de 2015 e 2016, anos marcados pela recessão econômica. "A oferta de crédito continuará, mas com custos muito maiores", afirma Sandro Gamba, presidente da Abecip. "Isso certamente reduzirá a demanda."

Para entender essa guinada, é preciso identificar os fatores que impulsionaram o mercado imobiliário até pouco tempo atrás, a começar pelos juros baixos. A pandemia de covid-19 levou o Banco Central (BC) a cortar a taxa Selic para 2% em agosto de 2020, nível em que permaneceu até março de 2021, quando a crise começava a esmorecer e a economia ensaiava uma reabertura. O dinheiro mais barato e a demanda reprimida geraram uma onda de lançamentos e levaram mais gente aos estandes de venda. Em 2021, o crédito imobiliário bancado pela poupança somou

Telegram @clubederevistas



ALF RIBEIRO/FOTOARENA

NOVAS REGRAS Agência da Caixa: obter financiamento ficou mais difícil

205 bilhões, o maior valor da história. Nos anos seguintes, embora a Selic voltasse aos dois dígitos, a queda do desemprego, a inflação moderada e a retomada econômica aumentaram a renda dos brasileiros e mantiveram as vendas de imóveis aquecidas. Para completar, após estacionar em 13,75% por um ano, a Selic voltou a cair em agosto de 2023, e as construtoras iniciaram 2024 confiantes de que os juros encerrariam dezembro abaixo dos 10%. O otimismo ampliou a oferta e o crédito somou 187 bilhões de reais no ano passado, a segunda maior cifra da história. “A queda dos juros incentivou as incorporado-

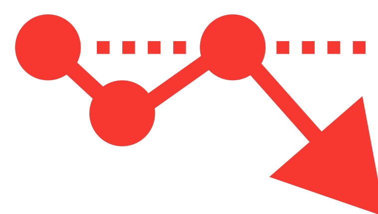
Telegram @clubederevistas

FICOU PIOR

Os negócios deverão recuar em 2025

A ABECIP ESPERA **UMA QUEDA DE 10% NO VOLUME TOTAL DE CRÉDITO** IMOBILIÁRIO NESTE ANO, PARA

282 BILHÕES DE REAIS



DESSE TOTAL, OS FINANCIAMENTOS COM RECURSOS DA POUPANÇA **DEVEM RECUAR ENTRE 15% E 20%**, SOMANDO CERCA DE

155 BILHÕES DE REAIS



COM MENOS RECURSOS DA POUPANÇA, A SAÍDA SERÁ FINANCIAR OS IMÓVEIS COM JUROS DE MERCADO. EM DEZEMBRO, ESSA MODALIDADE DE CRÉDITO IMOBILIÁRIO JÁ COBRAVA

18% DE JUROS AO ANO



A RENDA, NESTE ANO, SERÁ MAIS CORROÍDA PELA INFLAÇÃO ALTA. **SOBRARÁ MENOS DINHEIRO PARA PAGAR AS PARCELAS DA**

CASA PRÓPRIA



Telegram @clubederevistas

ras", diz Renato Correia, presidente da CBIC, a entidade que representa a indústria brasileira da construção.

Mas o caminho que estava pavimentado para o crescimento do setor acabou sendo desconstruído pouco a pouco. Após baixar para 10,5% em maio passado, a Selic voltou a subir a partir de setembro, refletindo o esforço do BC para conter a disparada da inflação. Comandada desde o início do ano por Gabriel Galípolo, indicado pelo presidente Luiz Inácio Lula da Silva, a instituição deve elevar a taxa dos atuais 13,25% para 15%, segundo as projeções de mercado. Trata-se do maior patamar desde junho de 2006, ainda durante o primeiro mandato de Lula, quando a Selic estava em 15,25%. O pior é que, segundo afirmam os especialistas, a dose cavalar de juros não deterá a inflação, cuja estimativa de mercado está em 5,51%. A freada da economia, portanto, será inevitável — e levará à indesejada virada de chave no setor imobiliário. Nesse cenário, a classe média será a grande prejudicada. "É a camada que mais sofre com a inflação, que corrói a renda disponível para comprar um imóvel", diz Eduardo Zaidan, vice-presidente do Sinduscon-SP, entidade que reúne as construtoras paulistas.

À medida que a classe média aperta os cintos, as incorporadoras se concentram nos extremos da pirâmide de renda. Uma boa parte delas aumentou a aposta em imóveis populares enquadrados no programa Minha Casa, Minha Vida (MCMV), que conta com recursos do Fundo

Telegram @clubederevistas


TON MOLINA/FOTOARENA

CUSTO ALTO Galípolo: aumento da Selic encarece as linhas de empréstimos

de Garantia do Tempo de Serviço (FGTS) e financia unidades com valor de até 350 000 reais. Com o desemprego em 6% — o menor nível da história —, a entrada de recursos no FGTS segue forte. Em 2025, o orçamento do fundo para o crédito habitacional é de 127 bilhões de reais, cifra semelhante à de 2024. Outras construtoras partiram para os imóveis de alto padrão, segmento em que a clientela não depende de financiamento para fechar negócio. Como se trata de um nicho pequeno, as empresas que focam esse público lançam um volume menor de empreendimentos. No meio, estão os imóveis financiados com recur-

Telegram @clubederevistas

sos da poupança e destinados à classe média, faixa que deverá ser a mais atingida pela crise.

É fácil entender por que a classe média vai enfrentar dificuldades para comprar o imóvel dos sonhos. Com a alta dos juros, os investidores buscam aplicações de renda fixa que rendem mais, retirando recursos da poupança, que costuma oferecer pouco retorno. No acumulado de 2021 a 2024, por exemplo, os saques da poupança superaram os depósitos em 209 bilhões de reais, e o saldo da caderneta baixou de 790 bilhões para 773 bilhões. O tombo só não foi maior porque a rentabilidade anual de pouco mais de 6% corrigiu os saldos nesse período, mas foi o suficiente para preocupar os bancos que operam essas linhas de crédito e as construtoras. O reposicionamento do mercado já é perceptível. De acordo com o Secovi-SP, que representa o setor imobiliário paulista, na cidade de São Paulo a oferta de unidades financiadas com recursos da poupança despencou 31% no período de doze meses.

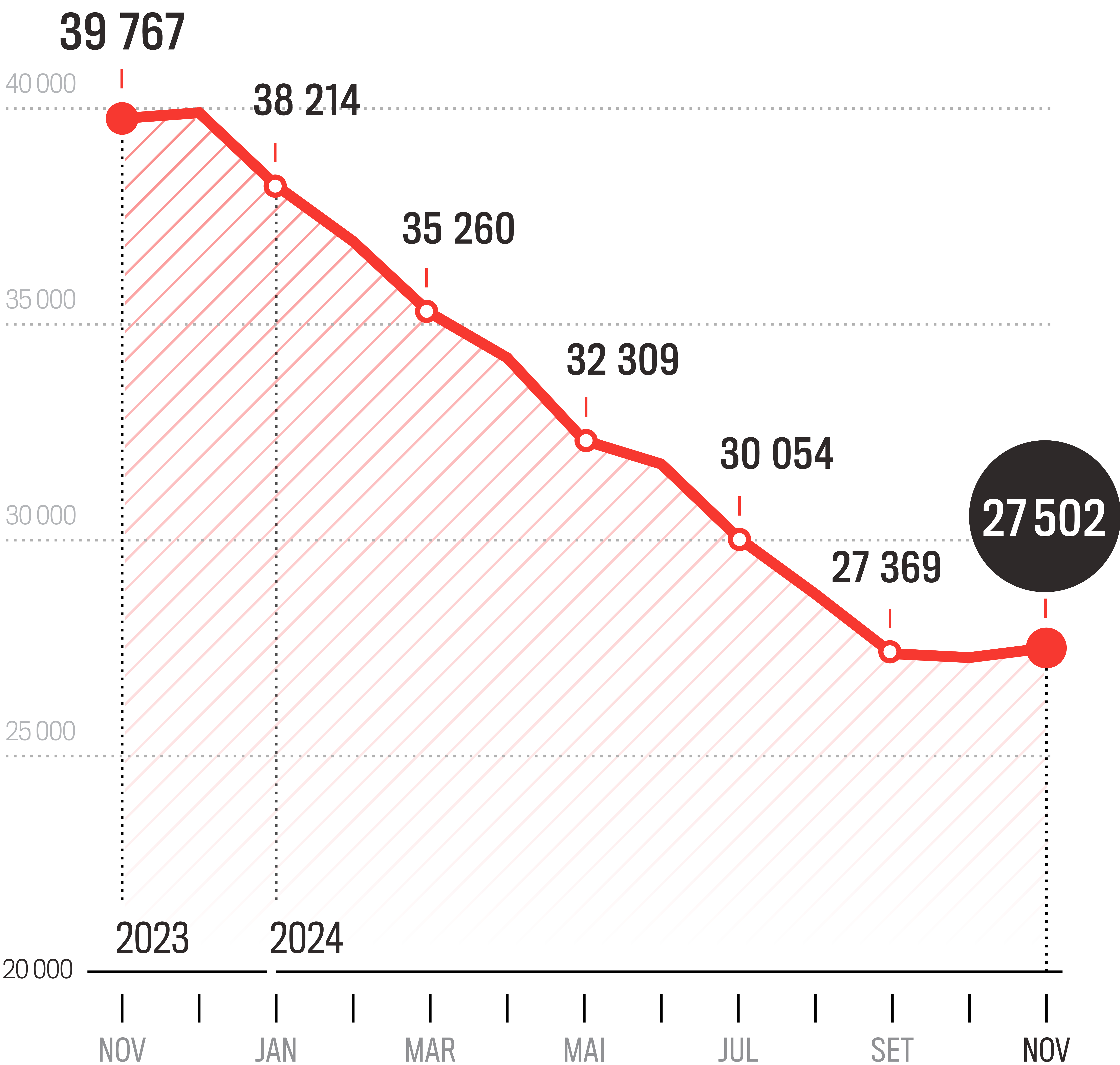
Como a poupança também financia a construção, o setor busca outras fontes para compensar a escassez de recursos, a exemplo dos certificados de recebíveis imobiliários e das letras de crédito imobiliário, mas a solução não é a ideal. Para atrair investidores, esses papéis precisam oferecer uma remuneração alinhada à de outras aplicações de renda fixa, o que encarece o custo de capital. Para os potenciais clientes, isso significa uma taxa de financiamento mais cara. As condições de financiamento também

Telegram @clubederevistas

EM QUEDA

O estoque de imóveis novos à venda na cidade de São Paulo financiados com recursos da poupança caiu 31% em 12 meses

UNIDADES À VENDA



Fonte: *Secovi-SP*

Telegram @clubederevistas

ficaram mais rígidas. Desde novembro do ano passado, a Caixa Econômica Federal, a maior operadora de crédito imobiliário do país, aumentou o valor da entrada exigida e limitou o preço dos imóveis financiados a 1,5 milhão de reais. Acima disso, o interessado deverá recorrer a linhas com taxas livres, cujos juros já chegam a exorbitantes 18% ao ano. E isso é só começo, já que, com a Selic nas alturas, o crédito fica mais caro em todas as linhas de financiamento. “Não existe solução mágica”, diz a economista Ana Maria Castelo, da Fundação Getulio Vargas. “Enquanto o custo do crédito subir, a situação vai piorar.” Nesse cenário, o sonho da casa própria ficará cada vez mais distante para milhões de brasileiros. ■



Telegram @clubederevistas

ALEXANDRE SCHWARTSMAN

A INFLAÇÃO NÃO É SÓ COMIDA

A aceleração de preços reflete uma economia superaquecida

A INFLAÇÃO em 2025 deve mais uma vez superar o topo do intervalo de tolerância da meta de inflação. Pior, deve ficar ainda mais alta do que a registrada no ano passado, quando o limite já foi violado, atingindo algo entre 5,5% e 6%. O governo acredita que a piora da inflação é resultado da elevação do preço dos alimentos a partir de meados de 2024, o que explica a busca um tanto frenética por medidas que possam moderar os preços. Embora seja verdade que o aumento dos custos desses produtos tenha se refletido na inflação medida pelo IBGE, um olhar mais cuidadoso nas entranhas do índice revela que o problema é bem mais profundo do que supõe a vã filosofia do Ministério da Fazenda.

Se fosse verdade que a inflação se elevou apenas pelo efeito dos alimentos, esperaríamos que o IPCA livre do impacto desses produtos tivesse se mantido estável, ou mesmo diminuído, na segunda metade de 2024. Não é o que os números revelam: a inflação de tudo que não é comida se elevou de 3,9% para 4,2% no período.

Telegram @clubederevistas

Outras medidas de inflação, que buscam "limpar" o índice de efeitos temporários e localizados, revelam fenômeno similar: depois de atingir um mínimo no segundo trimestre de 2024, aceleraram nitidamente nos seguintes. Destacamos o desempenho dos serviços, itens que são mais sensíveis à demanda interna e menos afetados pelo dólar. Também se aceleraram no segundo semestre, atingindo perto de 6% nas leituras mais recentes.

Não se trata, portanto, de um problema localizado, mas de fenômeno disseminado e persistente, que tem se mantido no começo de 2025. Tal comportamento, em particular no que se refere a serviços, sugere uma economia superaquecida, isto é, utilizando seus recursos, capital e trabalho, de forma mais intensa do que a consistente com estabilidade de preços, definida como inflação próxima à meta.

O exame mais detalhado da atividade econômica aponta para o aumento do consumo como o principal motor da

"Um olhar mais cuidadoso nas entranhas do índice revela que o problema é mais profundo"

Telegram @clubederevistas

demanda interna. Dando um passo atrás, notamos que o maior motivo para o crescimento do consumo foi a elevação das transferências do governo, no caso pensões e aposentadorias, o Benefício de Prestação Continuada, o abono salarial e seguro-desemprego (todos impulsionados pelo aumento do salário-mínimo acima da inflação) e, por fim, o novo Bolsa Família. Nos dois últimos anos, tais transferências aumentaram 180 bilhões de reais.

O sobreaquecimento da economia e a aceleração da inflação decorrem diretamente da política de aumento do gasto público, o mesmo que o presidente resolveu chamar de "investimento", embora não adicione em nada à capacidade produtiva do país, apenas ao consumo. A bomba estourou no colo do BC, a quem cabe evitar que a inflação se desvie persistentemente da meta. Daí a necessidade de voltar a elevar a taxa Selic para moderar o crescimento e trazer o IPCA de volta.

Note-se, contudo, que as próprias projeções do BC apontam para inflação superior a 5% neste ano e na casa de 4% nos doze meses terminados em setembro de 2026, o "horizonte relevante" (dezoito meses) do Copom. Vale dizer, o BC parece satisfeito em manter a inflação no intervalo superior de tolerância.

Comete, assim, o mesmo erro de Alexandre Tombini há pouco mais de dez anos. Por algum motivo não conseguimos aprender com nossa própria história. ■

Telegram @clubederevistas

A GRANDE JOGADA

Estudo revela que comprar ações que pagam dividendos é uma das melhores formas de aumentar os lucros e blindar a carteira de investimentos contra os solavancos da bolsa **JULIANA MACHADO**



NO TOPO Plataforma da Petrobras: empresa deverá ser a campeã de pagamentos de proventos em 2025

TÂNIA RÊGO/AGÊNCIA BRASIL

Telegram @clubederevistas

O CENÁRIO DE JUROS altos coíbe o investimento em ações. Essa é a verdade universal com a qual praticamente todo o mercado financeiro vem trabalhando há cinco anos, quando a taxa Selic começou a subir no Brasil e a empurrar os recursos dos investidores para os retornos da renda fixa. Ainda assim, algumas estratégias de investimentos podem se contrapor a essa lógica — e assegurar bons ganhos aos acionistas. É o caso de empresas pagadoras de dividendos, que costumam trazer ganhos para os investidores seja qual for o cenário econômico. A realidade não deixa mentir: o Índice Dividendos (Idiv), que reúne as empresas que mais distribuem proventos, supera o Ibovespa, principal referência do mercado acionário brasileiro, em diversas janelas de tempo. Nos últimos dois anos, o Ibovespa avançou 10%, mas o Idiv foi além, com alta de 20%. Nos últimos cinco anos, a diferença de performance é ainda mais evidente: o Idiv subiu 31%, enquanto o Ibovespa entregou retorno de 7%. A boa notícia é que esse movimento deverá continuar em 2025.



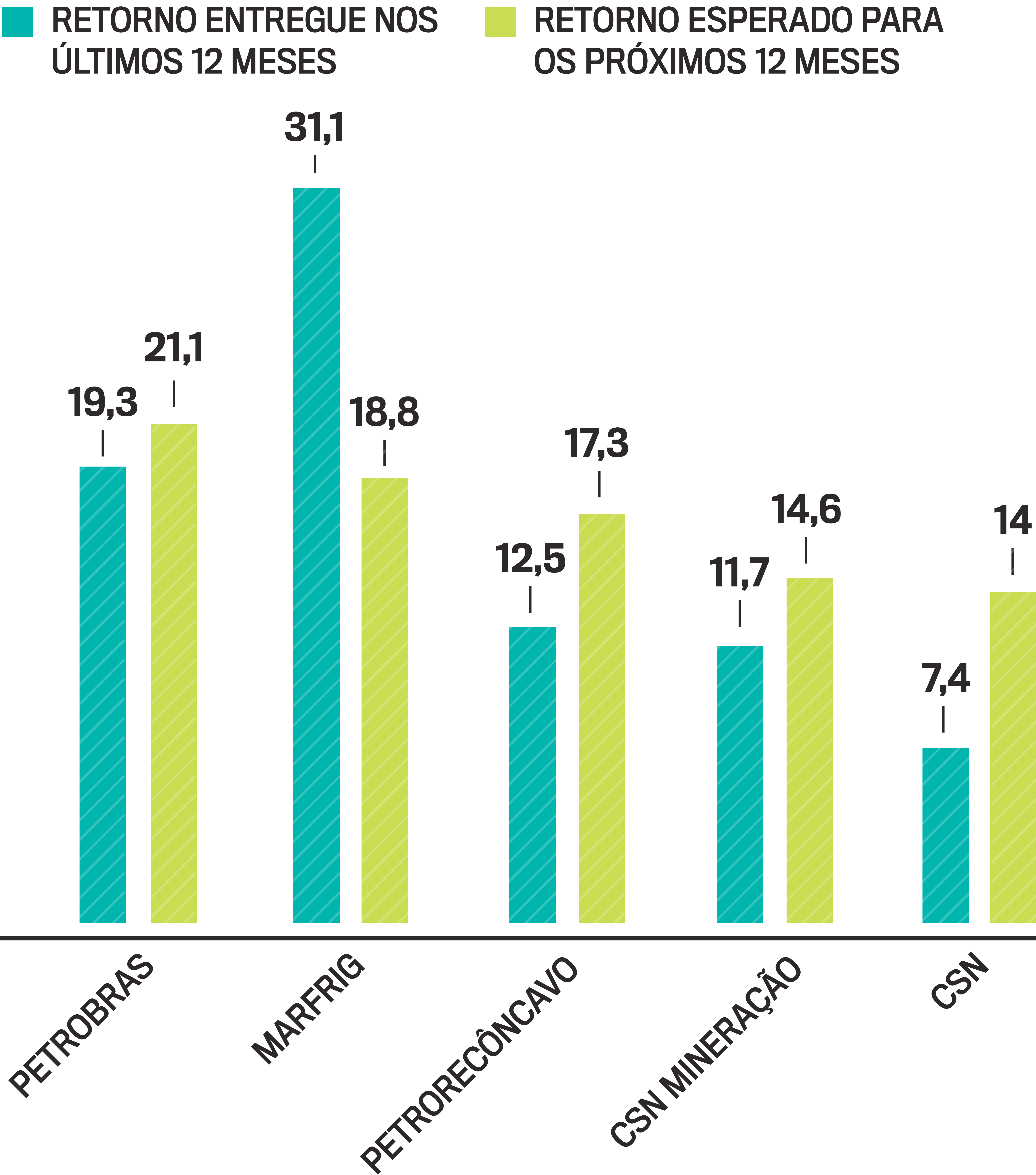
LEONARDO SOARES/FOLHAPRESS

ESTRATÉGIA O megainvestidor Luiz Barsi Filho: ele ganhou dinheiro comprando papéis do Banco do Brasil

Telegram @clubederevistas

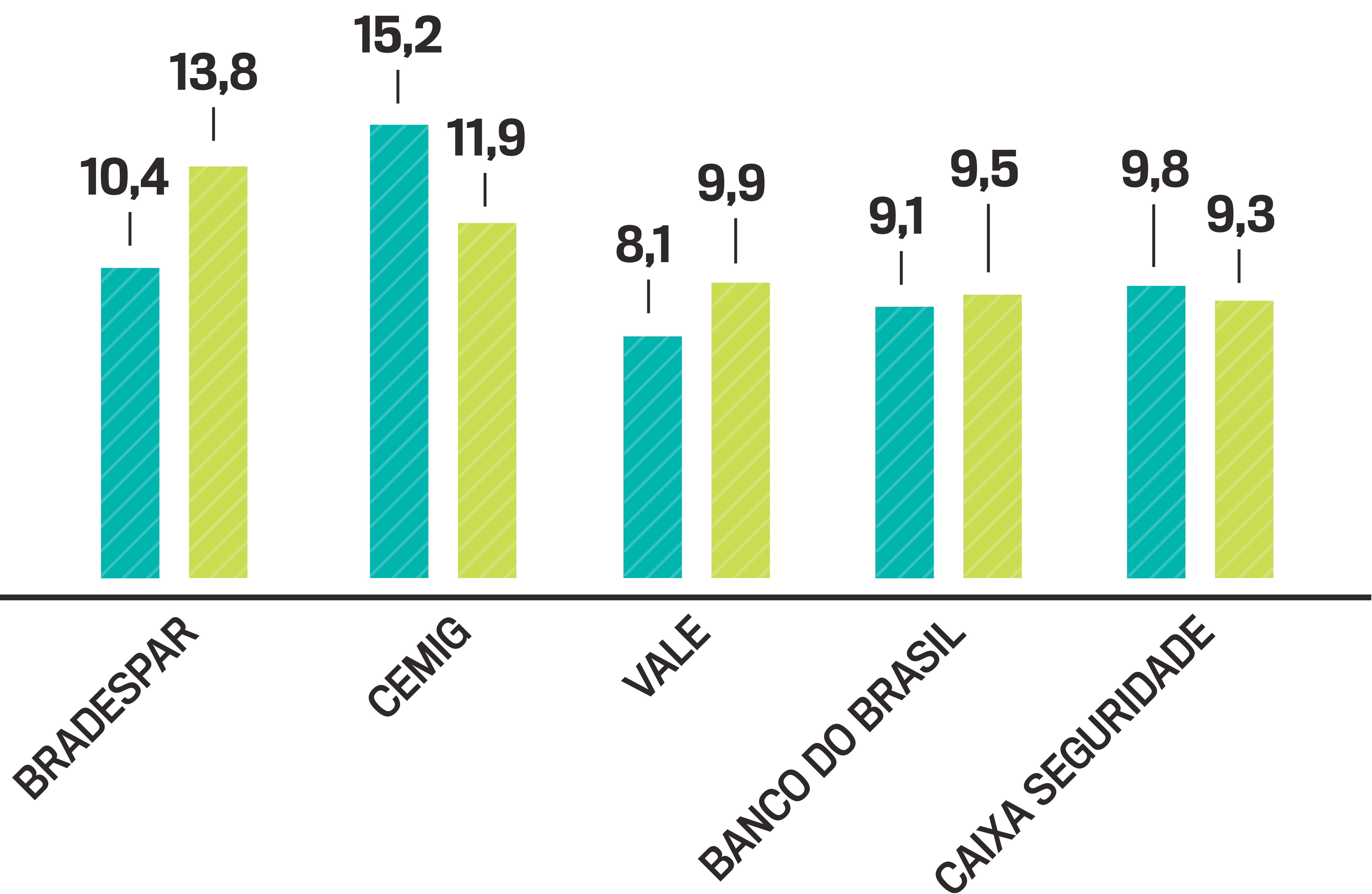
AS GERADORAS DE RENDA

Os rendimentos com dividendos devem seguir altos em 2025* (em %)



Fonte: *Elos Ayta*

É fato que a renda variável oferece, por si só, mais riscos do que a renda fixa, em especial com os juros em alta. A escolha de ações pagadoras de proventos, porém, serve de "blindagem" em uma carteira de investimentos porque a distribuição dos recursos não depende diretamente do cenário macroeconômico, mas do desempenho da companhia, já que o dividendo é uma parcela do lucro da empresa. "Essa é uma das estratégias principais dentro dos nossos portfólios", afirma Gilberto Nagai, superintendente de renda variável da SulAmérica Investimentos. "São empresas geradoras de caixa, líderes em seus seto-



*O retorno projetado considera os proventos informados pelas empresas nos últimos 12 meses até o fim de janeiro de 2025 e o preço da ação no dia

Telegram @clubederevistas

res, com pouco endividamento e menos necessidade de novos investimentos."

Um estudo exclusivo realizado pela consultoria Elos Ayta mostra que o chamado dividend yield — a rentabilidade proporcionada pelos dividendos — continuará em alta em 2025. A empresa projeta, por exemplo, que o dividend yield da Petrobras será de 21,1% em 2025, acima dos 19,3% pagos em 2024. Os proventos desembolsados por gigantes como Vale, Banco do Brasil e CSN também deverão superar os níveis do ano passado, e isso em um cenário econômico contaminado por incertezas. Entre os nomes promissores para os próximos meses estão também Marfrig, Bradespar e Cemig, mas existem outras inúmeras opções que merecem o olhar mais atento do investidor. Com a forte desvalorização recente de ações, diversas companhias boas, grandes e pequenas, tornaram-se alternativas na estratégia de dividendos. "Hoje, você consegue juntar uma empresa que tem ganho de capital e paga dividendos", diz Bruno Henriques, analista de ações do BTG Pactual. "Poucas vezes foi possível encontrar essa combinação." Na carteira da casa, estão "figurões" do mercado, como Petrobras e Itaú, e empresas menores, como Marcopolo e Direcional.

O investidor precisa ter em mente que algumas decisões podem interferir drasticamente no seu retorno. Reinvestir o dividendo pago pela empresa é uma regra básica para quem quer ver o aumento de capital ao longo do tempo —

Telegram @clubederevistas



DIVULGAÇÃO

LUCROS Marfrig: empresa está entre as que remuneram melhor os acionistas

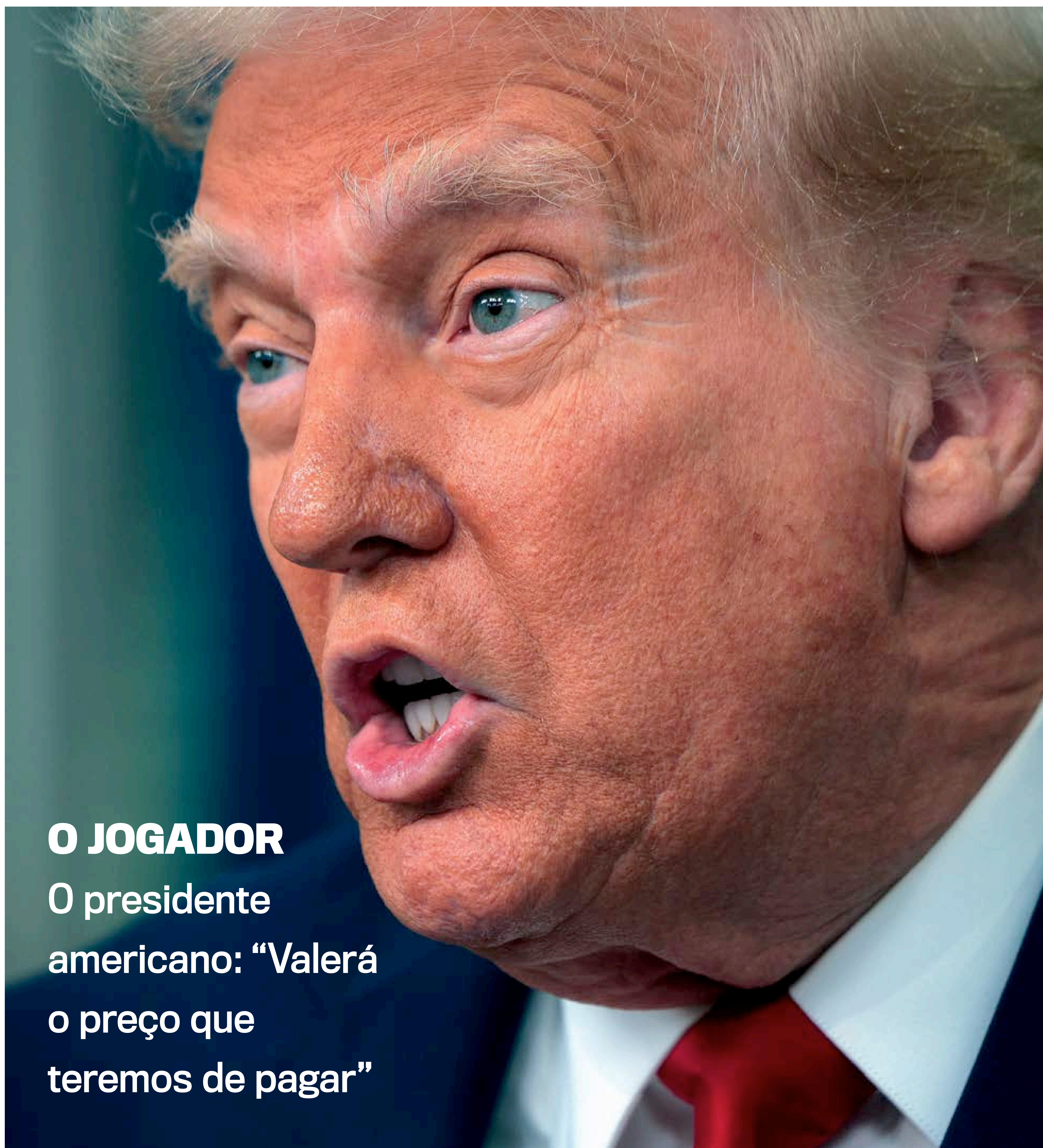
foi isso que construiu a fama e a fortuna do megainvestidor Luiz Barsi Filho, maior acionista individual do Banco do Brasil. Investir em empresas com geração de caixa recorrente também é essencial no processo, uma vez que a desvalorização das ações por má gestão tende a corroer o ganho obtido com o pagamento do provento. “Se o investidor gasta o recurso que recebeu e o papel dele se desvaloriza, ele vai comprometer a carteira”, afirma Victor Natal, estrategista para pessoa física do Itaú BBA. “Por isso, é importante buscar empresas que tenham valorização de capital e que paguem bons dividendos. O benefício é maior.” Em um cenário onde os juros elevados pressionam a renda variável, apostar em boas pagadoras de dividendos pode ser a chave para o sucesso financeiro. ■

Telegram @clubederevistas

DOBRANDO A APOSTA

Em lances ainda mais agressivos em seu retorno, Trump faz sucessivas jogadas perigosas que elevam a ansiedade global em campos diversos, do comércio à paz no Oriente Médio

AMANDA PÉCHY E **FELIPE ERLICH**



CHIP SOMODEVILLA/GETTY IMAGES

O JOGADOR
O presidente americano: "Valerá o preço que teremos de pagar"

CAPA: MONTAGEM DE BETONEJME.COM COM IMAGENS DE FREEPIK.COM/PIKASSO

Telegram @clubederevistas

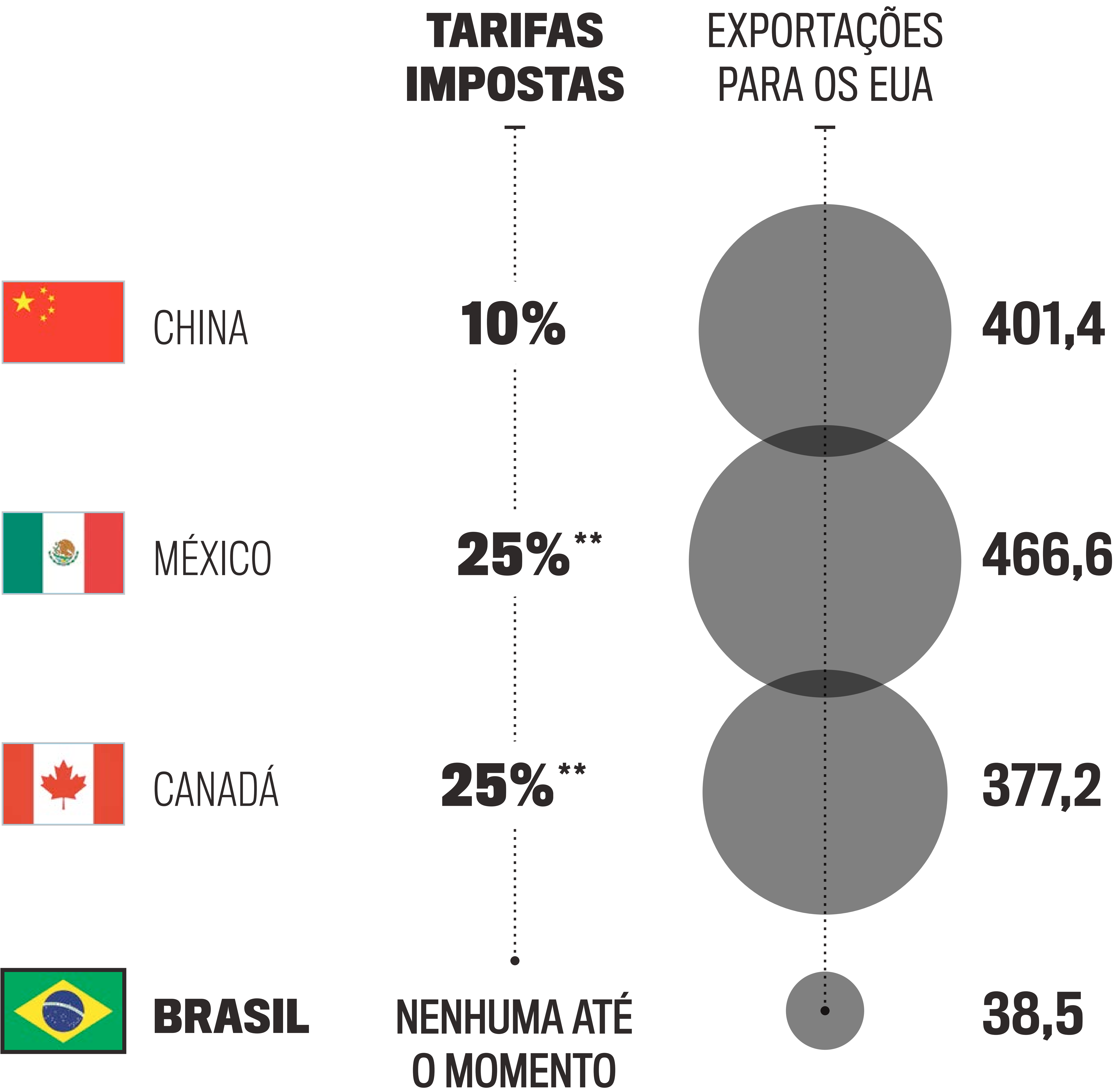
Lá se vão três semanas de mergulho intenso no que será o segundo governo de Donald Trump na Casa Branca. Agora, mais até do que no primeiro mandato, ele parece jogar pôquer. Aposta alto, põe e tira as fichas da mesa, compra o que pode, ensaia quebrar a banca, arremessa tudo para o alto, finge blefar, mas não — e, em muitos casos, subverte as regras, namorando a virada de mesa. Trump, o jogador, não dá um minuto de sossego para a ansiedade global. A seu feitio, caminha no lugar-comum: cria dificuldades para vender facilidades. Houve estardalhaço com a guerra comercial deflagrada ao anúncio de tarifas contra produtos importados da China, México e Canadá, em movimento de tirar o fôlego, feito de sístoles e diástoles. Depois sugeriu fazer de Gaza um território de controle americano, de mãos dadas com Israel *(leia na entrevista)*, em provocação mal dissimulada. O mundo de Trump não é para amadores — embora nem seja tão intrincado assim, dado o monocórdico desejo do republicano, prometido e anunciado na campanha, “de fazer os Estados Unidos grande novamente”.

Trump força os outros líderes mundiais a mudar suas estratégias, levando-os à mesa. O primeiro movimento veio na forma de imposição de tarifas de 25% aos produtos importados do México e do Canadá, os dois principais parceiros comerciais dos Estados Unidos — juntos, os vizinhos somam quase 30% do fluxo comercial americano. Atônitos, Justin Trudeau, o premiê canadense, e Claudia Sheinbaum, a presi-

O TAMANHO DO TARIFAÇO

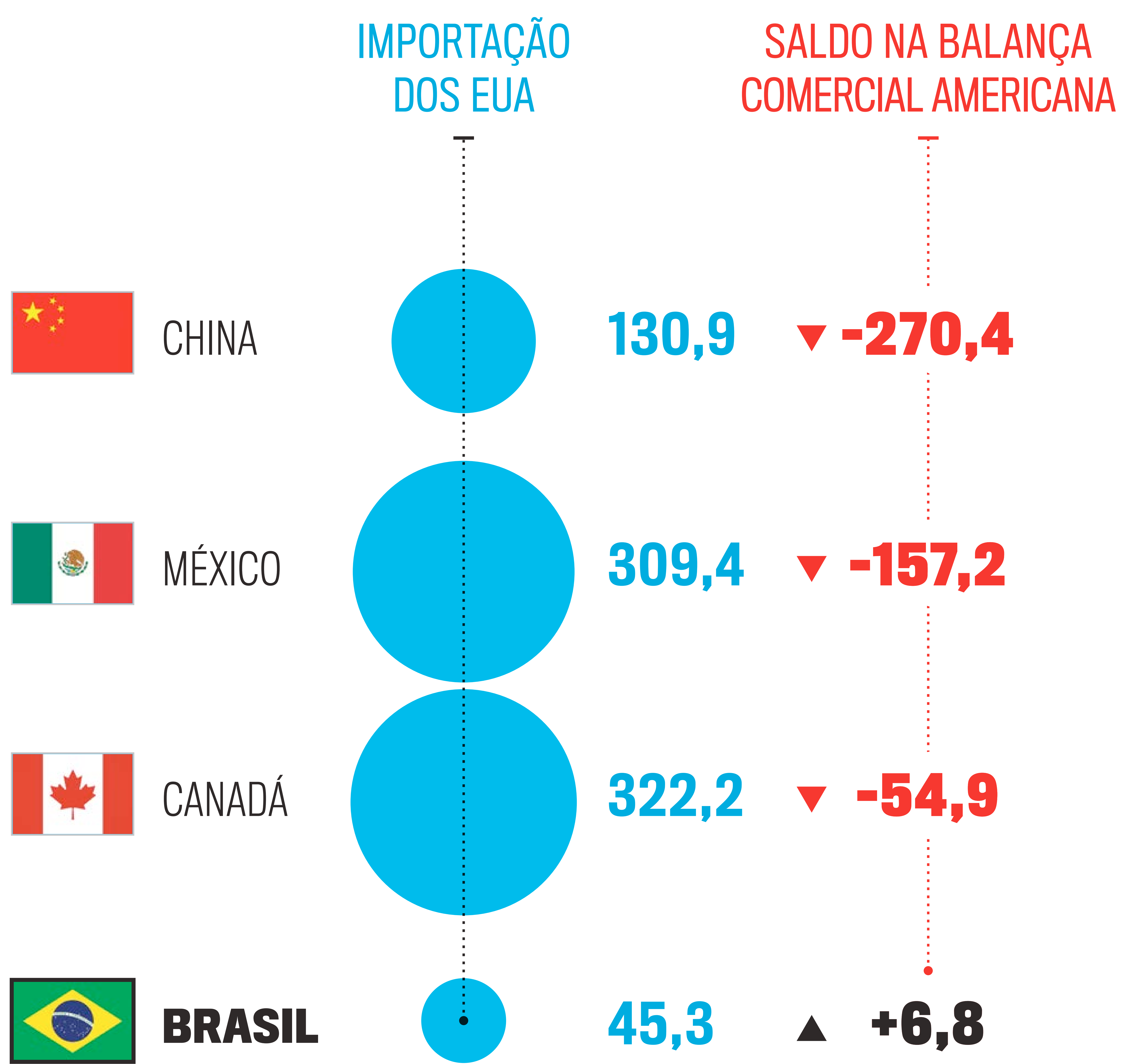
*Diferença negativa entre exportações e importações ajuda a explicar as barreiras comerciais impostas pelo governo americano**

VALORES NOMINAIS (em bilhões de dólares)



* No acumulado entre janeiro e novembro de 2024 ** Suspensa por um mês

dente mexicana, decidiram não pagar para ver e, rapidamente, demonstraram disposição em negociar temas que não guardam nenhuma relação com comércio exterior. Ambos se comprometeram a reforçar a segurança nas fronteiras para impedir a imigração ilegal e conter o tráfico de fentanil, a droga que se espalha com rapidez epidêmica nas grandes ci-



Fonte: *United States Census Bureau*

Telegram @clubederevistas

dades americanas. O esforço diplomático renderia o adiamento da taxação por trinta dias. "Trump inaugurou o uso político da força comercial para intimidar e obter concessões de outros países", disse a VEJA Chris Tang, professor de economia da Ucla, a Universidade da Califórnia em Los Angeles.

O jogo, porém, é bem mais pesado com a China, o rival da nova Guerra Fria, país com uma indústria de ponta e que passou a ameaçar a hegemonia americana em áreas estratégicas do capitalismo moderno, como infraestrutura, produção automobilística, inteligência artificial, redes sociais e telecomunicações. A decretação de taxas de 10% para os produtos chineses foi imediatamente respondida pelo governo de Pequim com retaliações: o carvão e o gás americano serão tributados em 15%; petróleo, máquinas agrícolas e picapes em 10%. Em medidas de caráter mais simbólico do que prático, os chineses levaram a postura de Trump para a arbitragem da Organização Mundial do Comércio (OMC) e abriram investigação antitruste contra o Google, que não atua mais no país oriental desde 2010. As possibilidades de um acerto entre Trump e Xi Jinping são incertas, mas podem vir.

O balé das duas maiores lideranças do planeta expõe uma interessante e irônica contradição: liberal na economia até o último de seus fios de cabelos alaranjados, Trump anda no avesso de suas convicções ao alimentar a sanha protecionista, de tributo em cima de tributo. É curioso notar que, no embate entre os grandões da geopolítica, o comunista Xi Jinping parece ir para o outro lado, como se fosse o campeão de mer-

Telegram @clubederevistas


CARLOS SANTIAGO/EYEPIX GROUP/GETTY IMAGES
DAVID KAWAI/BLOOMBERG/GETTY IMAGES

RECUO A mexicana Sheinbaum *(à esq.)* e o canadense Trudeau, acuados: os vizinhos conseguiram adiar as taxações por trinta dias, mas temem pelo futuro

cado, o que evidentemente não é. Eis um dos efeitos do trumpismo: embaralhar as cartas. É possível haver, em futuro breve, alguma acomodação, pequenos recuos, mas Trump veio para complicar e não para explicar. A rigor, o que ele deseja é poder de pressão, dentro e fora de casa. “O objetivo final sempre gira em torno da imagem, ser temido e visto como eficaz”, afirma Rubens Ricupero, ex-embaixador brasileiro em Washington.

Por enquanto, a eficiência da guerra comercial tem sido

Telegram @clubederevistas

fortemente questionada. Em todo o mundo, os mercados reagiram mal, com queda imediata no preço das ações de companhias americanas e com o dólar registrando altas expressivas. Analistas alertam especialmente para o risco da disparada dos preços dos alimentos, já que a maior parte dos produtos in natura consumidos pelos americanos vem do México, e da impossibilidade de a indústria americana dar conta de substituir as importações no médio prazo. “Não dá para ser autossuficiente em tudo”, afirma Ian Craig, da divisão de comércio internacional da EY no Brasil.

Outro efeito dado como certo é a desorganização das cadeias produtivas de empresas altamente integradas ao mercado global, que tiveram ganhos expressivos de competitividade importando componentes mais baratos. Gigantes da indústria americana, como as montadoras Stellantis, General Motors e Ford, têm fábricas ao sul e ao norte das fronteiras e podem ter os lucros diminuídos se forem obrigados a comprar — ou produzir — insumos nos Estados Unidos. O Instituto Peterson de Economia Internacional calcula que só as tarifas contra a China terão impacto negativo no PIB de mais de 100 bilhões de dólares até 2040. “Valerá o preço que teremos de pagar”, desdenhou Trump.

Do outro lado da alfândega, o cenário é mais preocupante. México e Canadá temem o freio econômico inevitável. Países da União Europeia aguardam com aflição os próximos desdobramentos, uma vez que Trump já anunciou adotar medidas protecionistas “significativas” contra os 27 membros do

Telegram @clubederevistas


KEVIN FRAYER/GETTY IMAGES

CHANCE O líder chinês Xi Jinping: da briga pode brotar um acerto de gigantes

bloco. "A Europa, como uma verdadeira potência, terá que se fazer respeitar e, portanto, reagir", respondeu o presidente francês, Emmanuel Macron. Trump não dá sinais de desistência, mas tampouco deixa claro até que ponto está disposto a avançar. "O pior resultado seria cumprir as ameaças", afirma Roberto Azevêdo, ex-diretor geral da OMC. "Não é bom para os Estados Unidos e não é bom para o mundo."

No Brasil, o governo ainda mede a forma como o tarifaço pode impactar a economia. O país importa mais do que exporta dos Estados Unidos e não está no rol das nações que levam a balança comercial americana para o vermelho *(veja o quadro "O tamanho do tarifaço"),* mas o Planalto não des-

Telegram @clubederevistas

carta a possibilidade de retaliações pontuais, principalmente entre os produtos nacionais que enfrentam a concorrência americana no mercado externo, como o etanol. O presidente Lula foi ao ponto óbvio, para não deixar passar. Disse trabalhar com o princípio da reciprocidade se tarifas forem impostas e alertou para o fato de Trump governar por meio de "bravatas". A ordem no Itamaraty, por ora, é a cautela. "Melhor ficarmos quietos, se não eles lembram que a gente existe", riu um respeitado diplomata a VEJA.

Desde 2009, os Estados Unidos já não são o principal parceiro comercial brasileiro, mas as exportações para a maior economia do mundo giram em torno de 40 bilhões de dólares. Petróleo, aço e produtos agrícolas estão entre os principais itens negociados. No primeiro mandato de Trump, a indústria siderúrgica brasileira sofreu sanções e foi levada a rever o portfólio de clientes. A sanha tarifadora de agora, porém, é vista com algum otimismo, por abrir janelas. "Quando Trump taxou a China no passado, oportunidades comerciais para o agro brasileiro foram abertas", afirma Luiz Carlos Carvalho, presidente da Associação Brasileira do Agronegócio (Abag). De forma semelhante, a situação atual pode favorecer a exportação de carne bovina, antes desfavorecida se comparada aos pares mexicanos e canadenses. "Acredito em um estreitamento na relação com os Estados Unidos, pelo menos no curto prazo", diz Roberto Perosa, chefe da Associação Brasileira das Indústrias Exportadoras de Carnes.

Embora nenhum outro presidente americano tenha decla-

Telegram @clubederevistas


BOB RIHA JR/GETTY IMAGES

RISCO Fabricação de aço brasileiro: sanções no passado recente, incertezas no presente

rado tanto amor pelas tarifas — "a palavra mais linda do dicionário", disse Trump —, convém não tratá-lo como o único responsável pelo fechamento de mercados. Desde a crise financeira de 2008, o mundo enfrenta um processo de "desglobalização", intensificado pela pandemia de covid-19. Nessa toada, o comércio internacional corre o risco de retroceder oitenta anos no tempo. Há exatas oito décadas, o acordo de Bretton Woods inaugurava uma nova era mercantil. Além de criar instituições multilaterais como o FMI e o Banco Mundial, o tratado fez da interdependência entre nações uma âncora da paz entre os povos. Sob a atual gestão da Casa Branca, sai de cena a cooperação com "inimigos" e entra o balcão

Telegram @clubederevistas

de negócios. "É um retorno à lógica de autossuficiência do século XIX, fortemente marcada pelo nacionalismo", diz o economista Conor O'Kane, pesquisador da Universidade Bournemouth. Nesse caminho, não é impossível que Estados Unidos e China acabem por costurar algum casamento econômico, os gigantes de costas para o restante das nações.

Não se deve, tudo somado, e por cautela, atirar ao lixo os ensinamentos históricos. Berço do liberalismo econômico, os Estados Unidos foram os que mais promoveram e se beneficiaram da circulação de mercadorias e ideias. A liderança em inovação tecnológica, serviços e indústria cultural permitiu que a maior das economias seguisse se desenvolvendo, ainda que tenha comprado muito mais do que vendeu. Até há pouco tempo, o enorme déficit da balança comercial, que chegou a bater quase 1 trilhão de dólares no ano passado, era encarado como um mal menor diante das oportunidades geradas. Não mais. "No nível doméstico, ele ainda fala em reduzir impostos, cortar gastos do governo, desregulamentar a economia, mas, do ponto de vista internacional, é o presidente mais antiliberal do pós-guerra", diz Robert Shapiro, professor de ciência política na Universidade Stanford, ao reafirmar a contradição que ecoa como nunca antes.

Típicos de um jogador impulsivo, os lances de Trump assustam. Não há garantia de promoção de crescimento econômico e de geração de empregos dentro das fronteiras americanas, como prometido. No aspecto internacional, rompem a confiança. Cacifado, Trump sabe ter fichas para queimar,

Telegram @clubederevistas



ABE FOX/AP/IMAGEPLUS

FIM DE UMA ERA? Negociações de Bretton Woods, em 1945: integração de mercados, forjada há oitenta anos, sob ameaça

mas elas não são infinitas. Namora uns e afasta outros. Bagunça o pano verde a não mais poder, mas convém não tratá-lo como um alucinado irresponsável. Ele briga porque pode. Vale uma antiga piada do historiador britânico Bernard Lewis (1916-2018), lembrada em um editorial recente do *Wall Street Journal* para ilustrar a desequilibrada batalha de tarifas iniciada pela Casa Branca: “É arriscado ser inimigo dos Estados Unidos, mas ser seu amigo pode ser fatal”. O jornal americano ainda classificou o lance como a “guerra comercial mais estúpida da história”. Trump ganhou algumas rodadas até aqui, mas a roleta apenas começou a girar — Pequim que o diga. Impossível saber a esta altura quem poderá sagrar-se vencedor. Façam suas apostas. ■

Telegram @clubederevistas



AHMAD SALEM/BLOOMBERG/GETTY IMAGES

TERRA ARRASADA O território de Gaza, destruído pelos ataques: 2 milhões de desterrados sem horizonte claro

A INSENSATEZ DA "RIVIERA DO ORIENTE MÉDIO"

Enquanto ainda tentavam traçar estratégias e calcular o impacto das medidas protecionistas impostas pelos Estados Unidos, os líderes mundiais foram pegos de surpresa, na noite de terça-feira 4, com outro anúncio bombástico de Donald Trump. Durante a visita do primeiro-ministro israelense, Benjamin Netanyahu, à Casa Branca, o presidente americano informou de supetão que seu país estaria disposto a assumir o controle da Faixa de Gaza, inclusive

com o envio de tropas, caso fosse necessário. A declaração, um passo além da sugestão de "limpar" o enclave e alocar o povo palestino em países vizinhos, como Egito e Jordânia, dada uma semana antes, surpreendeu até Netanyahu, incapaz de disfarçar o espanto diante das câmeras.

Pode ter sido mera *boutade*. Mas é sempre bom entender Trump pelo que diz, na lata e no silêncio das entrelinhas. Uma ocupação americana em Gaza jamais foi cogitada pelos Estados Unidos, nem requisitada por Israel, e poderia desestabilizar ainda mais a região, já conflagrada por conflitos históricos. A medida contraria as próprias promessas de Trump, que durante a campanha eleitoral não se cansou de repetir que pretendia acabar com as "guerras inúteis" em que Washington se metera desde o 11 de Setembro. Mas o recado foi dado: a parceria com Netanyahu é inquebrantável.

O plano de transformar Gaza em uma "Riviera do Oriente Médio", com resorts de luxo, viola o direito internacional e poderia ser considerado perseguição étnica. Nem os assessores da Presidência souberam dizer de onde o ocupante do Salão Oval tirou a ideia explosiva e passaram boa parte da semana tentando esclarecer as intenções do chefe, garantindo que o Tesouro americano não investirá sequer um centavo para reconstruir o território, transformado em ruínas depois dos ataques israelenses, em resposta ao terrorismo do Hamas.

Não demorou para que Rússia, China e França repudiassem a provocação de Trump. Aliada estratégica dos Estados Unidos, a Ará-

Telegram @clubederevistas

ENIN NOLLY/NURPHOTO/AFP



ALIADOS Com Netanyahu: o premiê israelense ficou surpreso com a ideia

bia Saudita argumentou não haver saída para o confronto no Oriente Médio sem o reconhecimento de um Estado palestino. Os principais envolvidos, é claro, seguem na desesperança. Os 2 milhões de moradores que viviam em Gaza continuam sem saber para onde ir.

O frágil cessar-fogo está prestes a entrar na segunda fase, com a libertação de reféns israelenses e de prisioneiros palestinos. Mas Trump, sempre ele, deu a deixa: disse não ter "garantias" de que o acordo será mantido. Em meio a bravatas e ideias malucas e inexequíveis, só há uma certeza: Gaza não é nenhum passeio à beira-mar.

Caio Saad

Telegram @clubederevistas

VALMIR MORATELLI

Com reportagem de Giovanna Fraguito
e Nara Boechat





COM QUE ROUPA EU VOU?

Foi uma coreografia ensaiada para ganhar manchetes em todo o mundo. Depois de dez anos afastado do tapete vermelho, **KANYE WEST,** 47 anos, surgiu ao lado da mulher, **BIANCA CENSORI,** 30. Em segundos, a modelo e arquiteta se desvencilhou do casaco de peles que ostentava e revelou o corpo escultural embalado em um vestido – se é que dá para classificar a inusitada peça de roupa dessa forma – completamente transparente. "Faça um escândalo, eu diria que vai fazer muito sentido", disse o cantor pouco antes da performance da esposa, de acordo com a leitura labial feita pelo tabloide britânico *Daily Mail*. Depois que os flashes espocaram, o casal deixou a cerimônia sem ver o prêmio de melhor canção de rap, que West disputava, mas foi ganho pelo rival Kendrick Lamar. Àquela altura, a cena já havia ofuscado até a diva Beyoncé, que, pela primeira vez, conquistou o título de álbum do ano, com *Cowboy Carter*.



MATT WINKELMEYER/GETTY IMAGES/AFP

Telegram @clubederevistas

DUPLA DO BARULHO

Todo mundo queria aparecer na festa da música em Los Angeles, e haja esforço para fazer graça. **JADEN,** 26 anos, e **WILLOW SMITH,** 24, os filhos de Will Smith, 56, deram o que falar. O rapper surgiu diante dos fotógrafos com um chapéu em forma de castelo de vampiro. A irmã apostou em lingerie aparente e um sorriso adornado por um *grillz*, o enfeite dental com tonalidades verdes. O acessório de cabeça da marca Abodi é uma criação do designer Szilveszter Makó, que já turbinou o visual de Cate Blanchett e Willem Dafoe, e está disponível para compra por 27 000 reais. Nas redes sociais, Willow conquistou a simpatia dos brasileiros. O motivo: tietou Milton Nascimento, 82, que concorria a melhor álbum vocal de jazz, ao lado da contrabaixista Esperanza Spalding, e foi vergonhosamente preterido de uma das mesas próximas do palco. Como não é bobo, ele deixou o teatro e foi cuidar da vida.



GILBERT FLORES/BILLBOARD/GETTY IMAGES

Telegram @clubederevistas

DIVA CANCELADA

Estrela de sucessos do cinema como *Bullitt* (1968), *A Noite Americana* (1973) e *Assassinato no Expresso Oriente* (1974), **JACQUELINE BISSET,** 80 anos, resolveu comprar briga com Hollywood ao se posicionar contra o movimento #MeToo, aquele desencadeado pelas denúncias de assédio sexual do produtor de cinema Harvey Weinstein, 72, que logo extrapolou os estúdios e ganhou força no mundo corporativo. "É fundamental que as mulheres se comportem também. A maneira como você se veste, seu subtexto é muito, muito importante", disse ela ao site *PageSix*, despertando a ira das feministas que lutam para banir o assédio sexual nos *sets* de filmagem. Embora tenha desencadeado uma onda de cancelamentos de seus filmes nas redes sociais, a atriz manteve a posição, não se retratou, nem veio com a velha desculpa de ter sido mal interpretada.



MONICA SCHIPPER/GETTY IMAGES

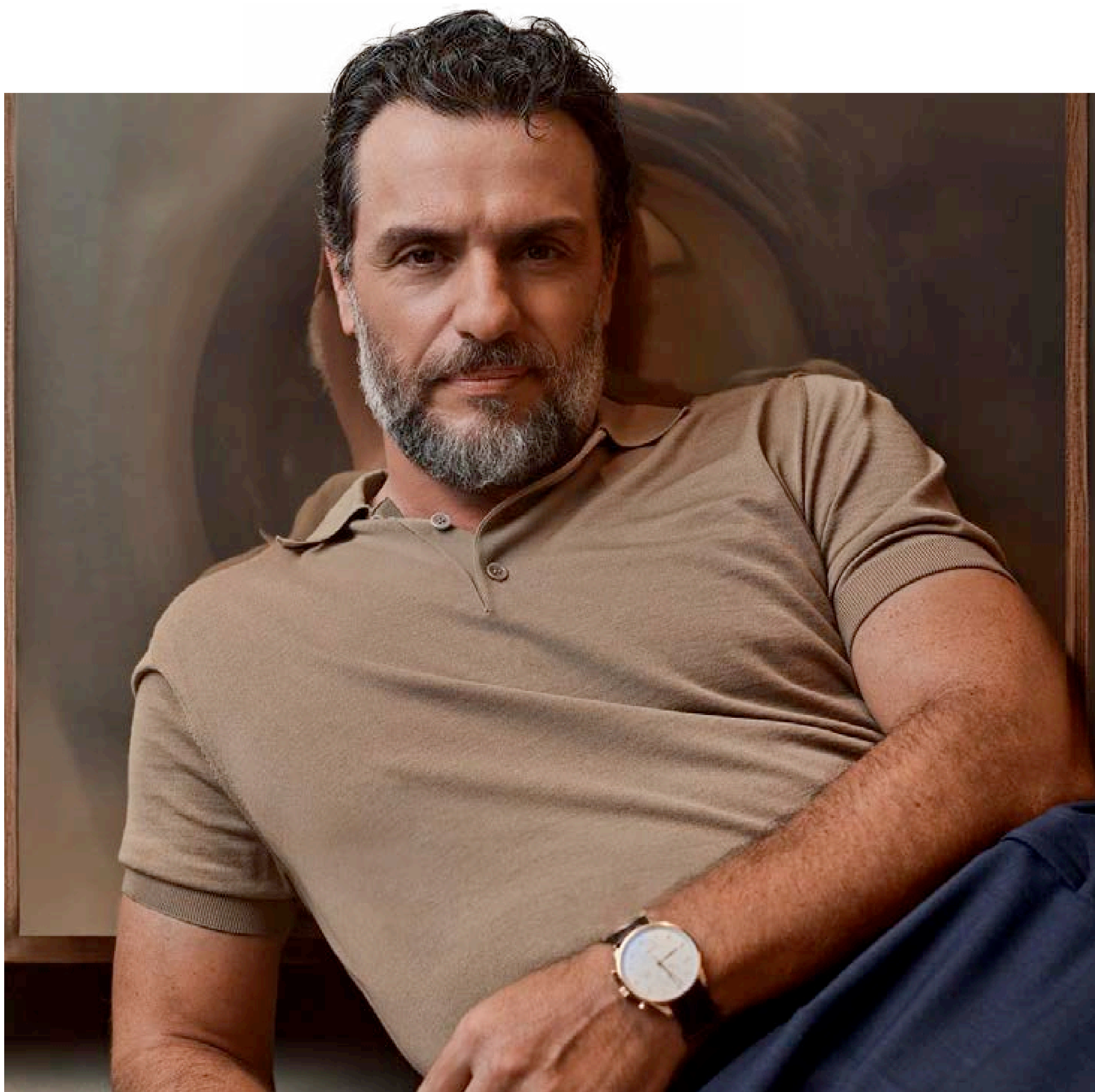
Telegram @clubederevistas

CARISMA DE UM CINZEIRO

Não se pode culpar o rei **CHARLES,** 76 anos, por falta de esforço: ele faz de tudo um pouco para conquistar a simpatia dos súditos. O monarca será o protagonista de um documentário produzido pela Amazon. Quem espera revelações dos bastidores de Buckingham, no entanto, deve ficar decepcionado. O projeto vai deixar a conturbada biografia de lado para se inspirar no livro *Harmonia: Um Novo Jeito de Se Olhar o Nosso Mundo,* que reúne reflexões para lá de óbvias sobre o presente. Novidade mesmo só a mudança de estratégia do palácio, que costumava trabalhar com produtoras domésticas, como a BBC e ITV. "O objetivo é se mostrar ao mundo como aquilo que ele representa", afirmou uma fonte próxima às gravações ao jornal *The Times*. O nada bombástico filme está previsto para o fim do ano.


CHRIS JACKSON/GETTY IMAGES

Telegram @clubederevistas


INSTAGRAM @RODRIGOLOMBARDI

VILÃO DE ÚLTIMA HORA

O empresário inescrupuloso, capaz das piores maldades para atingir seus objetivos, é um papel em que **RODRIGO LOMBARDI,** 48 anos, se sente à vontade. Tantas foram as vezes em que ele encarnou o tipo em novelas da TV Globo que não restaram recursos para trazer alguma inovação ao Molina, personagem da combalida *Mania de Você,* em que o ator repete a fórmula manjada. A bagagem, no entanto, se mostrou útil para atender prontamente ao convite para integrar o elenco — foram apenas três dias de intervalo entre o telefonema e o início das gravações. O frio na barriga só veio ao saber que iria contracenar com Adriana Esteves, outra conhecida por papéis que causam amor e ódio na audiência. “Fiquei com medo de gravar com ela. Pensei: ‘Vão descobrir que eu sou ruim como ator’”, confessa, gargalhando. ■

Telegram @clubederevistas

A NOVA LEI SECA

O mercado de etílicos tenta reagir aos alertas de autoridades médicas que vêm endurecendo o discurso contra o álcool e ao movimento crescente de pessoas decididas a brindar à abstinência

LUIZ PAULO SOUZA

DON FARRALL/STONE/GETTY IMAGES

EM DEBATE Revisão: especialistas já não falam mais em limite mínimo para garantir o consumo com segurança

Telegram @clubederevistas

Não é filosofia de boteco: a história da humanidade jamais teria sido a mesma sem o álcool. Os registros mais antigos de consumo de cerveja datam de ao menos 7 000 anos antes de Cristo, na China, mas há pistas de que, antes disso, os primeiros humanos experimentavam a embriaguez por meio da ingestão de frutas caídas dos pés, fermentadas pela natureza. Desde então, as bebidas ganharam aldeias e civilizações, matando a fome e a sede do povo, e promovendo uma aura de prazer e conexão social, apesar dos desgostos e contendas suscitados pelos excessos. A virada de mesa, contudo, começou na esteira da Revolução Industrial, quando, por motivos ideológicos e religiosos, o que era visto como um bem ganhou o rótulo do mal, sendo associado ao pecado, aos crimes e à loucura. A partir daí, o álcool andaria numa corda bamba, equilibrando-se entre o glamour que seria destilado pelo cinema e a prescrição de uma ou outra taça em prol do coração e a pecha de destruidor de lares, corpos e mentes, como passaria a alertar uma corrente da medicina. Contudo, no desenrolar do século XXI, alguns especialistas têm sido categóricos: não há dose mínima segura. O diagnóstico radical ainda suscita debates na comunidade médica, mas parece que veio a calhar num contexto de mudanças, que envolvem uma nova geração menos afeita aos drinques. Com isso, até as empresas mais tradicionais do ramo têm se rendido ao segmento de bebidas sem álcool. É um movimento vigoroso e inédito.

VIRADA À MESA

Mudanças nos hábitos de consumo e no mercado dão maior espaço a brindes sem álcool



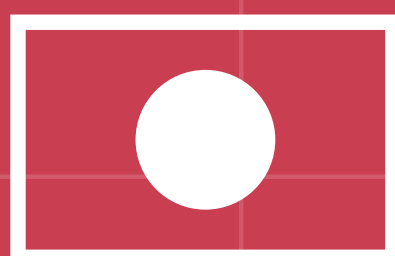
O número de pessoas com menos de 35 anos que tomam ou já tomaram bebidas alcoólicas caiu de **72%,** no início dos anos 2000, para **62%,** em 2023



55% dos brasileiros da geração Z, nascidos entre 1995 e 2010, não curtem cerveja, vinho e companhia

0,0%

A categoria de cerveja sem álcool apresenta uma taxa de crescimento anual de **3,6%** desde 2018, diante do incremento de **0,3%** do produto convencional



A principal cervejaria do **Japão,** a Asahi, prevê que até 2040 os rótulos sem álcool responderão por **50%** das vendas da empresa



Uma das marcas mais tradicionais da história, a **Guinness,** lançou sua primeira cerveja zero álcool na Europa – a maior inovação da empresa em três décadas



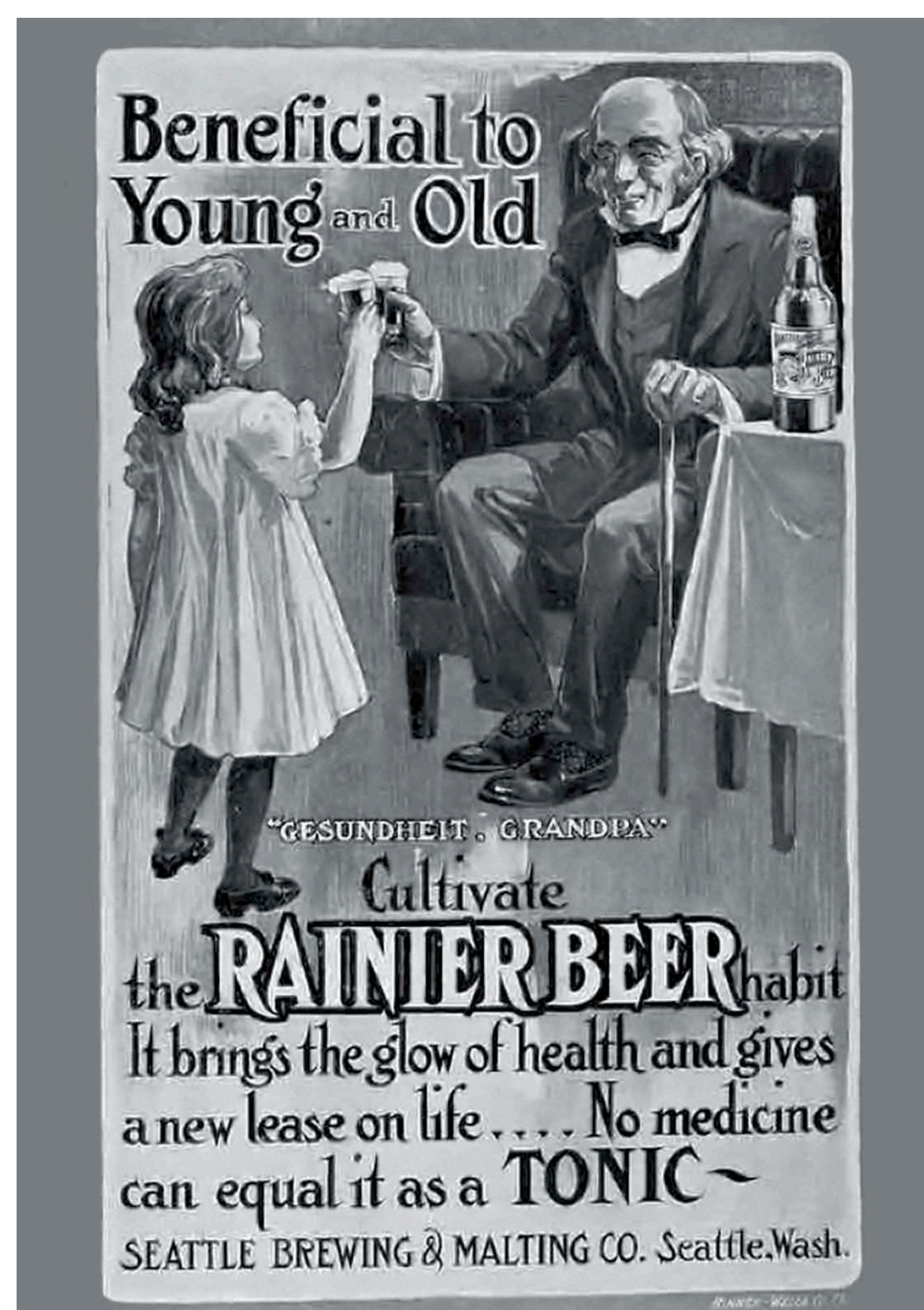
No **Château Clos de Boüard,** sofisticada vinícola francesa, **um terço** das vendas já corresponde a vinhos sem álcool



Fontes: *Gallup, Mind Miners, GlobalData, Al Vino*

Não é de hoje que se condena o hábito etílico, mas, durante muito tempo, o vilão sempre foi o consumo abusivo, capaz de gerar cicatrizes no fígado, no cérebro e na sociedade. Na primeira metade do século XX, havia até propagandas sugerindo oferecer cerveja para crianças. “Agora sabemos que a ingestão crônica de álcool, mesmo em doses baixas, tem efeitos nocivos para todo o organismo”, diz o psiquiatra Antonio Nardi, professor da UFRJ e membro da Academia Brasileira de Ciências. Um alerta contundente veio de um grupo de estudiosos liderados pela Agência Internacional de Pesquisa em Câncer. Ao se debruçarem sobre dados populacionais, os experts constataram uma associação entre produtos etílicos, mesmo em pequenas quantidades, e múltiplas formas de tumores. Até a tacinha de vinho diária foi questionada. A soma de achados fez entidades como a OMS pedirem ainda mais parcimônia — quando não o abandono dos copos.

No início deste ano, a imagem da bebida trincou ainda mais quando o então médico-chefe dos EUA, Vivek Murthy, denunciou o elo dos destilados e fermentados com o câncer e recomendou que as latas e gar-



REPRODUÇÃO

OUTROS TEMPOS
Estímulo: até as crianças foram alvo das propagandas

Telegram @clubederevistas

rafas passassem a adotar uma advertência no rótulo sobre seus riscos, à semelhança do que ocorre com o cigarro. Seria o álcool, então, o novo tabaco? Não, na visão dos especialistas. A postura irredutível em relação ao tabagismo (repaginado na versão eletrônica) se deve não só a seus comprovados males à saúde, mas também à atitude da indústria, que por décadas escondeu informações sobre os perigos do fumo. O álcool, foco de inúmeras pesquisas atuais, pode oferecer um manancial de prejuízos, mas, com regulamentação, seria passível de maior controle. “Falamos de uma constante cultural na história da humanidade”, diz Lucas Avelar, historiador do Laboratório de Estudos Históricos das Drogas e da Alimentação da USP. “O problema é que esse consumo ocorre sem regulação, de maneira que estimula os vícios.”

A postura da autoridade em saúde pública dos Estados Unidos repercutiu, embora os americanos nem sejam os primeiros a seguir nessa direção. Para diminuir as ameaças ligadas à bebedeira, o governo do Canadá reduziu em 2022 o consumo máximo recomendado de cerca de quinze doses por semana para apenas duas (o equivalente a um par de latas de cerveja ou a 60 ml de um destilado). No Brasil, por sua vez, a categoria acaba de ser incluída na lista de itens sobre os quais incidirá o “imposto do pecado”, instituído pela reforma tributária. “A ideia não é assustar, mas informar as pessoas para que possam tomar decisões de forma mais consciente”, diz o psiquiatra André Malbergier, professor da USP e diretor do Grupo Interdisciplinar de Estudos de Álcool e Drogas.

Telegram @clubederevistas



ISTOCK/GETTY IMAGES

FOLIA ABSTÊMIA Mudança de comportamento: geração Z prefere opções sem álcool para se divertir

A mudança de paradigma à luz das revelações científicas já se reflete no comportamento. “Existe um maior estímulo ao abandono do álcool”, afirma a psicóloga Ilana Pinsky, pesquisadora ligada à Fiocruz e colunista de VEJA. Nas redes sociais, o movimento *sober curious*, formado por pessoas que deixaram de beber, tem ganhado popularidade, enquanto em países desenvolvidos o consumo tem sido substituído por opções menos danosas — ainda que na teoria. Nações historicamente à frente de seu tempo, Dinamarca e Islândia ilustram a tendência: entre os jovens de 12 a 19 anos, o acesso e a ingestão de bebidas alcoólicas caíram mais de 50% em duas décadas. Embora essa não seja a realidade global — nos países de baixa renda, o consumo e o início precoce ainda são preocupantes —, pode iluminar o que nos espera em breve.

Atenta, a indústria busca se adaptar ao novo cenário. Nos bares pelo mundo, há uma demanda cada vez maior por

Telegram @clubederevistas

mocktails, os coquetéis sem álcool. Na Irlanda, por sua vez, a St. James's Gate Brewery criou, no ano passado, uma versão zero da centenária cerveja Guinness, enquanto no Brasil as estimativas de venda de cervejas sem álcool chegaram a 480 milhões de litros em 2024 — um crescimento de mais de 20% em relação ao ano anterior. Hoje, até o segmento de vinhos sem álcool, quem diria, ganha escala.

Do ponto de vista da saúde pública, esse movimento é animador, mas ainda longe do que seria o ideal. Segundo dados da OMS, o álcool ainda é responsável por mais de 2,6 milhões de mortes anuais em todo o mundo. Apenas no Brasil, de acordo com a Fiocruz, o impacto sobre a saúde custa, por ano, 18 bilhões de reais, sendo que mais de 1 bilhão dos gastos federais se destinam a hospitalizações e atendimentos médicos. E esses danos não ocorrem de uma forma homogênea. O mais recente levantamento do Centro de Informações sobre Saúde e Álcool revela que os pretos, pardos e pobres — isto é, a população mais vulnerável economicamente — são os mais vitimados pela ingestão desenfreada.

Como lidar, então, com esse dilema, poupando dores à sociedade sem ferir a liberdade do cidadão? Um olhar para a história pode ser didático. No início do século XX, os Estados Unidos impuseram a Lei Seca, proibindo completamente a fabricação, o transporte e a venda de bebidas alcoólicas. O resultado: impulsionamento do crime organizado, aumento da procura de itens de baixa qualidade e

Telegram @clubederevistas



CESAR CONVENTI/FOTOARENA

NOVO CIGARRO? Nos EUA: recomendação de advertência nos rótulos de bebidas

sem regulamentação e, ao final, uma baixa redução real no consumo. O experimento fracassou e foi revogado treze anos depois de sua instituição, em 1933. Canadá e Reino Unido, por outro lado, têm exemplos a serem seguidos. Entre os britânicos, há infindáveis campanhas públicas para que as bebidas sejam substituídas por versões sem álcool. Entre os canadenses, o governo intervém no processo de distribuição a fim de restringir o acesso sem precisar proibir. Do ponto de vista individual, a regra do bom senso e da moderação seguirá de pé. “Quanto menor a quantidade de álcool ingerida, menor é a probabilidade de adoecer”, afirma o hepatologista Raymundo Paraná, professor da Universidade Federal da Bahia. Um brinde, portanto, à moderação — e outro à possibilidade de consumir sem culpa uma nova geração de produtos feitos sob medida para quem decidiu tomar um porre de abstinência. ■

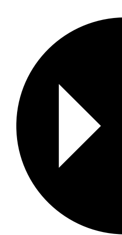
Telegram @clubederevistas

UMA VERDADE INCONVENIENTE

A proibição de smartphones nas escolas representou alívio para os pais, ao terceirizar a solução de um problema. Mas atenção: os adultos têm culpa no cartório **VALÉRIA FRANÇA**



REDE PROBLEMÁTICA Reunião em família mediada pelas telas, todos vidrados: o mau exemplo parental



ISTOCK/GETTY IMAGES

Telegram @clubederevistas

HÁ UMA LUMINOSA novidade na volta às aulas: o banimento dos smartphones, inclusive nos horários de intervalo entre uma aula e outra e no recreio. As escolas ainda se adaptam, a lei federal precisa ser absorvida e seu regramento, aperfeiçoado, mas parece não haver outro caminho. Houve um tempo em que se andava de carro sem cinto de segurança e de moto sem capacete, mas não mais. Houve um tempo em que crianças e adolescentes podiam ligar os celulares no pátio. Acabou. Vive-se, portanto, agora em 2025, o início de uma era. O degredo eletrônico não impede, é claro, absurdos como o recente caso do grupo de bullying contra novatos do ensino médio acelerado por estudantes veteranos de uma escola de elite em São Paulo, o Santa Cruz. Enfim, há ainda um elefante na sala de cristais — mas, ao menos no período escolar, ufa!, os pais aplaudem a solução, com os filhos tocando a vida sem os dedos nervosos a correr os Reels. Muitos pais celebram — em grupos de WhatsApp, onde mais? —, como se tivessem terceirizado o problema. Falta agora os adultos fazerem a lição de casa. Sim, eles também têm culpa no cartório.

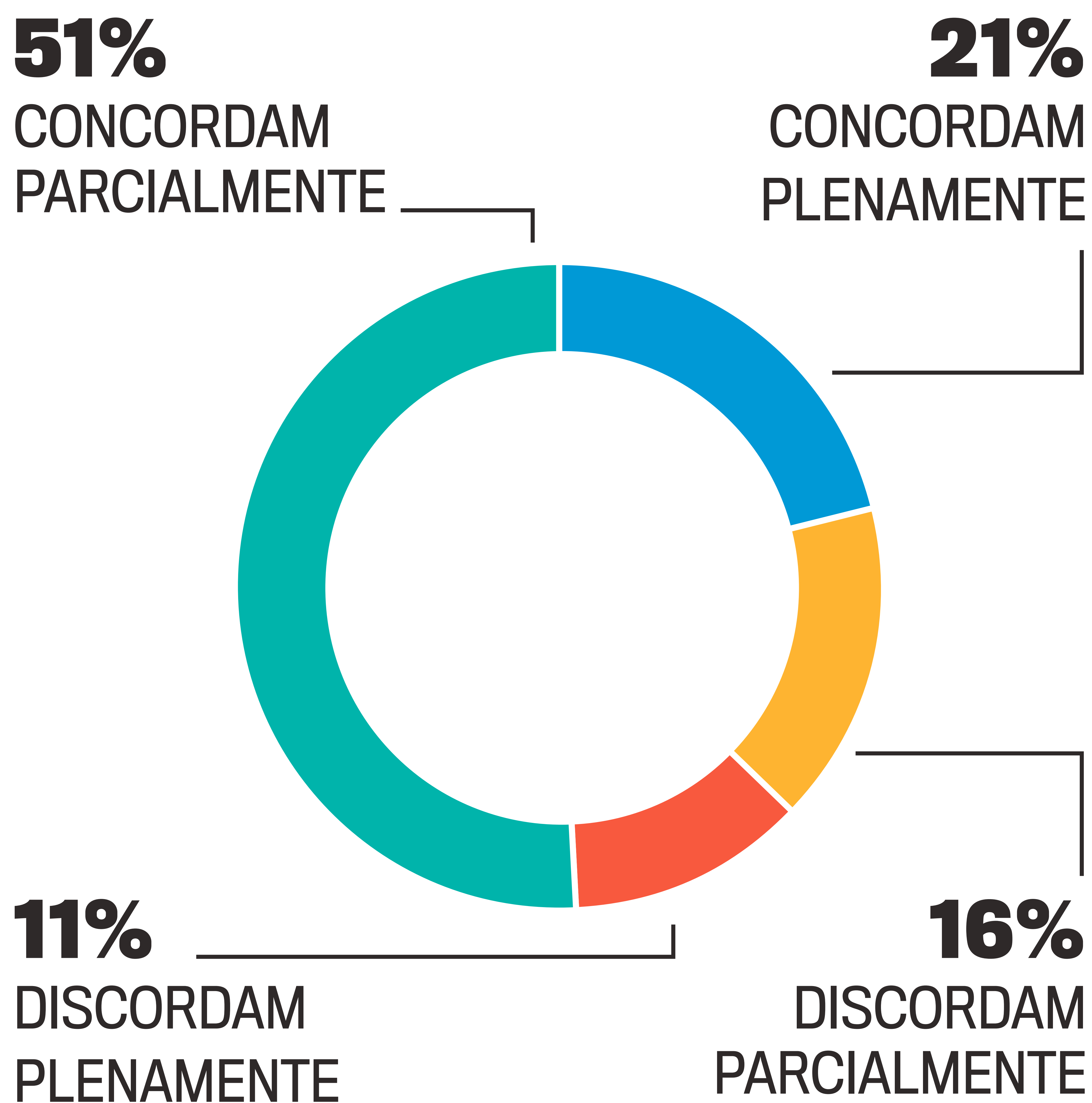
Uma recente leva de estudos comportamentais sublinha o estrago paterno. Segundo um levantamento da Sociedade Americana de Pediatria com mais de 10 000 famílias de adolescentes entre 12 e 13 anos, meninos e meninas, 79% dos pais usam aparelhos eletrônicos quando estão com os rebentos, invariavelmente durante as refeições. Os entre-

NÃO FAÇAM COMO EU FAÇO

A postura dos pais na batalha diária contra o uso de telas pelos filhos

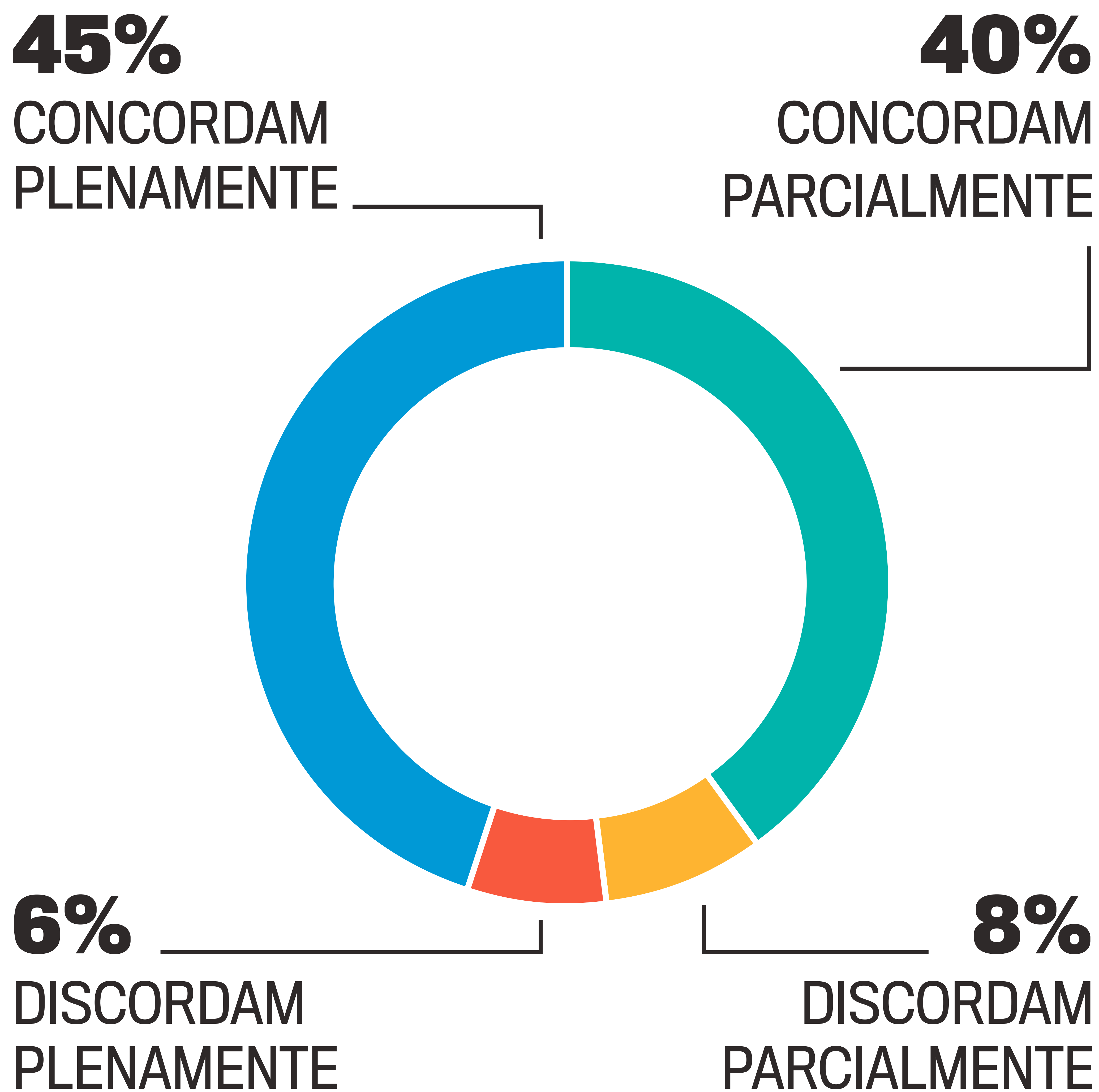
SINCERIDADE...

"Quando estou com meus filhos costumo usar aparelhos eletrônicos"



...E HIPOCRISIA

"Tento limitar o tempo de uso dos smartphones quando estou com meus filhos"



Fonte: *Nature, estudo com 11 875 adolescentes americanos*

Telegram @clubederevistas

vistados foram instados a avaliar uma frase incômoda: "Quando estou com meu filho uso dispositivo de tela". Deviam dar nota de 1 (discordo totalmente) a 4 (concordo totalmente). Cada ponto a mais foi associado a quarenta minutos extras da criançada plugada, de olhos vidrados. Uma outra pesquisa, realizada nas estações de metrô de Nova Delhi, na Índia, pela CyberMedia Research e a operadora Vivo, mostra que os adultos gastam diariamente 7,7 horas no celular e apenas duas horas no convívio com a prole. Detalhe: navegam, em média, uma hora e vinte minutos a mais que os herdeiros dos problemas.

Pais e mães admitem o exagero, reconhecem o erro, dizem cuidar do enrosco, mas a verdade inconveniente é que pouco fazem *(veja o quadro "Não façam como eu faço")*. "Ao usar os aparelhos de maneira desregrada, criam um modelo para os filhos", diz o psicólogo Cristiano Nabuco, pioneiro nos estudos das dependências tecnológicas no Brasil. A família é considerada pela psicanálise o primeiro laboratório experimental do comportamento social da criança. É ali, junto aos pais, que tudo começa, especialmente a imposição de limites.

O reinício das aulas no país com as novas regras mostra como os adultos precisam contribuir mais para o controle do problema. A reportagem de VEJA percorreu algumas escolas para acompanhar os primeiros dias de desconexão nas instituições escolares. Há alguma confusão, mas os alunos não têm saída, e só podem ligar o aparelho ao encerra-

Telegram @clubederevistas

FABIO PRINCIPE/ISTOCK/GETTY IMAGES



VÍCIO Jovens juntos, mas separados pelo apelo digital: é preciso educar para prevenir problemas de saúde mental

mento do turno. Os objetos repousam nas mochilas ou escaninhos. Os donos das traquitanas demonstram descontentamento, é natural. O obstáculo, insista-se, para que acionem o "off" são os responsáveis, que parecem desorientados. Em janeiro, ainda durante as férias, as escolas prepararam o terreno, antevendo os problemas de adaptação. Nem os professores, que tiveram treinamentos específicos, passaram incólumes. "Estavam todos ansiosos", diz Cláudia Tricate, diretora do Colégio Magno/Mágico de Oz, em São Paulo. "Sabem que precisam dar o exemplo."

Telegram @clubederevistas



LAMBERT/GETTY IMAGES

ANOS 1950 Primeiros tempos da televisão: ela também gerou preocupações

Com alguma dose de desfaçatez, pais e mães chiam por terem perdido a comunicação com os filhos — esqueceram como era no passado recente. Bastava combinar horários de saída, deixar tudo acordado e, em casos especiais, pedir que a turminha fosse à secretaria, para conversar por meio de uma traquitana chamada telefone fixo (sim, ele ainda existe). “O celular virou o novo cordão umbilical entre pais e filhos”, diz Esther Carvalho, diretora do Colégio Rio Branco, também de São Paulo. “Eles se sentem mais seguros com o aparelho, que muitas vezes atrapalha e dá complexidade a situações absolutamente banais.”

Telegram @clubederevistas

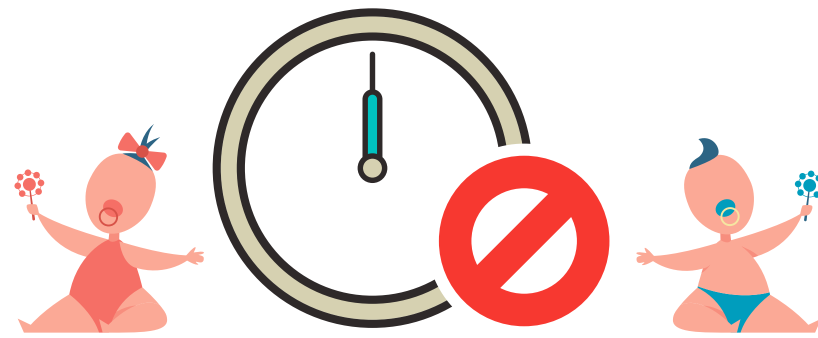
Na rede Start Anglo Bilingual School, com quatro unidades em São Paulo e uma na Bahia, os genitores deram mais trabalho que as crianças. O serviço de mensagens das secretarias bombou como nunca. Em alguns casos, dado o nervosismo, foi preciso até oferecer os celulares do colégio para que os pequenos pudessem falar com o pessoal em casa, tamanha a ansiedade das famílias com a nova regra. Muitos estavam acostumados a enviar recados para os filhos no meio da aula, pelos motivos mais variados. "Só no terceiro dia os ânimos acalmaram", diz Juliana Diniz, diretora do Start. "O uso excessivo não nasce com os filhos, mas com os pais." Como alternativa, o Start montou, nesta semana, as "mobiles zones", destinadas às ligações rápidas, mas sempre na presença de um vigia, que fica de olho no tempo da ligação. Foi o modo que encontraram de contentar os pais, que alegam alguma urgência irreal ou exagerada.

Não será fácil chegar ao "novo normal", para ficar com o chavão que contaminou o período da pandemia de covid-19. Reafirme-se: com o pessoal na escola, jogo resolvido. Mas, fora do colégio, é possível controlar o tempo adequado de uso de telas pela mocidade, como preconizam os especialistas *(veja no quadro "Controle doméstico")*? Os dias de quarentena derivada do vírus, e lá se vão cinco anos desde a eclosão do microrganismo, fizeram o aprendizado migrar integralmente para as plataformas digitais, e foi compulsório afrouxar as regras. Além de precisar dar continuidade aos estudos, o isolamento fez com que o celular e as redes sociais se

Telegram @clubederevistas

CONTROLE DOMÉSTICO

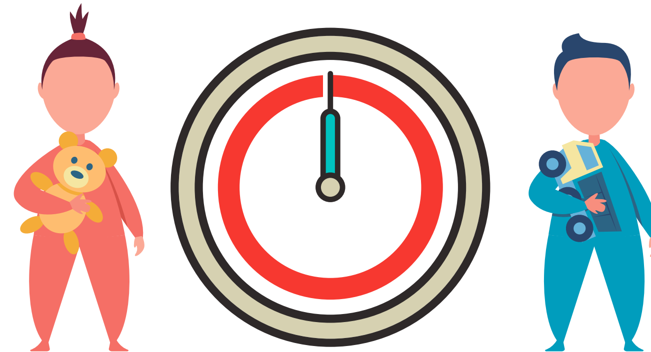
A orientação dos especialistas sobre o tempo máximo de uso de telas, para evitar danos à saúde de crianças e adolescentes



De 0 a 2 anos

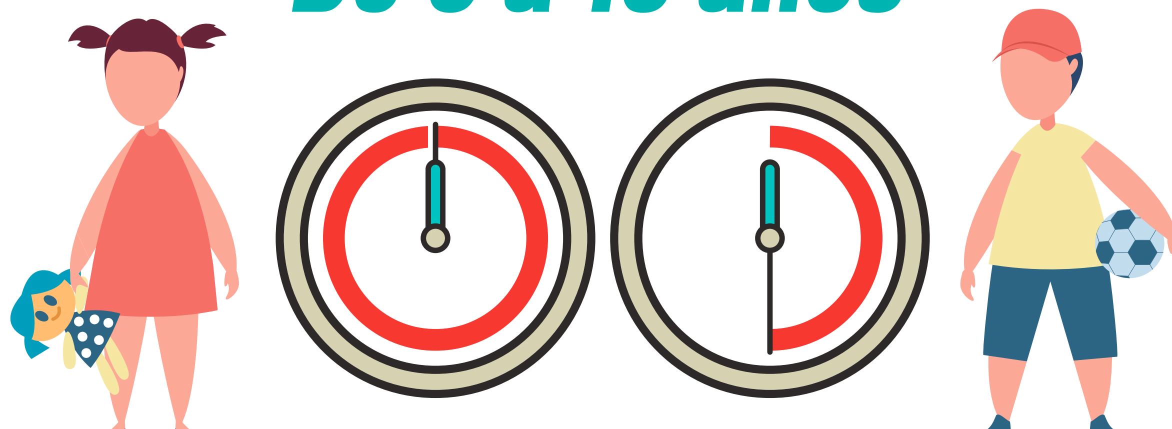
O INDICADO É **EVITAR** QUALQUER EXPOSIÇÃO A ELETRÔNICOS. NESSA IDADE, 50 MINUTOS POR DIA NO CELULAR OU EM FRENTE DA TELEVISÃO EQUIVALEM A DEIXAR DE OUVIR 850 000 PALAVRAS EM DOIS ANOS

De 2 a 5 anos



1 HORA POR DIA

De 6 a 10 anos



1 HORA E MEIA

De 11 a 18 anos



3 HORAS

Fonte: *Sociedade Brasileira de Pediatria*

Telegram @clubederevistas

transformassem nas únicas vias de interação entre as crianças trancadas em casa. "O problema é que, depois da retomada da vida normal, continuamos a usar os celulares do mesmo modo que fazíamos no tempo excepcional", diz Bruna Gasparotti, mãe de três filhos, dois deles ainda no ensino fundamental. Há solução? Sim, embora seja complicada: cortar aos poucos o chamado "cordão umbilical digital", de modo a interagir com os filhos à moda antiga, olho no olho.

A humanidade precisa, enfim, aprender a conviver com a tecnologia que virou uma segunda pele. O smartphone foi adotado mais rapidamente do que qualquer outra invenção eletrônica, mais do que o rádio, o computador pessoal e a televisão, inicialmente em preto e branco e depois em cores. O tempo apaga as memórias, mas lá nos idos dos anos 1940, nos Estados Unidos, e 1950, no Brasil, o televisor também foi tratado como perigo para a saúde, para as relações sociais. Tinha ao menos o dom de reunir as famílias, mas qual o quê, não podia fazer bem. Houve acomodação, investigações científicas identificaram os aspectos negativos, mas também os sobejamente positivos. O celular, em sua infância, ainda precisa ser traduzido. Não há dúvida, captura a atenção de gente jovem, cria uma "geração ansiosa", para ficar com a expressão celebrizada pelo título de um livro entre os mais vendidos, no mundo todo, do psicólogo americano Jonathan Haidt.

A educação digital, e não a proibição que grassa nas escolas, é a estrada a ser percorrida. Mas algo precisava estan-

Telegram @clubederevistas


ISTOCK/GETTY IMAGES

NOVO NORMAL Hora da escola em 2025, mesmo no recreio: adeus, aparelhos

car o vício, para que então se elaborem caminhos sensatos. Eles passam, forçosamente, pela postura parental, e não há como escapar do comprometimento. “Os jovens abaixo dos 25 anos ainda não têm a capacidade de frear a chamada escalada dos riscos”, diz o psicólogo Cristiano Nabuco. “Eles precisam de ajuda.” E atire a primeira pedra quem nunca, dissimulado, respondeu a um repreendimento dos filhos ao se ver encurvado, com a resposta padrão: “É rápido, estou trabalhando e já desligo”. Não há como fugir de uma verdade inconveniente: o bom exemplo precisa vir de casa. ■

Telegram @clubederevistas

A BARBÁRIE VENCEU

A chocante batalha urbana no Recife é o mais recente exemplo de como as autoridades fracassaram em conter e punir as hordas de vândalos que frequentam estádios **LIGIA MORAES**



GUERRA NO ASFALTO Conflito entre torcedores do Sport e do Santa Cruz, no sábado 1º: a lei precisa ser mais rígida

REPRODUÇÃO

Telegram @clubederevistas

INACEITÁVEL. No sábado 1º, as ruas da região metropolitana do Recife foram tomadas por uma vergonhosa batalha urbana. Grupos de pessoas com os rostos cobertos e armadas com pedaços de pau, canos e pedras atacavam umas às outras. Vídeos que circularam pelas redes sociais mostraram um rapaz tentando sem sucesso entrar em um prédio enquanto era alcançado por um bando que o agrediu sem parar, com socos, chutes e pauladas. Outras imagens revelaram cena ainda mais animalesca: um homem desacordado e nu, estuprado pelas hordas numa das esquinas da capital pernambucana. O motivo: um jogo de futebol. De cada um dos lados das trincheiras estavam as torcidas organizadas do Sport e do Santa Cruz, que se enfrentariam em seguida pelo Campeonato Pernambucano, no Estádio do Arruda. O resultado da partida pouco importa, é desnecessário saber. Todos perderam.

Logo depois dos incidentes, o governo de Pernambuco proibiu a presença de torcedores nos cinco jogos seguintes de ambas as equipes, no Estadual e na Copa do Nordeste. A medida, endossada pela governadora Raquel Lyra (PSDB) e pelo Ministério Público de Pernambuco, tinha objetivo imediato e desesperado: conter a barbárie. Na segunda 3, contudo, o desembargador Fernando Cerqueira, do Tribunal de Justiça, acatou pedido da diretoria do Sport e derrubou a restrição. Em comunicado oficial, Cerqueira afirmou "que nenhum dos clubes que estiveram em campo (...) possui poder para inibir a ação dos marginais. Por isso

Telegram @clubederevistas


PETER ROBINSON/PA/GETTY IMAGES

HOOLIGANISMO A tragédia de Heysel, em 1985, com 39 mortos: virada

mesmo, não podem ser punidos com a medida extrema de fechamento de portões”.

Cerqueira está certo — e errado ao mesmo tempo. Os cartolas dos grandes clubes de futebol fingem indignação diante desses episódios e reclamam de qualquer punição que possa atingir o seu caixa. Nos bastidores, no entanto, boa parte deles presta apoio às violentas torcidas organizadas, financiando caravanas e escolas de samba dessa turma. Não raro, quando o time vai mal, abrem as portas dos centros de treinamentos para os jogadores sentirem de perto a pressão das arquibancadas. Por fim, são omissos em engrossar iniciativas que contribuam para afastar os vândalos dos campos de futebol.

Responsabilidades dos clubes à parte, cabe às autoridades a maior parcela de culpa nessa goleada de vexames. Como está mais do que provado — e a batalha do Recife é o mais novo exemplo disso —, medidas como a de criar a regra da torcida única nos campos estão longe de resolver o problema. Estudos indicam que a maioria dos confrontos ocorre fora dos muros, muitas vezes a quilômetros de distância e até em datas diferentes das partidas. A proibição da presença de torcedores rivais nas arquibancadas como solução, portanto, ignora a raiz do problema. “Mesmo sem querer, isso mostra a fraqueza da segurança pública, o que reforça a descrença nas autoridades e estimula novas práticas criminosas”, critica o sociólogo Mauricio Murad, especialista no tema. Além de ineficiente, vale lembrar, a exclusão pune a maioria pacífica.

A ideia surgiu em 2016, depois de mortes em São Paulo, e hoje os clássicos entre times grandes do estado são disputados com apenas uma cor nas arquibancadas. Um dos autores da ideia foi o promotor de Justiça Paulo Castilho. Ele defende a iniciativa, diz que a agressividade “foi reduzida em cerca de 95% a 97%”, mas concorda que é preciso fazer muito mais. “É um problema de segurança pública, envolvendo criminosos infiltrados nas torcidas organizadas”, afirma. “É preciso um sistema de identificação rigoroso, punição severa e medidas complementares para coibir esses atos.”

Como soa complicado fazer andar a engrenagem de proteção, dá-se a saída mais rápida. O Secretário Nacional de Segurança Pública, Mario Sarrubbo, ele também favorável a

Telegram @clubederevistas



CARLOS QUADROS/FOTOARENA

EXPERIÊNCIA Apoiadores de Inter e Grêmio juntos: foi bom enquanto durou

ter uma única torcida em partidas relevantes, faz as contas e diz não ser possível agir de outro modo. “O custo para os órgãos de segurança pública seria imenso”, diz ele. “A população deixaria de ter o policial no seu bairro, que estaria escoltando as torcidas.” Um caminho seria o sistema de reconhecimento facial, que começa a ser aplicado e tem funcionado, de algum modo, ao identificar os arruaceiros. Não basta, no entanto, saber quem são. É preciso tirá-los de cena.

O que fazer? Alguns românticos sonharam alto e, no Rio Grande do Sul, estabeleceram uma zona mista, de convivência entre torcedores do Internacional e do Grêmio. Fun-

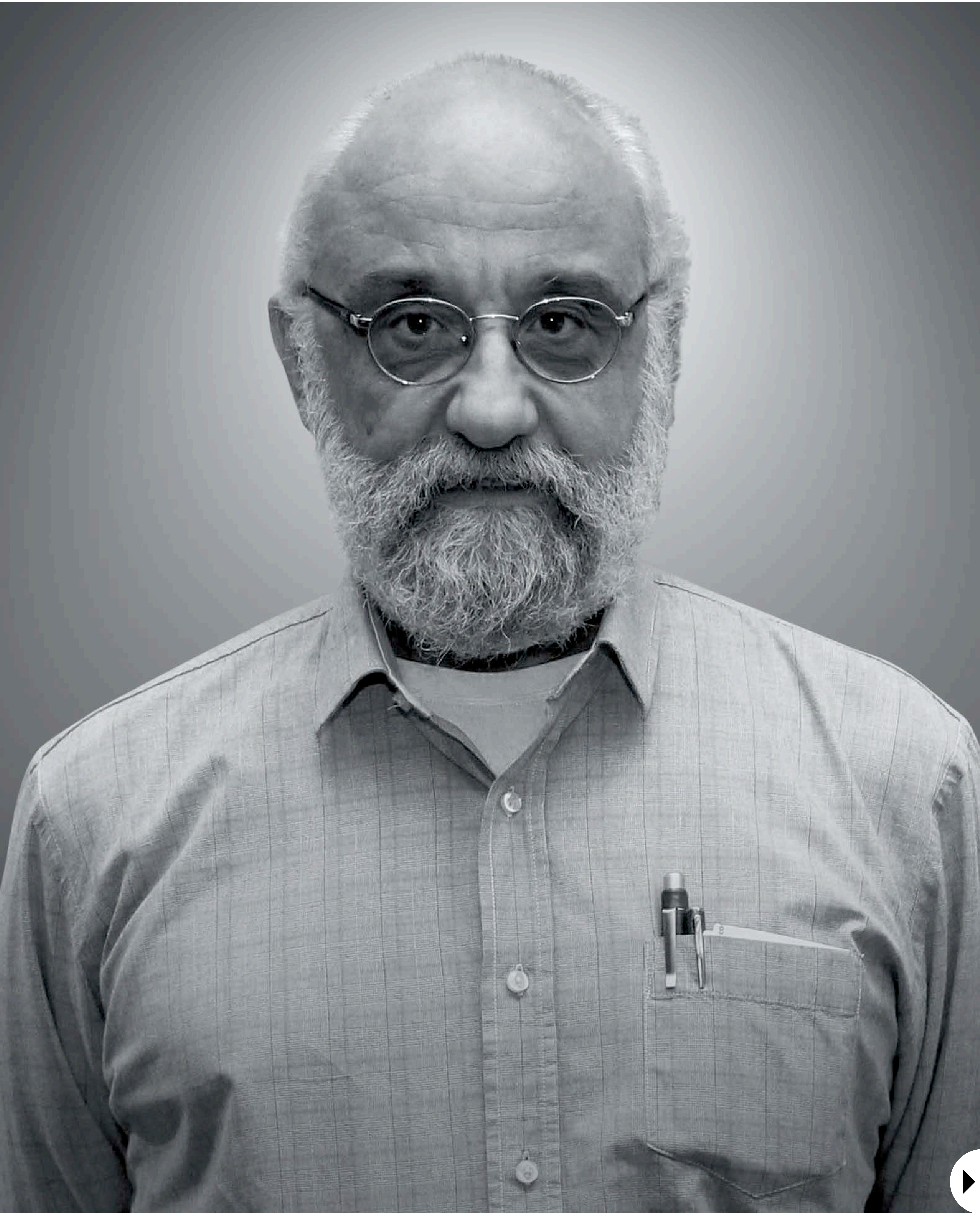
Telegram @clubederevistas

cionou no começo, era bonito, mas não demorou para que escaramuças abolissem o projeto educativo. A solução, portanto, parece ser endurecer o combate aos criminosos. Não há bala de prata, mas convém olhar para o Reino Unido, que até os anos 1980 vivia as atrocidades dos hooligans, grupos de torcedores identificados pela permanente pancadaria. Dois episódios fizeram a engrenagem ser interrompida. Em 1985, durante uma partida entre o Liverpool e a Juventus, pela Copa de Clubes Campeões da Europa, no estádio Rei Balduíno, em Heysel, noroeste de Bruxelas, uma briga generalizada terminou com 39 mortos e mais de 600 feridos. Em 1989, na semifinal da Copa da Inglaterra, entre Liverpool e Nottingham Forest, 97 torcedores morreram esmagados ao forçar os portões do estádio de Hillsborough. Era hora de mudança, definitivamente.

A primeira-ministra Margaret Thatcher, a Dama de Ferro, pôs a camisa 10, convocou um magistrado e dele exigiu amplo relatório e soluções. Trinta estádios foram construídos e centenas foram reformados. Os *terraces* (a antiga geral dos estádios brasileiros), hábitat favorito do hooliganismo, foram preenchidos com cadeiras. Mas, sobretudo, houve firme condenação — com cadeia e exclusão das partidas — dos que haviam feito da briga um esporte. Muitos foram afastados de três a dez anos. Outros, banidos para sempre. Deu certo, e pode servir de exemplo para as autoridades brasileiras. Em casos de crimes como as agressões de Recife, é preciso pena severa, dentro dos trâmites legais. Sem isso, não há como virar esse jogo. ■

Telegram @clubederevistas

DIVULGAÇÃO





APRENDI COM A DOENÇA DA MINHA FILHA

Como o neurocientista Roberto Lent fez da má-formação cerebral de Isabel um salto de conhecimento



MINHA RELAÇÃO com a neurociência não começou no laboratório. Quando minha filha Isabel nasceu, nos anos 1980, parecia um bebê como qualquer outro. Mas, conforme foi crescendo, notamos que algo não evoluía como esperado. Foi um choque descobrir que ela tinha agenesia do corpo caloso, uma rara condição em que os dois hemisférios do cérebro não se comunicam da forma convencional. O corpo caloso é um feixe com milhões de fibras nervosas que conectam essas duas partes do cérebro, permitindo a troca de informações. A ausência dessa estrutura significava que Isabel teria desafios cognitivos e motores ao longo da vida. Naquele momento, eu era um jovem cientista imerso na pesquisa acadêmica, e de repente a ciência se tornou uma questão íntima, com a qual conviveria.

Telegram @clubederevistas

A princípio, me senti perdido. Como pai, queria entender como essa condição afetaria minha filha. Como cientista, me vi diante de uma encruzilhada: seguir estudando os temas que já me ocupavam ou mergulhar na questão pessoal. No MIT, onde eu fazia meu pós-doutorado, compartilhei a angústia com Gerald Schneider, um dos maiores especialistas em neurociência. Ele me disse algo que me marcou profundamente: "Você tem que trabalhar com isso". E fui em frente, ao lado da minha filha. Passei a estudar modelos experimentais de desenvolvimento cerebral e publiquei diversos artigos sobre o tema nos Estados Unidos. Entendi que a neurociência não podia ficar restrita às questões puramente teóricas. Ela tinha implicações reais, e eu estava vivendo uma delas.

Minha busca por respostas me levou a uma descoberta fascinante. Em um estudo que publiquei com a neurocientista Fernanda Tovar-Moll, analisamos como o cérebro de pessoas com agenesia do corpo caloso, como o da Isabel, desenvolve conexões alternativas. Os neurônios, sem seu caminho tradicional, criam novas rotas para garantir a comunicação entre os hemisférios cerebrais. Ela foi uma das pacientes analisadas nesse estudo, já adulta. Foi emocionante perceber que, apesar da ausência de uma estrutura tão crucial, o cérebro encontra maneiras de se adaptar. Essa plasticidade, a capacidade de reorganização, é uma das forças mais impressionantes da biologia. Isabel não consegue falar, mas é muito expressiva em gestos e bem alegre no dia a dia.

Telegram @clubederevistas

A experiência com ela foi transformadora, mas não posso esquecer da decisiva influência de meu pai, o avô dela. Sou filho de Herman Lent, um parasitologista cassado pela ditadura militar. Cresci frequentando os laboratórios do Instituto Oswaldo Cruz *(leia reportagem "Vacina contra o Horror" nesta edição)* e logo me encantei pela pesquisa. Nos anos 1960, escolhi a medicina como caminho para a ciência, inicialmente atraído pela genética. No primeiro ano da faculdade, no entanto, conheci Eduardo Oswaldo Cruz e me apaixonei pela neurociência. Meu primeiro trabalho foi sobre o sistema visual do gambá, mas foi com a experiência de Isabel que entendi o impacto real da pesquisa no mundo.

Nos anos 1970, preso pela ditadura por minha militância política, fui levado para a Ilha das Flores, um centro de detenção usado pelo regime. Passei dias confinado em uma cela improvisada, um pequeno banheiro sem janelas, onde a única conexão com o mundo exterior era o som abafado de um rádio tocando *País Tropical,* de Jorge Ben Jor. O paradoxo da música alegre em contraste com a dureza daquele momento marcou profundamente minha memória. Mais tarde, ao me aprofundar na neurociência, compreendi que eventos carregados de emoção são registrados com mais intensidade pelo cérebro, um fenômeno que explica por que certos momentos da vida ficam gravados com tanta nitidez. Devo a força deles aos amigos, à família, e a Isabel, com quem aprendi sobre resiliência e adaptação. ■

Depoimento a Ligia Moraes

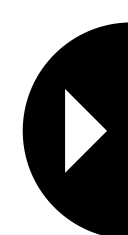
Telegram @clubederevistas


FABIO ROSSI

PONTO E CONTRAPONTO Fredímio Trotta: passado como músico atrai clientes e ajuda a trabalhar casos em torno de direitos autorais

O XERIFE DO PLÁGIO

Advogado carioca desafia a milionária indústria da música e move processos contra artistas internacionais por supostamente copiarem compositores brasileiros **LUCAS MATHIAS**



Telegram @clubederevistas

UM MODESTO escritório de advocacia no bairro de Copacabana, Zona Sul do Rio de Janeiro, abriga um personagem talhado para tirar o sono das grandes gravadoras e de artistas de destaque na milionária indústria da música mundial. Da mesa de Fredímio Biasotto Trotta, 61 anos, saíram dez processos, nos últimos quatro anos, com uma firme alegação, atrelada a documentos: alguns dos mais celebrados sucessos das plataformas de áudio, hits incontornáveis, não são tão originais quanto parecem. Os litígios envolvem estrelas de primeira grandeza, como Adele e Shakira. Elas são acusadas de gravar sucessos cuja semelhança com canções brasileiras chama a atenção.



INSTAGRAM @ADELE

CÓPIA? Adele *(acima)* e Shakira: divas do pop acusadas de roubar sucessos sem pudor algum



MATT WINKELMEYER/GETTY IMAGES

A contenda mais recente envolve, aliás, a colombiana Shakira, vencedora do Grammy Latino do ano passado na categoria melhor interpretação de música eletrônica, com a *Bzrp Music Sessions, Vol. 53.* Lançada em 2023, em parceria com o DJ e produtor argentino Bizarrap, a faixa logo escalou as paradas por trazer indiretas ao ex-jogador de futebol Gerard Piqué, que teria traído a musa, com quem foi casado. Para Trotta, no entanto, a faixa é puro plágio da música *Tu Tu Tu*, es-

Telegram @clubederevistas

crita por cinco compositores brasileiros, entre eles Luana Mattos, autora de outros estouros na voz de Ivete Sangalo. A obra, concebida três anos antes, também trata de infidelidade e se tornou popular na boca da dupla sertaneja May e Karen. Mais tarde, o baiano Léo Santana gravou a canção, ao lado de Mariana Fagundes. "Não tem como algo tão parecido ser fruto de uma ideia que nasceu do zero", diz o advogado.

Não é preciso ser um especialista para perceber semelhanças entre as duas versões. O refrão salta aos ouvidos não só pela melodia, mas também pelo uso do pronome tu como principal marcação rítmica. Dois vídeos produzidos pela equipe de defesa ressaltam ainda que a linguagem do clipe da diva internacional guarda estranhas similaridades com movimentos de dança performados pelas artistas brasileiras. No final de janeiro, o caso foi parar na Justiça, depois de a gravadora Sony Music mudar os rumos da conversa em torno de um acordo amigável, que virou imbróglio sem conversa. "Estávamos já tratando de indenizações, depois de eles praticamente reconhecerem que Shakira tinha 'chupado' o *Tu Tu Tu*, e então desandou", afirma Trotta. Os valores do processo são mantidos em sigilo.

O enredo desafinado repete controvérsia similar envolvendo Adele. O sambista Toninho Geraes acusa a cantora britânica de ter copiado a melodia de *Mulheres,* gravada por Martinho da Vila, em *Million Years Ago.* A briga ainda não chegou ao fim, travada depois de os representantes da artista inglesa terem sido acusados de apresentar uma procuração em nome dela com assinatura supostamente falsificada. Um inquérito poli-

Telegram @clubederevistas

cial investigará o episódio. Procurados por VEJA, tanto os advogados de Shakira quanto os de Adele silenciaram.

A briga com Adele foi ruidoso divisor de águas na carreira de Trotta. Violonista desde os 11 anos de idade, ele chegou a se aventurar profissionalmente, formando um grupo vocal batizado de Maitê-Tchu. Com um repertório repleto de clássicos da MPB, os cinco jovens tiveram relativo reconhecimento do público carioca no final da década de 1980. Aos poucos, contudo, a escolha pela advocacia, profissão que reunia três gerações de sua família, acabou se impondo. Os conhecimentos de harmonia, melodia e teoria musical foram cruciais para sustentar as acusações de plágio nos tribunais, de olho nas gravações e partituras.

Como não há, a rigor, critérios estabelecidos por lei para se configurar uma cópia, criar uma jurisprudência em torno do assunto se tornou fundamental. "A perícia musical é o que costuma decidir os conflitos. Normalmente, oito compassos iguais podem comprovar o crime", diz Gustavo Kloh, professor de direito na Fundação Getulio Vargas, especializado em propriedade intelectual.

De processo em processo, Trotta, o xerife da melodia, vai abrindo espaço para se tornar uma referência na área da defesa de direitos autorais de artistas brasileiros em contendas internacionais de peso. Ganhando ou perdendo nos tribunais nos quais se discutem compassos e ritmos com ajuda técnica de ouvidos afinados, ele já fez um grande barulho empunhando a bandeira da causa da originalidade musical. ■



Telegram @clubederevistas

LUCILIA DINIZ

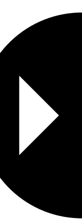
VALE QUANTO PESA

Da Antiguidade aos bitcoins, comida é moeda corrente

CAFÉ, CARNE, milho e açúcar estão na mesa de todos os dias. Mas, na dinâmica dos negócios mundiais, esses alimentos são fonte de saúde econômica para o Brasil. As projeções para este ano mostraram, mais uma vez, que o agro é crucial para a balança comercial do país. Exportados para diferentes continentes, os produtos do nosso campo se tornam valiosas reservas em moeda estrangeira.

Podemos nos tornar cada vez mais tecnológicos e passar a vida sem encostar em uma única nota de real, euro ou dólar. Mas todos os dias vamos ter de comer. Não é à toa que a língua registra expressões como “ganhar o pão” ou “garantir o leite das crianças”. Essa relação íntima entre valor monetário e a coisa mais fundamental que ele pode comprar me voltou à mente quando, recentemente, li um texto no jornal sobre o bitcoin, a primeira das criptomoedas, um invento de “ontem”, se pensarmos na linha do tempo das finanças.

Curiosamente, a história começou em pizza. Ou melhor, em pizzas. A criptomoeda pioneira foi lançada em 2009. Mas



Telegram @clubederevistas

só teve valor mesmo a partir do momento em que um programador da Flórida ofereceu, em um grupo de conversa de internet, 10 000 bitcoins a quem lhe comprasse duas redondas tamanho grande. A partir daí, a quantidade de criptomoedas usada na transação passou a valer os 41 dólares pagos pelo jantar. Hoje, os mesmos 10 000 bitcoins têm valor de mercado semelhante ao da rede onde a refeição foi comprada: cerca de 1,3 bilhão de dólares.

Esse episódio pode até soar curioso, mas o que seus personagens fizeram foi repetir um mecanismo ancestral. Basta lembrar a origem da palavra "salário", que nos recorda como um condimento para nós tão costumeiro valia, na Roma Antiga, seu peso em ouro, sendo usado para pagar os soldados. Ele era precioso porque, quando nem se sonhava com geladeiras, salgava-se a carne para que ela durasse. Uma verdadeira riqueza em pó.

"Não é à toa que a língua registra expressões como 'ganhar o pão' ou 'garantir o leite das crianças' "

Telegram @clubederevistas

Mesmo depois que os romanos — e todos os demais povos — passaram a usar moedas cunhadas em metal, a comida continuou a ser parâmetro de valor. Quase todo mundo consegue entender o poder do dinheiro pela quantidade de alimento que ele compra. A comparação permite avaliar o peso de uma determinada moeda. Essa é a ideia por trás do Índice Big Mac, calculado em mais 100 países desde 1986: como o sanduíche é feito em todos os lugares usando os mesmos ingredientes que na matriz americana, quando em um país o lanche é mais caro do que nos Estados Unidos, é sinal de que a moeda local está valorizada em relação ao dólar; se custa menos, é porque ela é fraca, comparada ao dinheiro americano. Análises desse tipo podem servir para ilustrar disparidades de custo de vida dentro de um mesmo país ou cidade, partindo do valor pago por uma determinada cesta de alimentos ou por uma mesma refeição em bairros distintos.

Nos Estados Unidos, o presidente Trump fala em criar uma reserva nacional de bitcoins. A intenção fez a cotação das criptomoedas disparar. Cada vez mais, elas vêm se tornando moeda corrente, sendo aceitas em sites de compras na internet e até para adquirir carros ou imóveis. Ainda assim, neste admirável mundo novo, certas coisas jamais vão mudar; grãos como a soja, o feijão e o trigo continuarão, através dos séculos, valendo quanto pesam. ■

Telegram @clubederevistas

O ESTRONDO SILENCIOSO

Estudo ilumina um dos enigmas mais duradouros da natureza, a lenta e quase imperceptível gênese das movimentações geológicas que culminam em terremotos **LUIZ PAULO SOUZA**

IMINÊNCIA Como nascem os tremores: pesquisa inovadora traz respostas claras a séculos de dúvidas

E+/GETTY IMAGES

Telegram @clubederevistas

FORAM MAIS de 200 tremores de terra registrados no fim de semana, entre 31 de janeiro e 2 de fevereiro. A magnitude máxima foi de 4,6 na escala Richter, considerada leve. Ainda que a chacoalhada tenha despontado discreta, quase imperceptível, milhares de turistas na Ilha de Santorini, na Grécia, deixaram o paraíso, às pressas, com medo. As escolas e instituições públicas foram fechadas. Houve algum pânico, rapidamente debelado. Temia-se um tsunami, que não veio. Ao término dos episódios, uma pergunta brotou como sempre: por que os sinais de terremotos são registrados tão em cima da hora, sem que possa haver adequada preparação da população e socorristas?

Um trabalho de profissionais da Universidade Hebraica de Jerusalém, publicado pela revista *Nature,* deu os primeiros passos de compreensão dos momentos iniciais do fenômeno geológico — é um modo de tentar prever com a devida antecedência as agitações que nascem das profundezas. O pulo do gato foi levar em conta um fator silencioso, até agora desdenhado: as pequenas rachaduras espalhadas pelas placas tectônicas, muitas vezes ínfimas, que alimentam o abalo. Não se trata, portanto, de apenas considerar as movimentações de grandes blocos, como sempre se imaginou. As pequeníssimas falhas são indícios de ruptura iminente, como em um espelho trincado.

É descoberta que soa evidente, mas assim caminha a humanidade, de mãos dadas com a ciência. As descobertas aparentemente banais são as que mais entregam avanços.

Telegram @clubederevistas


KEYSTONE-FRANCE/GAMMA-KEYSTONE/GETTY IMAGES

ESCALA RICHTER 9,5 O abalo de 1960, no Chile: o maior da história

"Revelações simples nos permitem fazer progressos substanciais", disse a VEJA Jay Fineberg, pesquisador do Instituto de Física da universidade israelense e líder da investigação. Trata-se, a rigor, de identificar a gênese de algo que parecia insignificante, dada a suposição de que trechos distantes do coração dos terremotos fossem lisos e alheios a qualquer tipo de rachadura. Olha-se, enfim, o nó central, e muito pouco os trechos ao redor, a quilômetros de distância. A partir de agora, pode ter início um novo capítulo.

As revelações foram alcançadas a partir do trabalho com experimentos reais em folhas de vidro e intrincados modelos

Telegram @clubederevistas

UMMU NISAN KANDILCIOGLU/ANADOLU/GETTY IMAGES



O PARAÍSO CHACOALHOU Santorini, na Grécia: 200 pequenos sismos

de computador, com apoio da onipresente inteligência artificial. Do casamento de informações, testadas por cientistas de diversos cantos do mundo, como é praxe na academia e nos laboratórios, nasce uma esperança: a possibilidade de antever os acidentes com horas, dias e mesmo semanas de antecedência — e não mais em cima do laço, atalho para tragédias. "O estudo amplia o entendimento existente, oferecendo uma perspectiva abrangente dos processos que culminam em terremotos", diz George Sand de França, professor do Departamento de Geofísica do Instituto de Astronomia, Geofísica e Ciências Atmosféricas da Universidade de São Paulo (IAG-USP).

Telegram @clubederevistas

Não se trata, é claro, de supor que seja possível evitar a agitação do solo. Mas a identificação prematura, associada a construções feitas para aguentar os trancos, como no Japão moderno, salvará vidas. "A compreensão do processo, lento e progressivo, é um grande passo", diz Fineberg. Alertar os cidadãos previamente — como já ocorre com a meteorologia, apesar da inépcia de autoridades em todo o mundo e do descuido irresponsável com as mudanças climáticas — representará imenso ponto de virada. Evitaria, por exemplo, para ficar com um caso histórico, os mais de 1 500 mortos, 3 000 feridos e 1 milhão de desabrigados do terremoto de Valdívia, no Chile, em 1960, o maior de todos os tempos, em escala Richter de 9,5. O mais enigmático dos eventos naturais ganha, enfim, alguma luz. ■

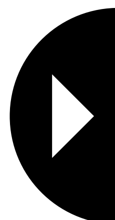
Telegram @clubederevistas

REVOLUÇÃO GEOMÉTRICA

Os sessenta anos do celebrado vestido Mondrian, de Yves Saint Laurent, é um passeio pelo casamento da arte com a moda, em movimento que nunca parou **SIMONE BLANES**



CHOQUE
A modernidade do desenho de 1965 rompeu com o classicismo: ícone que foi parar até na boneca Barbie *(à dir.)*



FOTOS PA IMAGES/ALAMY/FOTOARENA; DIVULGAÇÃO

Telegram @clubederevistas

HELP! Naquele ano de 1965, os Beatles estouraram nas paradas de sucesso com o quinto álbum de estúdio, condecorados como cavalheiros pela rainha Elizabeth. Os Estados Unidos do presidente Lyndon Johnson entravam com tudo no Vietnã, e os humores da juventude passaram a caminhar debaixo de um slogan: “Faça amor, não faça guerra”. No Brasil, as eleições presidenciais marcadas para outubro foram canceladas, no prólogo do horror imposto pela ditadura militar a partir de 1968. O mundo parecia pedir socorro. E então, em meio ao caos e à angústia, um estilista francês de apenas 29 anos, Yves Saint Laurent (1936-2008), o YSL, cuja timidez transbordava pelo corpo magro, escondida pelos óculos de lentes grossas, decidiu mostrar que dava, sim, para colorir a imaginação.

Provocado por uma influente jornalista — “Cadê sua mulher do futuro?” —, YSL passou a noite em claro, trancado em sua biblioteca, entre taças de vinho e cigarros Gitanes. Angustiado, porque apenas a novidade lhe interessava, teve uma epifania ao pegar nas mãos um livro, que ganhara de Natal da mãe, em torno da vida e obra do pintor modernista holandês Piet Mondrian (1872-1944). A capa ia direto ao ponto, com as linhas geométricas e cores vivas da mais famosa tela do artista, *Composição II em Vermelho, Azul e Amarelo.* “Isso é completamente moderno”, pensou o visionário costureiro, em exclamação depois detalhada em entrevistas. Nascia um clássico imedia-

Telegram @clubederevistas



FAIRCHILD ARCHIVE/WWD/PENSKE MEDIA/GETTY IMAGES

CRIATIVIDADE YSL com uma cliente, em 1965: obra foi fruto de uma epifania

to, talhado para desconstruir o passado, tudo aquilo que viera antes dele: o vestido Mondrian, a simplicidade primária alinhavada pela alta-costura.

Aquele vestido, hoje sessentão, parece ter sido imaginado ontem. Não envelhece. Copiado à exaustão, nunca deixou de ganhar reinterpretações. É ícone incontornável. Emoldurou corpos de estrelas de ontem, como Catherine

Telegram @clubederevistas

Deneuve, e de hoje, a exemplo de Katy Perry. Virou boneca Barbie. Marco de um tempo, atravessou épocas. O próprio Mondrian, a quem YSL não conheceu pessoalmente, é óbvio, já intuíra que seus traços poderiam um dia subir às passarelas, andar pelas ruas: "A moda reflete com precisão um período histórico e é também uma das formas mais diretas de expressão visual na cultura humana".

O trabalho de YSL, ressalve-se, antecedeu a criação, como sempre. Ele bebeu da minissaia de Mary Quant, de 1962. Entusiasmara-se com o encurtamento das peças de Pierre Cardin e Paco Rabanne. Demonstrou entusiasmo, e um tantinho de inveja, é claro, com os desenhos futuristas de André Courrèges. Do liquidificador de todos eles, somados a Mondrian, deu-se a virada — e adeus à caretice dos tempos de Christian Dior, ali onde ele aprendeu quase tudo, só para poder tomar uma outra estrada. "Estava preso em uma forma tradicio-



ANDRÉ KERTÉSZ/EFE

INOVAÇÃO O artista holandês, mestre das formas simples: a essência do modernismo nas telas de pintura

Telegram @clubederevistas

nal de elegância, e Courrèges me tirou dela, sua coleção me energizou", disse YSL.

Mas qual era, afinal, a mulher do futuro que ele propunha ao transformar uma obra de arte em roupa? A jovialidade, os tons, mas, sobretudo, a íntima conversa entre plataformas, telas e panos, pincéis e tesouras. Foi um espanto, e ainda hoje há ecos daquele susto. O desfile de 6 de agosto de 1965, exatos vinte anos depois da bomba de Hiroshima, levou tudo aos ares. "Mondrian libertou YSL como ser humano e como criador", diz Brunno Almeida Maia, pesquisador de moda da USP. Para ele, não havia sentido em apartar qualquer tipo de atividade artística, a moda inclusive, da existência cotidiana. Nessa postura, era influenciado por um bom amigo, o papa da pop art, o americano de cabelos platinados Andy Warhol, que fazia de latas de sopa obras-primas. Warhol, aliás, ia a Paris com frequência e, em uma das jornadas, tratou de registrar a intimidade de YSL e seu companheiro, o empresário Pierre Bergé, em fotografias que, por coincidência, estão sendo leiloadas agora pela Sotheby's parisiense. Não havia, realmente, escaninhos separados de arte e vida. ■

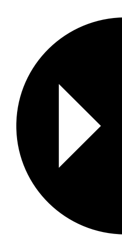
Telegram @clubederevistas

É DURO SER A GIOCONDA

O anúncio da adaptação de uma sala exclusiva para a *Mona Lisa* de Leonardo da Vinci ilumina o conturbado magnetismo da mais conhecida obra-prima da civilização ocidental **FÁBIO ALTMAN**



NO LOUVRE Ela ali ao fundo, atrás da maré de braços erguidos com smartphones: 30 000 visitantes todo santo dia



ANTOINE BOUREAU/HANS LUCAS/AFP

Telegram @clubederevistas

NÃO TEM JEITO. É mais fácil ver com calma a *Mona Lisa* de Leonardo da Vinci na capa de um caderno escolar do que na Salle des États, a maior do Museu do Louvre, em Paris. Para chegar perto do mais conhecido rosto da história, pintado no início dos anos 1500, é preciso atravessar as hordas e, na base de cotoveladas mal-educadas, ir abrindo espaço até o nicho de vidro. Fossem apenas os cotovelos, o.k. Hoje o desafio é ultrapassar a barreira de braços erguidos com onipresentes smartphones apontados para o sorriso indecifrável e sua aura enigmática, resultado da delicadeza do *sfumato,* a técnica refinada de imprimir névoa no desenho, ao abrandar os gradientes entre as tonalidades. A situação só piora: quem consegue se avizinhar da peça envolvida pela moldura dourada, trata de andar de um lado para o outro de modo a tentar confirmar um mito: o olhar da Gioconda acompanharia quem a vislumbra, de lá para cá, de cá para lá (não é verdade).

Na ponta do pincel, a estatística dá conta do eterno alvoroço. O palácio parisiense recebe todos os anos algo em torno de 9 milhões de turistas, ou 30 000 por dia — 80% vão direto ao ponto em que está a dama florentina, e muitos se restringem a ela. O que fazer? Na semana passada, em meio ao detalhamento do mau estado do edifício, inaugurado em 1793, com goteiras e paredes descascadas, "abaixo dos padrões de excelência", foi o próprio presidente Emmanuel Macron quem deu a boa nova: a *Mona Lisa* terá uma sala para chamar de sua, isolada de seus pares.

Telegram @clubederevistas

DAVID CANTINIAUX/AFPTV/AFP



ATAQUE O protesto de duas militantes ambientais, em 2024: sopa de abóbora

Apartá-la — a tela pode ir para o subsolo — é um modo de proteção, de organização das filas e acessos, mas é também cuidado com a vizinhança. Quadros seminais, bem ao lado da mãe de todas as pinturas, passam despercebidos, em ofensa ao bom gosto. E, então, haverá vida nova para a *Festa do Casamento em Caná,* de Paolo Veronese, e *O Homem com uma Luva,* de Tiziano Vecellio, entre outras joias da civilização. “A experiência de ver a *Mona Lisa* é frustrante”, diz Laurence des Cars, diretora do Louvre. Uma pesquisa feita por um reputado site francês de compras de ingressos, ao colher opiniões de mais de 18 000 pessoas, fez a triste

Telegram @clubederevistas

constatação: entre os maiores marcos artísticos do mundo, a Gioconda é a campeã de decepção, com 37% de menções negativas. A média de críticas ruins, entre 100 obras, é de 19%. É duro ser a *Mona Lisa* em tempo de tanto turismo.

Ícone da capacidade humana, demasiadamente humana, de criar coisas belas enquanto faz guerra, aquele objeto de 77 cm de altura por 53 cm de largura já passou por poucas e boas. Agora mesmo, está no centro de uma discussão inócua de um grupo de conservadores italianos que pretende tê-la "de volta" e sugere o pouso em Milão, sede da Olimpíada de Inverno de 2026, em parceria com Cortina d'Ampezzo. A alegação: Napoleão Bonaparte a teria confiscado em 1796. Mentira. Ela está na França desde 1516, comprada por François I do próprio Leonardo, inicialmente exposta numa das galerias de Versalhes.

Dada a relevância mítica daqueles lábios e das mãos delicadamente pousadas de Lisa Gherardini, mulher do mercador Francesco del Giocondo, bulir com a personagem sempre foi um modo de ganhar notoriedade — e o deslocamento de sala anunciado por Macron apenas confirma esse movimento. Em agosto de 1911, tempo sem vigilância, o pintor de paredes Vincenzo Peruggia tirou a tela do enquadramento e a levou embora. O roubo só se tornaria público no dia seguinte. Peruggia virou celebridade, condenado a um ano e meio de prisão. Dizia ter feito o que fez por patriotismo (o italiano, ressalte-se, fazia como a turma nacionalista de agora, atacando Napoleão, bradando contra a França em nome de um suposto direito da Itá-

Telegram @clubederevistas



ROGER-VIOLLET/GETTY IMAGES

ROUBO Resgatada depois do sumiço, em 1911: alvo de um nacionalista italiano

lia). O larápio foi parar nas manchetes, e a *Mona Lisa* ganhou então a relevância que nunca mais pararia de crescer. Em janeiro de 2024, duas ativistas de um movimento ambientalista emporcalharam a vitrine da bela senhora com sopa de abóbora.

Os visitantes terão algum conforto no Louvre renovado. A Gioconda solitária poderá enfim ser vista com um pouco mais de tempo e cuidado — mas é improvável que ela própria algum dia venha a ter sossego. Da letra de *Visions of Johanna,* linda canção de Bob Dylan, composta em 1966, em tradução de Caetano W. Galindo: “Mas Mona Lisa deve ter cansado da estrada, dá pra ver naquele sorriso”. ■

Telegram @clubederevistas

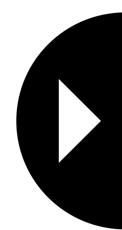
NA CORDA BAMBA

Com treze indicações ao Oscar, *Emilia Pérez* chega ao país em meio às polêmicas provocadas pelas falas tóxicas de sua estrela e ilustra o desafio de fazer cinema na era da correção política

THIAGO GELLI



CINDERELA TRANS Karla (*à esq.*) com Zoe no filme: feito histórico eclipsado



PARIS FILMES

Telegram @clubederevistas



A comédia musical *Emilia Pérez* mal foi lançada e já se destaca na história do cinema por duas façanhas curiosamente interconectadas — e paradoxais. O primeiro feito do filme, que acaba de entrar em cartaz no país, diz respeito ao sucesso de seus produtores em criar um produto cirurgicamente atrativo para premiações como o Oscar. *Emilia Pérez* é uma empreitada multinacional que inclui duas estrelas de Hollywood, Zoe Saldaña e Selena Gomez, um diretor com aura provocativa, o francês Jacques Audiard, e — eis a cereja do bolo — uma trama de superação sobre um traficante mexicano que se redime enquanto vive uma transição de gênero, papel defendido em cena por uma genuína atriz trans, a espanhola Karla Sofía Gascón. Não deu outra. Embalado por uma campanha de marketing turbinada pelo poderio global da Netflix, o longa amealhou o maior

AS INDICAÇÕES

FILME DO ANO

FILME INTERNACIONAL

DIREÇÃO
JACQUES AUDIARD

ROTEIRO ADAPTADO

ATRIZ
KARLA SOFÍA GASCÓN

ATRIZ COADJUVANTE
ZOE SALDAÑA

MONTAGEM

FOTOGRAFIA

MAQUIAGEM

TRILHA SONORA

SONORIZAÇÃO

CANÇÃO ORIGINAL
EL MAL

CANÇÃO ORIGINAL
MI CAMINO

número de indicações ao Oscar: vai concorrer a treze estatuetas na festa do dia 2 de março em Los Angeles *(veja à esq.)*. Mesmo que nada ganhe, faz história ao emplacar Karla como primeira mulher trans a concorrer ao prêmio de atriz, ao lado de feras como Demi Moore, de *A Substância*, e — claro — a brasileira Fernanda Torres, por *Ainda Estou Aqui.*

O paradoxo da situação, acompanhada globalmente por fãs e detratores do filme de forma apaixonada nos últimos dias, é que a mesma Karla produziu outro feito inesperado: raras vezes se testemunhou o derretimento tão acachapante de um favorito ao Oscar. A atriz passou de heroína da diversidade a vilã tão logo começou a circular um farto dossiê de publicações suas nas redes sociais entre 2017 e 2022, eivadas de opiniões racistas, xenofóbicas e até mesmo machistas, pondo em xeque a premissa virtuosa do filme. Em questão de horas, sua conquista histórica já havia sido eclipsada pela ameaça do cancelamento virtual. Karla se desculpou, mas não o suficiente. Após exigir a expulsão dos muçulmanos da Espanha e ironizar a morte de George Floyd, negro americano cujo assassinato pela polícia deflagrou o movimento Black Lives Matter, a atriz simplesmente disse acreditar que “a luz sempre triunfaria sobre a escuridão”. Na tentativa de limpar a imagem, foi ao ar na CNN espanhola para dizer que não poderia ser racista — pois, afinal, havia trabalhado com a negra Zoe Saldaña.

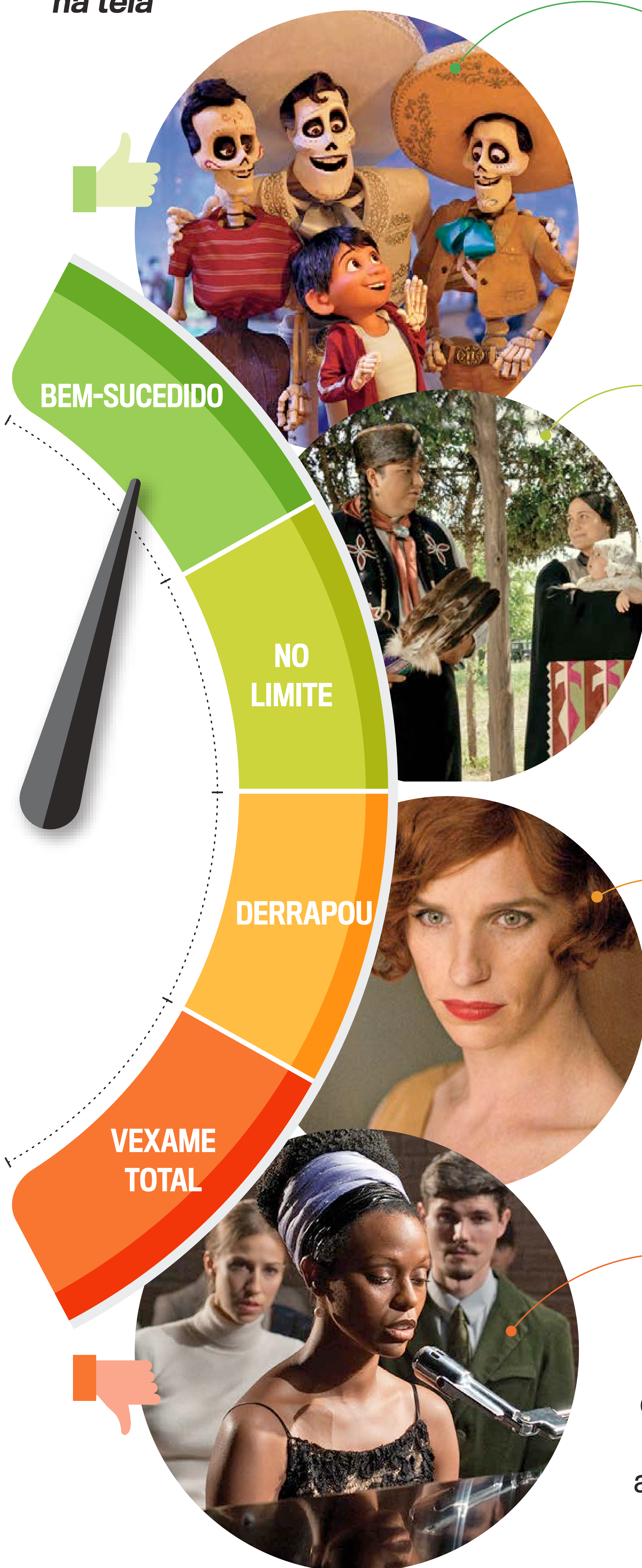
O caso de Emilia Pérez ilustra de modo didático uma questão de potencial incandescente. A cobrança por autenticidade na tela se tornou um vespeiro capaz de corroer filmes e reputações, e o peso pesado do Oscar 2025 é a mais nova vítima disso. *Emilia Pérez* sintetiza o caldo de reivindicações justas por representatividade, exageros, contradições e hipocrisia que tantas vezes cerca conceitos como “lugar de fala” e “apropriação cultural” — demandas que, curiosamente, não estavam na ordem do dia até meados da década passada *(veja o quadro ao lado.)*. Sua trama enfureceu os mexicanos: embora se passe naquele país e fale de seus dramas sociais, o filme exibe uma única atriz de lá e promove uma espetacularização do narcotráfico. Até o ativismo trans torce o nariz. Para o filósofo Paul B. Preciado, referência em estudos de gênero, a oposição entre antes e depois no filme reforça o preconceito de que a mulher trans é um “lobo em pele de cordeiro”.

Mas seria a vivência uma prerrogativa obrigatória para contar certas histórias? Karla discorda: compara a “limitação da arte” à intolerância que motivou o atentado contra o jornal *Charlie Hebdo,* na França, em 2015, e disse a VEJA que, se o diretor Jacques Audiard só pudesse fazer filmes sobre sua realidade, “seria uma história muito chata” *(veja a entrevista).* O próprio Audiard é sincerão a respeito. Segundo o diretor, a opção por contratar atrizes hollywoodianas sem ligação com o México foi prática: “Eu realmente precisava de dinheiro”. Questionado acer-

Telegram @clubederevistas

CAMPO MINADO

Do sucesso ao vexame, como o cinema lida com a cobrança por representatividade na tela



VIVA: A VIDA É UMA FESTA (2017)

A equipe americana da Disney viajou para o México repetidamente ao longo de seis anos e contratou atores do país, como Gael García Bernal, para dublar — e assim se tornou referência de autenticidade emulada por outras animações

ASSASSINOS DA LUA DAS FLORES (2023)

O filme de Martin Scorsese levou à primeira indicação de uma mulher indígena nos mais de noventa anos do Oscar, mas ainda assim foi criticado por seu próprio consultor cultural, que considerou equivocado o protagonismo de Leonardo DiCaprio

A GAROTA DINAMARQUESA (2015)

A indicação de Eddie Redmayne ao Oscar causou revolta entre mulheres trans, fartas de representações suas por atores masculinos. Em 2021, o astro inglês pediu perdão: "Fiz o filme com a melhor das intenções, mas foi um erro"

NINA (2016)

Outra arrependida é Zoe Saldaña, que escureceu sua pele morena para viver Nina Simone. O chamado *blackface* já era amplamente condenado, e o filme — dirigido por uma mulher branca — foi fracasso retumbante de crítica e público

FOTOS DISNEY/PIXAR; DIVULGAÇÃO; FOCUS FEATURES; SUZANNE TENNER/NINA PRODUCTIONS

Telegram @clubederevistas

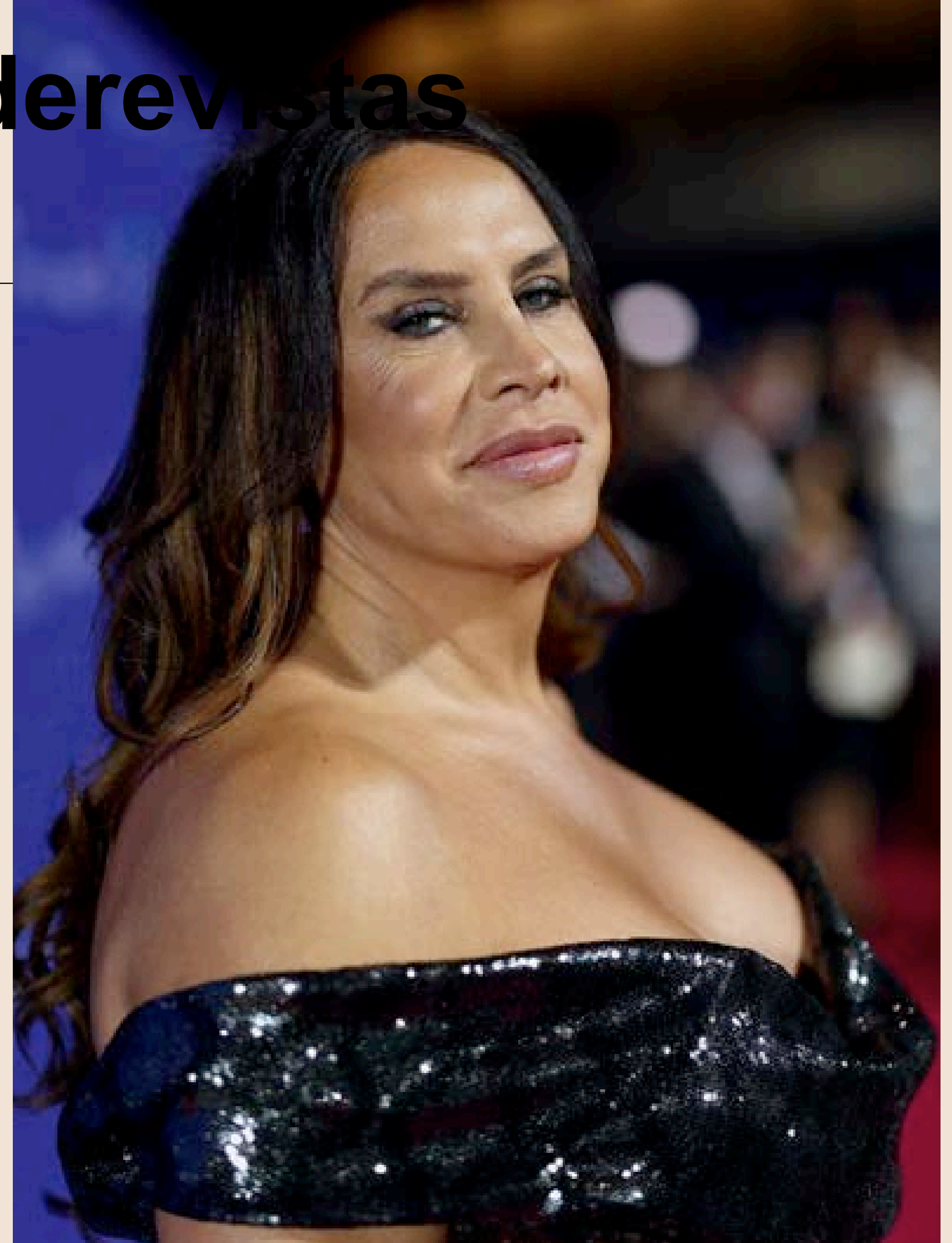
ca de suas pesquisas sobre a cultura local, disse não ter se aprofundado por "saber o necessário".

Nessa controvérsia, um detalhe interessa aos brasileiros: a derrocada de *Emilia Pérez* pode afetar as chances de *Ainda Estou Aqui* no Oscar? Na plataforma GoldDerby, que agrega previsões de especialistas, as chances do filme francês caíram em todas as categorias. Na de filme do ano, foi de segundo para sexto lugar. Na categoria de filme internacional, perde a cada dia seu favoritismo ante o longa de Walter Salles. Karla nem estava entre as favoritas para atriz, e agora foi até banida de eventos de campanha pela Netflix, que distribui o filme nos Estados Unidos. Na corda bamba do Oscar, nenhum pecado é pior do que uma fala fora de lugar. ■

Telegram @clubederevistas

"ERROS NÃO SE REPARAM"

Em entrevista a VEJA, Karla Sofía Gascón defende *Emilia Pérez* de polêmicas.


MATT WINKELMEYER/GETTY IMAGES

LÍNGUA AFIADA
Karla: rival de Fernanda Torres no Oscar

Qual foi sua contribuição como mulher trans para o enredo do filme? O roteiro era mais cômico e virou uma história séria, de alguém que se supera não para redimir seus pecados, porque acredito que os erros não se reparam. Mas, sim, para, a partir daí, se tornar uma pessoa melhor.

Como é ser alçada a símbolo de sua comunidade – e também ser criticada por ela? Ninguém votou em mim, então não posso falar por quem não quer que eu o represente. Mas posso ajudar outras pessoas na mesma situação, para que não sejam desprezadas ou marginalizadas, dizendo: "Sou tão normal quanto vocês".

O que diz aos que questionam a autenticidade do filme? Se Jacques *(Audiard)* fizesse filmes baseados em si, só poderia contar a história de um homem que acorda, escreve e vai dormir lendo. Seria muito chato, ninguém iria ver. A criatividade não deve ter limites, senão acontecem coisas terríveis, como com o jornal *Charlie Hebdo.*

Telegram @clubederevistas

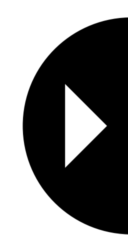
A ARTE DA AVENIDA

Novo livro resgata a história dos principais desfiles das escolas de samba do Rio e seus carnavalescos, com belas fotografias e ensaios afiados sobre a maior manifestação cultural do país



EDITORA CAPIVARA/DIVULGAÇÃO

COLORIDO Desfile da Unidos da Tijuca, em 2004: beleza levada pouco a sério



Telegram @clubederevistas

O ARQUITETO carioca Miguel Pinto Guimarães tinha apenas 8 anos quando assistiu pela primeira vez ao desfile das escolas de samba na Marquês de Sapucaí, na década de 1980. Desde então, ele só deixou de comparecer ao chamado "maior espetáculo da Terra" em três ocasiões — em 1992, por uma "falta inexplicável"; em 2021, quando o evento foi cancelado por causa da pandemia; e em 2002, pela curiosa coincidência de seu filho nascer na data da folia. Mais que apaixonado, Guimarães é um estudioso imbuído de missão nobre: demonstrar a verdadeira dimensão do Carnaval do Rio enquanto manifestação artís-

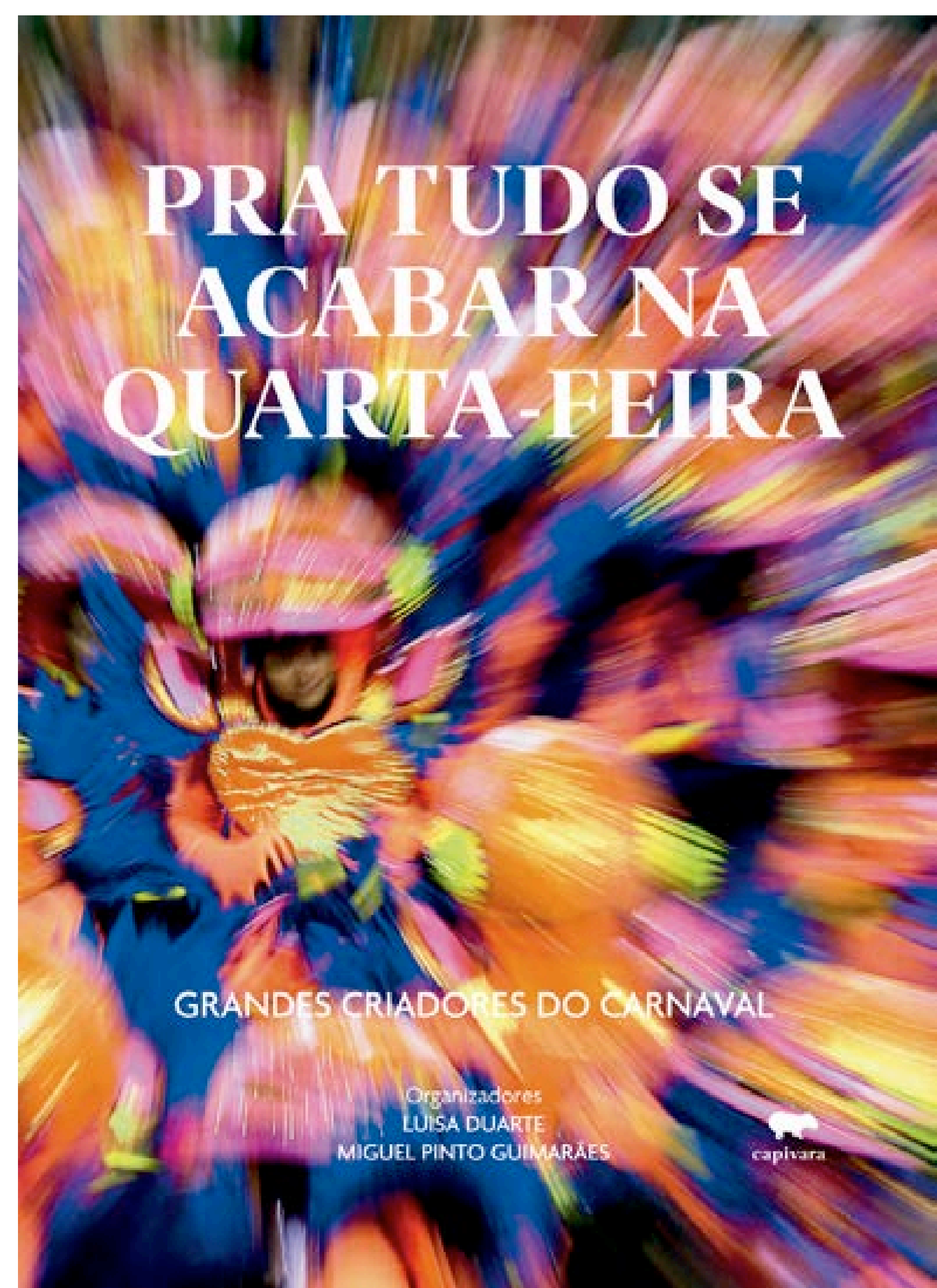


RICARDO LEONI/AGÊNCIA O GLOBO

OUSADIA O Cristo Mendigo da Beija-Flor, em 1989: um espetáculo inovador

Telegram @clubederevistas

tica da nação. Ao lado da curadora Luisa Duarte, ele é organizador de um livro que dá contribuição valiosa nesse sentido. ***Pra Tudo Se Acabar na Quarta-Feira — Grandes Criadores do Carnaval*** (Capivara, 386 páginas, 190 reais), que será lançado no próximo dia 19, é uma obra robusta, com belíssimas fotografias e perfis de dezesseis carnavalescos, como Fernando Pinto, Paulo Barros, Joãosinho Trinta e outros.



ANÁLISE A capa do novo livro: lacuna enfim preenchida

A efemeridade da festa e a escassez de estudos capazes de fazer jus à grandiosidade dos desfiles são questões centrais para os autores. Por muito tempo, afinal, Guimarães se intrigou com o fato de espetáculos com imensas ambições e inovações estéticas serem tão pouco analisados como forma de arte e merecerem míseros registros arrojados o suficiente para eternizar a beleza que o público testemunha na avenida. “É uma arte feita por um único artista, executada por centenas de artesãos, com 2 quilômetros de extensão e que só dura setenta minutos”, pondera ele.

Nem mesmo as gravações da transmissão na TV ou ensaios fotográficos conseguiram, muitas vezes, documentar a arte da avenida em toda a sua urgência e es-

Telegram @clubederevistas

plendor. Além de assinar os textos de abertura e encerramento do livro, Guimarães toca nesse aspecto em particular num perfil do carnavalesco Fernando Pinto, vice-campeão com a Mocidade em 1987. "O desfile Tupinicópolis me marcou muito e foi uma aula de Brasil. Mas revi as fotografias e fiquei frustrado. Nada dá conta de mostrar o Carnaval", lamenta, destacando a importância da preservação histórica dessa arte. A cuidadosa curadoria de Luisa Duarte ajuda a resgatar, tendo como fonte principal a cobertura da imprensa, imagens que preenchem essa lacuna.

O livro dá o devido realce, por fim, às ousadias que fizeram história na Sapucaí. Um dos capítulos mais impactantes é sobre a Beija-Flor, com o desfile de 1989 de Joãosinho Trinta, *Ratos e Urubus, Larguem Minha Fantasia*, que teve até uma alegoria censurada, o Cristo Mendigo — e hoje é um clássico. O Carnaval é uma arte e, como tal, seu impacto vai muito além da Quarta-feira de Cinzas. ■

Felipe Branco Cruz

Telegram @clubederevistas

A NOVELA DA SUPERAÇÃO

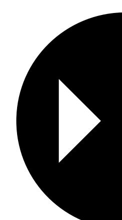
Após perder a mãe e outros parentes na pandemia, a autora carioca Claudia Souto se reinventou escrevendo a saborosa *Volta por Cima*, atual novela das 7 na Globo

KELLY MIYASHIRO



BEATRIZ DAMY E FABIO ROCHA/TV GLOBO

A VIDA CONTINUA
A autora: trama das 7 inspirada em seu luto pessoal



Telegram @clubederevistas

EM 2022, enquanto escrevia e acompanhava no ar a exibição de *Cara e Coragem,* sua segunda novela a ocupar a faixa das 7 na Globo, a autora Claudia Souto sofreu uma série de perdas. Em plena pandemia de covid, a escritora carioca precisou se despedir da mãe, quatro tios, uma prima, amigos, além do psiquiatra com quem se consultava — todos mortos em decorrência da doença ou de complicações causadas por ela em menos de um ano. Em razão do momento difícil que Claudia enfrentava em sua vida pessoal, a novela protagonizada por Paolla Oliveira, Marcelo Serrado e Taís Araujo se perdeu no próprio enredo misterioso e acabou



FABIO ROCHA/TV GLOBO

BLACK JOY Madá e Jão: romance de protagonistas negros conquistou torcida

com baixa audiência e repercussão fraca nas redes sociais. "A trama herdou uma coisa sombria que eu estava vivendo na época", reconheceu a autora em entrevista a VEJA. Com o fim do folhetim, em janeiro de 2023, ela enfim pôde viver o luto como precisava: chegou ao fundo do poço emocional e só foi resgatada de uma virtual depressão com a indicação de *Cara e Coragem* ao Emmy Internacional de melhor telenovela — ou seja, a produção que foi um fracasso de público acabou sendo reconhecida pela crítica. "Era como se o universo dissesse que ia ficar tudo bem; foi um abraço da vida me dizendo para seguir em frente", relembra.

Claudia, hoje aos 58 anos, não levou o Emmy, vencido pela turca *Yargi: Segredos de Família*, mas recebeu o impulso necessário para se reerguer com uma novela alto-astral de verdade, com histórias envolventes e dignas do horário das 7. Assim nasceu *Volta por Cima*, atual novela da Globo nessa faixa — que fala nas entrelinhas, por meio de seus personagens, das provas de superação que a autora enfrentou. Junto de *Garota do Momento,* novela das 6, de Alessandra Poggi, que também colhe elogios e boa repercussão com seu romance de época açucarado, protagonizado pelos jovens Duda Santos e Pedro Novaes, a inspirada *Volta por Cima* vai — ainda bem — na contramão de *Mania de Você,* que vem acumulando reveses no horário das 9 com seu enredo insosso. Em contraste, *Volta por Cima* prova que o melodrama está vivo e pode ser relevante, sim — para alívio da Globo.

Telegram @clubederevistas


ESTEVAM AVELLAR/TV GLOBO

CLIMA RUIM *Cara e Coragem*: novela feita na pandemia não foi bem

Claudia, curiosamente, começou sua carreira como roteirista do programa *Casseta & Planeta, Urgente!,* escrevendo piadas e esquetes na década de 1990. Depois de passar por outros humorísticos da emissora, virou colaboradora — e pupila — de Walcyr Carrasco em três novelas: *Sete Pecados* (2007), *Caras e Bocas* (2009) e *Morde & Assopra* (2011). Depois, trabalhou em *Alto Astral* (2014), de Daniel Ortiz, antes de ganhar a chance de voar solo com *Pega Pega* (2017). A trama das 7 foi um êxito. "Eu não precisei ensinar a Claudia a fazer novelas porque ela já sabia. Ela me trouxe grandes ideias e é capaz de um entrosamento total", elogia Carrasco.

O talento fica explícito em *Volta por Cima*. Protagonizada por Jéssica Ellen, a trama segue a jornada de Madá, uma jovem batalhadora que perde o chão quando seu pai, Lindomar

Telegram @clubederevistas

(MV Bill), morre no último dia de trabalho como motorista de ônibus antes da tão sonhada aposentadoria, após sofrer um infarto. O retrato do chefe de família é inspirado no pai da autora, que também morreu cedo, quando ela tinha apenas 19 anos, e era um de seus maiores incentivadores. Além do luto, a novela também trata de outros temas contemporâneos, como o fenômeno dos *idols* do k-pop e dos k-dramas, os bicheiros do Rio de Janeiro que fazem o Carnaval e o uso desenfreado de anabolizantes por jovens na era fitness. Até os ricos falidos da alta sociedade carioca não escapam da verve irônica e ligeira da autora, que entrelaça seus núcleos de forma tão amarrada e bem-humorada quanto se espera de uma velha e boa trama do horário das 7.

Com média de 19,3 pontos de ibope na Grande São Paulo, *Volta por Cima* é tão bem avaliada internamente na Globo que foi esticada em mais uma semana, até 23 de abril. Para além dos índices, seu trunfo está na boa repercussão nas redes sociais — detalhe que faz toda a diferença na avaliação de um folhetim hoje. As cenas da espevitada Roxelle (Isadora Cruz) e do espalhafatoso Gigi (Rodrigo Fagundes) viralizam na internet. Claudia se vale de expedientes clássicos dos folhetins, como o vilão caricato Osmar (Milhem Cortaz), malandro que se enrola nas próprias escolhas. Ou ainda o romance ao estilo *black joy* da mocinha Madá e Jão (Fabrício Boliveira), que começam se odiando, mas acabam se apaixonando e terão de enfrentar vários obstáculos até seu esperado final feliz, com muita torcida do público — afinal, todo mundo gosta de uma boa novela com superação. ■

Telegram ... vistas



DIAMOND FILMS

TRAMA REAL Domingo *(no centro):* o filme mostra o poder transformador da arte em presídios americanos

AS INDICAÇÕES

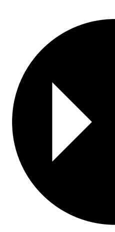
- ATOR - COLMAN DOMINGO
- CANÇÃO ORIGINAL
- ROTEIRO ADAPTADO



CINEMA

SING SING **(Estados Unidos, 2023. Estreia no país na quinta-feira 13)**

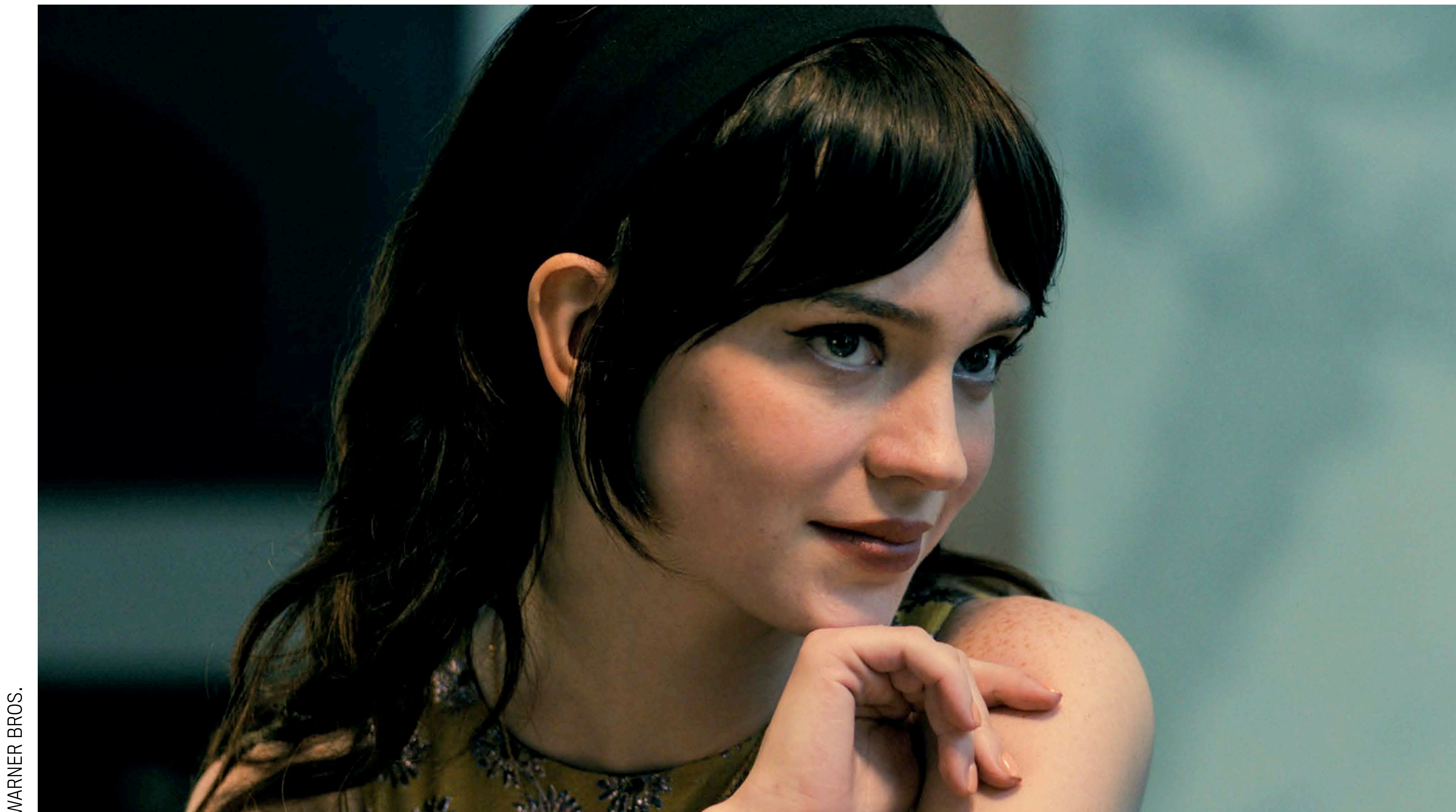
No palco do teatro, Divine G (Colman Domingo) é aplaudido por sua atuação brilhante. Mas, no camarim, o filme do diretor Greg Kwedar revela o contraste brutal: os atores trocam o figurino colorido pelo verde opaco do uniforme prisional. Baseado em histórias reais, o longa retrata o projeto de reabilitação por meio da arte aplicado em prisões americanas. Na trama, após uma sequência de peças dramáticas, os encarcerados se animam para fazer uma comédia original: o roteiro montado por eles mistura faroeste com viagem no tempo e um pouco de *Hamlet.* A maior parte do elenco do filme é formada por ex-detentos saídos do projeto. O destaque é o excelente Clarence Maclin. Preso por dezessete anos por roubo, ele divide o protagonismo com o astro Domingo e assina o roteiro, indicado ao Oscar.



Telegram @clubederevistas

ACOMPANHANTE PERFEITA

***(Companion,* Estados Unidos, 2025. Em cartaz nos cinemas do país)**

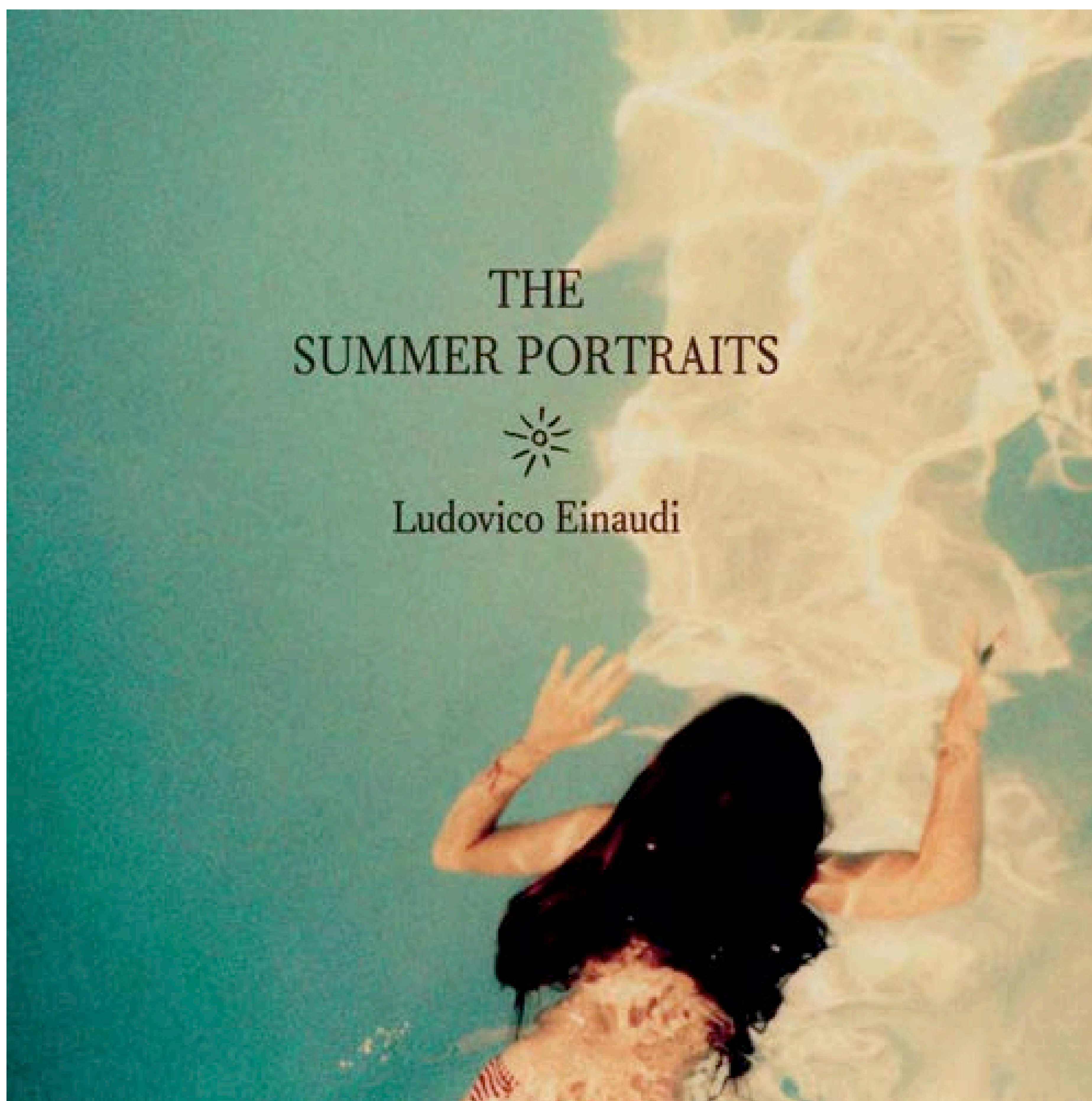


WARNER BROS.

SUSPENSE Sophie Thatcher como a misteriosa Iris: namorada (quase) ideal

O romance entre Iris e Josh parece um conto de fadas: em um dia banal no mercado, seus olhares se cruzaram e a paixão foi instantânea. O namoro aparentemente inabalável mostra sinais de rachadura quando o casal vai passar um fim de semana com amigos em uma mansão no meio da floresta. No filme do diretor e roteirista Drew Hancock (autor de comédias ácidas como a série *Suburgatório),* os protagonistas, vividos por Sophie Thatcher e Jack Quaid, vão do romance açucarado ao thriller sanguinolento, em uma trama afiada sobre a dificuldade humana de criar laços em tempos de relações virtuais superficiais.

Telegram @clubederevistas



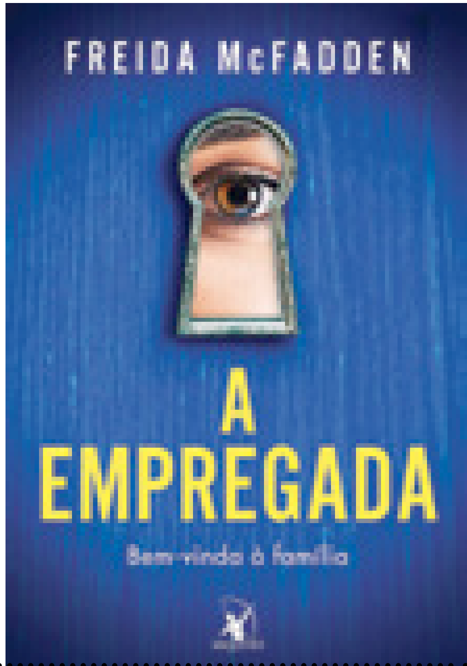
DISCO

THE SUMMER PORTRAITS,
de Ludovico Einaudi (disponível nas plataformas de streaming)

Aos 69 anos, o compositor e pianista italiano é hoje a melhor porta de entrada dos jovens para a música clássica. Suas composições emotivas e minimalistas, que já foram usadas como trilha sonora em filmes como *Intocáveis* (2011), viralizaram entre a geração Z e no terreno fértil do TikTok, levando-o a acumular 9 bilhões de streams. As treze faixas de seu novo álbum, todas instrumentais, seguem essa tendência. É o caso da singela *Punta Bianca*, inspirada nas idílicas férias de verão de sua infância. ■

Telegram @clubederevistas

FICÇÃO



1 **A EMPREGADA**
Freida McFadden [4 | 34#] ARQUEIRO

2 **VERITY**
Colleen Hoover [2 | 143#] GALERA RECORD

3 **A HORA DA ESTRELA**
Clarice Lispector [3 | 13#] ROCCO

4 **TEMPESTADE DE ÔNIX**
Rebecca Yarros [1 | 2] PLANETA MINOTAURO

5 **TUDO É RIO**
Carla Madeira [5 | 116#] RECORD

6 **NUNCA MINTA**
Freida McFadden [10 | 2] RECORD

7 **A BIBLIOTECA DA MEIA-NOITE**
Matt Haig [7 | 130#] BERTRAND BRASIL

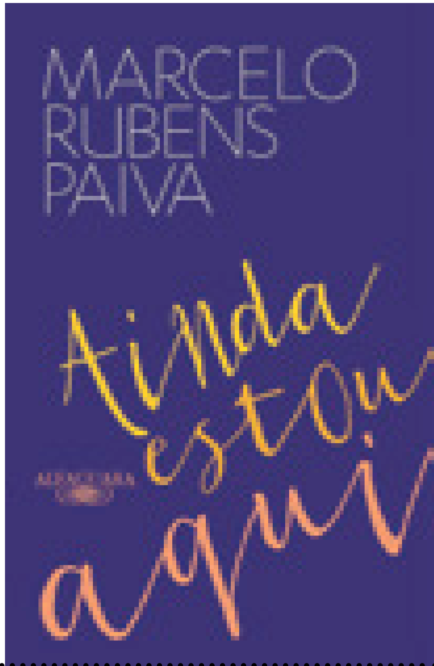
8 **BOX TRILOGIA SENHOR DOS ANÉIS**
J.R.R. Tolkien [0 | 29#] HARPERCOLLINS BRASIL

9 **É ASSIM QUE ACABA**
Colleen Hoover [9 | 172#] GALERA RECORD

10 **É ASSIM QUE COMEÇA**
Colleen Hoover [8 | 110#] GALERA RECORD

Telegram @clubederevistas

NÃO FICÇÃO



1 **AINDA ESTOU AQUI**
Marcelo Rubens Paiva [1 | 17#] ALFAGUARA

2 **NAÇÃO DOPAMINA**
Dra. Anna Lembke [2 | 71#] VESTÍGIO

3 **A GERAÇÃO ANSIOSA**
Jonathan Haidt [3 | 17#] COMPANHIA DAS LETRAS

4 **QUARTO DE DESPEJO: DIÁRIO DE UMA FAVELADA**
Carolina Maria de Jesus [0 | 68#] ÁTICA

5 **FELIZ ANO VELHO**
Marcelo Rubens Paiva [6 | 2] ALFAGUARA

6 **NEXUS**
Yuval Noah Harari [5 | 16#] COMPANHIA DAS LETRAS

7 **A PRÓXIMA ONDA**
Mustafa Suleyman e Michael Bhaskar [0 | 1] RECORD

8 **SOCIEDADE DO CANSAÇO**
Byung-Chul Han [0 | 82#] VOZES

9 **A VIDA NÃO É ÚTIL**
Ailton Krenak [0 | 14#] COMPANHIA DAS LETRAS

10 **MULHERES QUE CORREM COM OS LOBOS**
Clarissa Pinkola Estés [10 | 205#] ROCCO

Telegram @clubederevistas

AUTOAJUDA E ESOTERISMO



1 **CAFÉ COM DEUS PAI 2025**
Junior Rostirola [1 | 17] VÉLOS

2 **NUNCA JOGUE UMA IDEIA FORA**
Sauana Alves [2 | 8#] GENTE

3 **AS 48 LEIS DO PODER**
Robert Greene [5 | 49#] ROCCO

4 **HÁBITOS ATÔMICOS**
James Clear [4 | 82#] ALTA BOOKS

5 **A PSICOLOGIA FINANCEIRA**
Morgan Housel [6 | 65#] HARPERCOLLINS BRASIL

6 **COMO FAZER AMIGOS & INFLUENCIAR PESSOAS**
Dale Carnegie [3 | 145#] SEXTANTE

7 **MAIS ESPERTO QUE O DIABO**
Napoleon Hill [9 | 264#] CITADEL

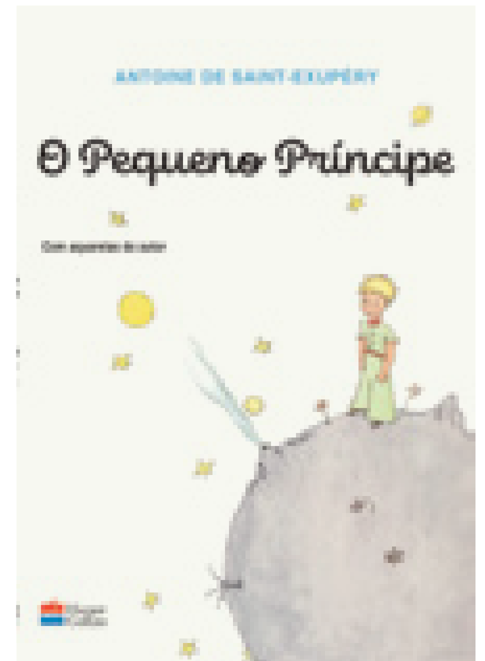
8 **A MORTE É UM DIA QUE VALE A PENA VIVER**
Ana Claudia Quintana Arantes [7 | 12#] SEXTANTE

9 **CAFÉ COM JESUS**
Vinicius Iracet [0 | 2#] CITADEL

10 **O HOMEM MAIS RICO DA BABILÔNIA**
George S. Clason [8 | 195#] HARPERCOLLINS BRASIL

Telegram @clubederevistas

INFANTOJUVENIL



1 **O PEQUENO PRÍNCIPE**
Antoine de Saint-Exupéry [2 | 451#] VÁRIAS EDITORAS

2 **EXTRAORDINÁRIO**
R.J. Palacio [6 | 129#] INTRÍNSECA

3 **HARRY POTTER E A PEDRA FILOSOFAL**
J.K. Rowling [0 | 452#] ROCCO

4 **MALALA, A MENINA QUE QUERIA IR PARA A ESCOLA**
Adriana Carranca [5 | 41#] COMPANHIA DAS LETRINHAS

5 **O MEU PÉ DE LARANJA LIMA**
José Mauro de Vasconcelos [4 | 18#] MELHORAMENTOS

6 **DIÁRIO DE PILAR NA AMAZÔNIA**
Flávia Lins e Silva [7 | 6#] PEQUENA ZAHAR

7 **MELHOR DO QUE NOS FILMES**
Lynn Painter [3 | 34#] INTRÍNSECA

8 **FELPO FILVA**
Eva Furnari [8 | 4] MODERNA

9 **O MENINO DO DEDO VERDE**
Maurice Druon [9 | 6#] JOSÉ OLYMPIO

10 **UMA LONGA CAMINHADA ATÉ A ÁGUA**
Linda Sue Park [0 | 1] WMF MARTINS FONTES

Telegram @clubederevistas

[A|B#] – A] posição do livro na semana anterior B] há quantas semanas o livro aparece na lista #] semanas não consecutivas

Pesquisa: **BookInfo** / Fontes: **Aparecida:** Paulus; **Aracaju:** Escariz, Paulus; **Balneário Camboriú:** Curitiba; **Barra Bonita:** Real Peruíbe; **Barueri:** Travessa; **Belém:** Leitura, Paulus, SBS, Travessia; **Belo Horizonte:** Disal, Jenipapo, Leitura, Livraria da Rua, Paulus, SBS, Vozes; **Bento Gonçalves:** Santos; **Betim:** Leitura; **Blumenau:** Curitiba; **Boa Vista:** Paulus; **Brasília:** Disal, Leitura, Livraria da Vila, Paulus, SBS, Vozes; **Cabedelo:** Leitura; **Cachoeirinha:** Santos; **Campina Grande:** Leitura, Paulus; **Campinas:** Disal, Leitura, Livraria da Vila, Loyola, Paulus, Vozes; **Campo Grande:** Leitura, Paulus; **Campos do Jordão:** História sem Fim; **Campos dos Goytacazes:** Leitura; **Canoas:** Mania de Ler, Santos; **Capão da Canoa:** Santos; **Caruaru:** Leitura; **Cascavel:** A Página; **Cássia:** Livraria da Praça; **Caxias do Sul:** Paulus; **Colombo:** A Página; **Confins:** Leitura; **Contagem:** Leitura; **Cotia:** Paulus, Prime, Sapiências, Um Livro; **Criciúma:** Curitiba; **Cuiabá:** Paulus, Vozes; **Curitiba:** A Página, Curitiba, Disal, Evangelizar, Livraria da Vila, Paulus, SBS, Vozes; **Florianópolis:** Curitiba, Livrarias Catarinense, Paulus; **Fortaleza:** Evangelizar, Leitura, Paulus, Vozes; **Foz do Iguaçu:** A Página; **Frederico Westphalen:** Vitrola; **Garopaba:** Navegar; **Goiânia:** Leitura, Palavrear, Paulus, SBS; **Governador Valadares:** Leitura; **Gramado:** Mania de Ler; **Guaíba:** Santos; **Guarapuava:** A Página, Paulus; **Guarulhos:** Disal, Livraria da Vila, Leitura, SBS; **Ipatinga:** Leitura; **Itajaí:** Curitiba; **Jaú:** Casa Vamos Ler; **João Pessoa:** Leitura, Paulus; **Joinville:** A Página, Curitiba; **Juiz de Fora:** Leitura, Paulus, Vozes; **Jundiaí:** Leitura; **Limeira:** Livruz; **Lins:** Koinonia; **Londrina:** A Página, Curitiba, Livraria da Vila; **Macapá:** Leitura; **Maceió:** Leitura, Paulus; **Manaus:** Paulus; **Maringá:** Curitiba; **Mogi das Cruzes:** A Eólica Book Bar, Leitura; **Natal:** Leitura, Paulus; **Niterói:** Blooks, Ponte; **Palmas:** Leitura; **Paranaguá:** A Página; **Pelotas:** Vanguarda; **Petrópolis:** Vozes; **Poços de Caldas:** Livruz; **Ponta Grossa:** Curitiba; **Porto Alegre:** A Página, Cameron, Disal, Leitura, Macun Livraria e Café, Mania de Ler, Paisagem, Paulus, Taverna, Santos, SBS; **Porto Velho:** Leitura; **Recife:** Disal, Leitura, Paulus, SBS, Vozes; **Ribeirão Preto:** Disal, Livraria da Vila, Paulus; **Rio Claro:** Livruz; **Rio de Janeiro:** Blooks, Disal, Janela, Leitura, Leonardo da Vinci, Odontomedi, Paisagem, SBS; **Rio Grande:** Vanguarda; **Salvador:** Disal, Escariz, LDM, Leitura, Paulus, SBS; **Santa Maria:** Santos; **Santana de Parnaíba:** Leitura; **Santo André:** Disal, Leitura, Paulus; **Santos:** Loyola; **São Bernardo do Campo:** Leitura; **São Caetano do Sul:** Disal, Livraria da Vila; **São João de Meriti:** Leitura; **São José:** A Página, Curitiba; **São José do Rio Preto:** Leitura, Paulus; **São José dos Campos:** Amo Ler, Curitiba, Leitura; **São José dos Pinhais:** Curitiba; **São Luís:** Hélio Books, Leitura, Paulus; **São Paulo:** Aigo Livros, A Página, B307, Círculo, CULT Café Livro Música, Curitiba, Disal, Dois Pontos, Drummond, Essência, HiperLivros, Leitura, Livraria da Tarde, Livraria da Vila, Loyola, Megafauna, Paisagem, Paulus, Perdizes, Santuário, Selecta, Simples, SBS, Vida, Vozes, WMF Martins Fontes; **Serra:** Leitura; **Sete Lagoas:** Leitura; **Sorocaba:** Paulus; **Taboão da Serra:** Curitiba; **Taguatinga:** Leitura; **Taubaté:** Leitura; **Teresina:** Leitura; **Uberlândia:** Leitura, Paulus, SBS; **Umuarama:** A Página; **Vila Velha:** Leitura; **Vitória:** Leitura, Paulus, SBS; **internet:** A Página, Amazon, Authentic E-commerce, Boa Viagem E-commerce, Canal dos Livros, Curitiba, Leitura, LT2 Shop, Magazine Luiza, Sinopsys, Travessa, Vanguarda, Um Livro, WMF Martins Fontes



Telegram @clubederevistas

JOSÉ CASADO

À SOMBRA DE LULA

FERNANDO HADDAD começou o ano em destaque na galeria dos políticos brasileiros mais rejeitados. A maioria dos eleitores (56%) declara que não votaria nele se fosse candidato a presidente. Supera uma dúzia de possíveis candidatos à disputa de 2026 na lista submetida pelo instituto Quaest a 4 500 entrevistados em todas as regiões, na última semana de janeiro. Ganha de Jair Bolsonaro (53% de rejeição) e do seu filho deputado, Eduardo (55%); do ex-candidato presidencial Ciro Gomes (52%); do popular cantor sertanejo Gusttavo Lima (50%); e, também, do seu chefe, Lula (49%).

No Congresso, há quem atribua o desgaste de Haddad aos infortúnios do cargo na Fazenda. Argumenta-se, com benevolência, sobre a sua permanente exposição pública num governo viciado em amplificar as crises que cria ou administra. Há lógica na tese, mas, vale lembrar, onde hoje está Haddad esteve Fernando Henrique Cardoso no ciclo de superinflação, com Lula na oposição e em campanha presidencial. Ele foi o quarto ministro da Fazenda no curto governo de Itamar Franco (1993-1994), atravessou dez meses negociando na Câmara e no Senado a aprovação do

Plano Real, saiu candidato e se elegeu presidente por dois mandatos — com dupla vitória sobre Lula logo no primeiro turno.

Culpar a cadeira do ministro da Fazenda é como responsabilizar a janela pela paisagem de comida cara e pouco dinheiro no bolso dos brasileiros. Na cidade de São Paulo, onde vivem 9 milhões de eleitores, comprar uma cesta básica de alimentos na virada do ano significava gastar 64% de um salário mínimo líquido (descontados os tributos), segundo o Dieese.

O cenário pode piorar, porque os juros mais altos do planeta prenunciam declínio na produção e empregos nas contas do Banco Central para os meses adiante. Isso num ambiente de crescente insegurança pública e efeitos imprevisíveis das mudanças climáticas. Essa é a dimensão do problema do governo e do Partido dos Trabalhadores na temporada eleitoral de 2026.

A campanha já começou, avisou Lula, em preparação para a sétima disputa presidencial em três décadas e meia. Não será fácil, sugerem as pesquisas. Metade do eleitorado declara reprovar sua administração e diz que não votaria nele, mas ainda não encontrou candidato com o qual se identifique e em que se disponha a votar. Em 2022, Lula ganhou a eleição por diferença mínima (1,8 ponto percentual do total).

O governo e o PT chegaram ao meio do mandato ancorados na apatia. Talvez seja reflexo da permanência de ve-

Telegram @clubederevistas

“Está em curso no governo e no PT uma disputa fratricida: Haddad x Rui Costa”

lhas ideias para os problemas nacionais no novo mundo em que o Brasil reluz em retrocesso. O país voltou à posição de exportador de produtos primários que mantinha 100 anos atrás, enquanto metade das fábricas remanescentes do ciclo de industrialização enfrenta dificuldades para contratar pessoal qualificado, por causa do sistema educacional extremamente precário.

No centro do governo e na cúpula do partido a rotina é atribuir aos outros os próprios erros. O alvo predileto, atualmente, é o ministro da Fazenda. Mas se Haddad hoje é visto como um ministro fraco, é porque foi estimulado, depois desidratado e agora tem o horizonte limitado por decisões exclusivas de Lula, como na mais recente: “Se depender de mim, não tem outra medida fiscal”. Numa crítica tão sutil quanto ferina, Gilberto Kassab, presidente do PSD, comparou Lula a Dilma Rousseff numa reunião de empresários, lembrando: “A presidente não foi bem porque ela queria comandar a economia”.

Telegram @clubederevistas

Haddad tem sido vencido sucessivamente na mesa de decisões presidenciais. Hugo Motta, novo presidente da Câmara, atribui isso às “dificuldades de entendimento” dentro do Planalto. Elas não apenas existem como estão avançando na fritura pública do ministro da Fazenda. Exemplo: na sessão legislativa do sábado passado, quando Motta foi eleito, assessores da Casa Civil discutiam abertamente com deputados do Centrão a “necessidade de tirar Haddad” o mais rápido possível.

Está em curso no governo e no PT uma disputa renhida entre o ministro da Fazenda e o chefe da Casa Civil, Rui Costa. Ela ocorre à sombra e sob o patrocínio de Lula. É parte de um processo de autofagia, no qual líderes petistas se consomem em embates encarniçados e fratricidas há pelo menos duas décadas, desde a crise do mensalão. Sem projeto, sem bússola e sem rumo, se reduzem ao papel de gerentes temporários do mais antigo país do futuro. ■

■ Os textos dos colunistas não refletem necessariamente as opiniões de VEJA

BEBIDA FUNCIONAL ENRIQUECIDA COM SAÚDE E ENERGIA!

boa forma &



Life Mix e Boa Forma se uniram para nutrir seu momento de saúde e bem-estar, oferecendo sucos e chás deliciosos, naturais, sem adição de açúcar e enriquecidos com nutrientes.







APROVEITE AGORA!



/LifeMixOficial | lifemix.com.br

WNutritional

ANTENA 1

5 MILHÕES

Ibope confirma:
Antena 1 atinge número
inédito chegando a 5.203.758
de ouvintes únicos.

A RÁDIO MAIS OUVIDA DO BRASIL

FONTE: Kantar Ibope Media | Extended Radio | Estudo conta com 57 emissoras no Brasil no período de dezembro/2024 todos os dias das 05h00 às 24h00.

FEVEREIRO



Roxo

Conscientização do Lúpus, Fibromialgia e Mal de Alzheimer

Laranja

Combate à leucemia e incentivo a doação de sangue ou medula óssea

Para participar do nosso grupo no TELEGRAM, clique no ícone ao lado





CLUBE DE REVISTAS